UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Análise da religiosidade no esporte: o olhar de atletas olímpicos
brasileiros

Marcos Filipe Guimarães Pinheiro

São Paulo
2018

MARCOS FILIPE GUIMARÃES PINHEIRO

Análise da religiosidade no esporte: o olhar de atletas olímpicos
brasileiros

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos Simões.

São Paulo

2018

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Pinheiro, Marcos Filipe Guimarães
Análise da religiosidade no esporte: o olhar de atletas
olímpicos brasileiros / Marcos Filipe Guimarães Pinheiro. -- São
Paulo : [s.n.], 2018.
119p.

Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte da
Universidade de São Paulo.
Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Simões

1. Esportes 2. Religiosidade 3. Atletas I. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: PINHEIRO, Marcos Filipe Guimarães

Título: Análise da religiosidade no esporte: o olhar de atletas olímpicos

Tese apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências

Data:___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____Julgamento:_____

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____Julgamento:_____

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____Julgamento:_____

Ser um atleta de Cristo não significa orar para o seu time vencer. Deus não dá vantagem para aqueles que rezam sobre aqueles que não: trabalho duro faz isso! Ser um atleta de Cristo significa competir por Cristo de uma maneira em que você sempre dá o seu tudo para Ele e se ganhar ou perder, você Lhe agradece a capacidade e oportunidade de jogar. Isso significa dar toda a glória a Deus, não importa o resultado, porque você confia no plano Dele para a sua vida.

Stephen Curry

AGRADECIMENTOS

A Deus, doador e fonte de toda sabedoria.

Ao Prof. Antônio Carlos Simões, orientador e parceiro acadêmico. Obrigado pelas conversas, orientações e dicas preciosas sobre a elaboração deste trabalho, sobre a academia e sobre a vida.

Aos professores José Alberto Aguilar Cortez, Esdras Guerreiro Vasconcellos e João Ricardo Lebert Cozac, obrigado pelas contribuições valiosas para este estudo.

Às atletas participantes deste estudo que bondosamente aceitaram doar parte do seu tempo para participar da pesquisa, falando sobre assuntos privados e particulares, como a religião nos dias atuais.

À Débora Coelho Cordeiro Pinheiro, companheira e parceira paciente que convive comigo e meus estudos diariamente.

Aos meus pais e primeiros mestres da minha vida, que sempre me apoiaram e me incentivaram incondicionalmente a seguir estudando não importando as dificuldades e desafios.

Ao programa e à secretaria de pós-graduação da EEFÉ/USP pela formação de qualidade e por todo apoio, mesmo que a distância, sempre prontos a ajudar com muito boa vontade e paciência.

Aos colegas do programa de pós-graduação e professores que ao longo da caminhada foram trocando conhecimentos e experiências nos muitos e-mails e mensagens trocados, nas disciplinas cursadas e conversas informais de corredores e em eventos que participamos juntos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) pelo financiamento parcial do estudo por meio de bolsa acadêmica de pós-graduação.

Aos amigos de estudo Cleiton Pereira Reis, Elton César dos Santos e Wesley Campos de Moura pelos muitos momentos de diversão e aprendizado com vocês.

RESUMO

PINHEIRO, M.F.G. **Análise da religiosidade no esporte:** o olhar de atletas olímpicos brasileiros. 2018. 119 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2018.

O sinal da cruz feito sobre o peito ao entrar no local de disputa sempre com o pé direito; dedos apontados para o céu enquanto uma reza ou oração é proferida antes da partida, ou em agradecimento por um gol ou ponto marcado, enfim, pela vitória, pela medalha pendurada no pescoço. Conseguimos encontrar com muita facilidade inúmeras manifestações cotidianas de religiosidade no meio esportivo. Essas crenças pessoais e o esporte podem conviver em paz e harmonia na vida de um atleta por toda sua carreira em total simbiose. Todavia, ambos, esporte e religiosidade podem se chocar e promover momentos de crise entre a religião professada, crenças pessoais e a carreira esportiva. Alguns exemplos disso podem ser percebidos nos conflitos envolvendo a observação de jejuns obrigatórios impostos pela religião durante competições, guarda de dias sagrados, abstenção e recusa em receber prêmios em bebida alcoólica, uso de uniformes com slogans contrários à crenças ou que mostram o corpo de forma imprópria, entre muitos outros. Como estes processos são percebidos na carreira de atletas olímpicos? Será que o esporte pode ser visto, de alguma forma, como um substituto, parceiro ou inimigo da religião para alguns atletas? Como a religião poderia influenciar os processos de treinamento e as competições? E ao mesmo tempo, como o esporte poderia influenciar as práticas religiosas cotidianas? Assim, quais as relações que os atletas percebem entre o esporte e suas crenças? Como os atletas enxergam e administram tais relações? Assim, foi objetivo desta pesquisa investigar, comparar e analisar as possíveis relações das vivências esportivas e da religiosidade de atletas olímpicos mediante entrevistas semiestruturadas baseadas no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e Método de História Oral. Participaram deste estudo cinco atletas do sexo feminino e idade entre 27 e 56 anos, competidoras na última edição dos Jogos Olímpicos realizado no Brasil no ano de 2016 considerando a representatividade de tais atletas no cenário nacional nas modalidades Rugby, Luta (Wrestling), Remo, Taekwondo e Tiro Esportivo. Neste estudo exploratório descritivo de natureza qualitativa foram realizadas entrevistas semiestruturadas baseadas nos métodos de História Oral Temática e os dados analisados a partir do DSC. Os resultados mostraram que a influência religiosa percebida diretamente na vivência esportiva é fraca: pontual – somente para determinados fins e esporádica – apenas em alguns momentos, estando sempre relacionada à superação de desafios e conquista de objetivos. A crença em Deus das atletas pesquisadas, embora sofra influência da religião familiar predominante, é exercida a sua maneira, subjetiva e individualmente e fornece suporte psicológico para a maioria das atletas ao ajudar a lidar com os constantes desafios da carreira esportiva promovendo resiliência, autoconfiança e esperança. Enquanto que a não crença é vista como um forma de ter mais autonomia no esporte, mais autonomia para agir no mundo sem precisar prestar conta ou esperar pela intervenção de um ser superior. As tendências de comportamentos das atletas, envolvidas com as orientações religiosas, são tão plurais quanto suas crenças, uma vez que a bricolagem de crenças e religiões é feita mais individualmente e menos coletivamente.

Palavras-chave: esporte; religiosidade; atleta.

ABSTRACT

PINHEIRO, M.F.G. **Analysis of religiosity in sport:** the view of Brazilian Olympic athletes. 2018. 119 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2018.

The sign of the cross made on the chest when entering the place of dispute always with the right foot; fingers pointed to the sky while a prayer or prayer is given before the game, or in thanks for a goal or point marked, finally, by the victory, by the medal. We have been able to find with ease many daily manifestations of religiosity in the sport. These personal beliefs and sport can live in peace and harmony in the life of an athlete throughout his career in total symbiosis. However, both sport and religiosity may clash and promote moments of crisis between professed religion, personal beliefs and sports career. Some examples of this can be seen in conflicts involving the observance of mandatory fastings imposed by religion during competitions, sacred day keeping, abstention and refusal to receive alcoholic prizes, wearing uniforms with slogans that are contrary to beliefs or that show the body, among many others. How are these processes perceived in the career of Olympic athletes? Can sport be seen in any way as a substitute, partner, or enemy of religion for some athletes? How could religion influence training processes and competitions? And at the same time, how could sport influence everyday religious practices? So, what relationships do athletes perceive between sport and its beliefs? Thus, it was the objective of this research to investigate, compare and analyze the possible relationships of sporting experiences and the religiosity of Olympic athletes through semi-structured interviews based on the Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) and Oral History Method. Participating in this study five female athletes, 27 until 56 years old, who competed in the last edition of the Olympic Games in Brazil 2016, considering the representation of such athletes in the national scenario in the Rugby, Wrestling, Taekwondo and Shooting. The results showed that the religious influence perceived directly in the sporting experience is weak: punctual - only for certain purposes and sporadic - only in some moments, being always related to overcoming challenges and achieving goals. The athletes' belief in God while influenced by the predominant family religion, is exercised in their own way, subjectively and individually, and provides psychological support for most athletes by helping to deal with the constant challenges of a sports career by promoting resilience, self-confidence, and hope. While non-belief is seen as a way to have more autonomy in sport, more autonomy to act in the world without someone to care with or wait for the intervention. Athletes' behavioral tendencies, involved with religious orientations, are as plural as their beliefs, since the bricolage of beliefs and religions is made more individually and less collectively.

Keywords: sport; religiosity; athlete.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVO GERAL.....	15
2.1. Objetivos Específicos.....	15
3. JUSTIFICATIVA.....	16
4. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	18
5. REVISÃO DE LITERATURA.....	19
5.1. A religiosidade na sociedade contemporânea.....	19
5.2. A relação entre esporte e religião: entre a antiguidade, a modernidade e os dias atuais.....	33
5.3. A “religiosidade em toda parte” e outras particularidades do caso brasileiro.....	50
6. HIPÓTESE CENTRAL.....	58
6.1. Hipótese complementar.....	58
7. MATERIAL E MÉTODO.....	59
7.1. Casuística.....	59
7.2. Participantes e procedimentos.....	59
7.3. Instrumentos.....	61
8. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	66
8.1. As atletas.....	66
8.2. Questão 01 - Como você se descreve em relação à sua religiosidade? ...	75
8.3. Questão 02 - De que maneiras você percebe que a sua religiosidade influencia a sua prática esportiva?.....	79
8.4. Questão 03 - De que maneiras você percebe que o esporte influencia a sua religiosidade?.....	83
8.5. Questão 04 - Você acredita que situações no esporte, como derrotas e vitórias, por exemplo, podem ser influenciadas de alguma forma por	

forças sobrenaturais, como Deus, algum poder superior, sorte/azar, etc.?	
Por que?.....	90
8.6. Questão 05 - Como você considera a realização de manifestações religiosas em eventos e competições esportivas?.....	95
9. CONCLUSÕES.....	103
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXOS.....	113

Lista de Quadros

Quadro 1: Expressões-chave (ECH), Ideias centrais (IC) e Ancoragem (AC).....	75
Quadro 1.1: Categorização das Ideias Centrais (IC).....	75
Quadro 1.2: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).....	76
Quadro 2: Expressões-chave (ECH), Ideias centrais (IC) e Ancoragem (AC).....	79
Quadro 2.1: Categorização das Ideias Centrais (IC).....	81
Quadro 2.2: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).....	81
Quadro 3: Expressões-chave (ECH), Ideias centrais (IC) e Ancoragem (AC).....	83
Quadro 3.1: Categorização das Ideias Centrais (IC).....	84
Quadro 3.2: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).....	85
Quadro 4: Expressões-chave (ECH), Ideias centrais (IC) e Ancoragem (AC).....	90
Quadro 4.1: Categorização das Ideias Centrais (IC).....	92
Quadro 4.2: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).....	92
Quadro 5: Expressões-chave (ECH), Ideias centrais (IC) e Ancoragem (AC).....	95
Quadro 5.1: Categorização das Ideias Centrais (IC).....	97
Quadro 5.2: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).....	97

1 INTRODUÇÃO

O sinal da cruz feito sobre o peito ao entrar no local de disputa sempre com o pé direito; dedos apontados para o céu enquanto uma reza ou oração é proferida antes da partida, ou em agradecimento por um gol ou ponto marcado, enfim, pela vitória, pela medalha pendurada no pescoço. Nos *Jogos Olímpicos* realizados no Brasil em 2016, conseguimos encontrar com muita facilidade inúmeras manifestações cotidianas de religiosidade no meio esportivo. Sem falar nas discussões envolvendo o Centro Inter-religioso (com suas capelas ou *prayer rooms*) da vila olímpica e as religiões participantes.¹

Além de tais exemplos, manifestações religiosas podem ser observadas na confiança de atletas, técnicos e torcedores em amuletos, tatuagens, roupas por baixo dos uniformes, ou a mesma na peça de roupa/uniforme, na barba/cabelo crescido/cortado, nas inúmeras rezas e orações, nos gestos e rituais realizados antes, durante ou no decorrer de partidas e/ou eventos esportivos. Tais comportamentos, bem como alguns objetos, práticas e rituais percorrem a religiosidade do atletas e buscam, de certa forma, preencher os vazios da incerteza da competição, do incontrolável, do desconhecido e da impotência.

Essas crenças pessoais e o esporte podem conviver em paz e harmonia na vida de um atleta por toda sua carreira em total simbiose. Todavia, ambos, esporte e religiosidade podem se chocar e promover momentos de crise entre a religião professada, crenças pessoais e a carreira esportiva. Alguns exemplos disso podem ser percebidos nos conflitos envolvendo a observação de jejuns obrigatórios impostos pela religião durante competições, como é o caso do Ramadan muçulmano, incompatíveis com a grande demanda energética/nutricional de atletas de alto rendimento.² Na proibição do uso do véu islâmico (*hijab*) em determinados jogos e competições.³ No mal-estar e possível recusa em utilizar uniformes e equipamentos que contenham estampas de patrocinadores cuja atividade comercial vá de encontro

¹ Por exemplo, <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/07/rezas-cultos-e-diversidade-conheca-o-centro-inter-religioso-da-rio-2016.html> e <http://regionalinterfaith.org.au/?tag=olympic-village>. Acesso em 20 de abril de 2017.

² Esta questão foi vivenciada recentemente pela tenista tunisiana Ons Jabeur e abordada pelo jornal francês *Le Monde*: <http://rolandgarros.blog.lemonde.fr/2017/06/02/j6-comment-etre-bon-a-roland-garros-quand-on-fait-le-ramadan/>. Acesso em 02 de junho de 2017.

³ Cf. <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/06/07/embaixador-chama-fifa-de-desumana-apos-veto-a-veu-islamico.htm>. Acesso em 20 de abril de 2017.

à fé professada. Ou até mesmo na abdicação de receber prêmios em bebida alcoólica para religiosos que se abstêm da ingestão de álcool.⁴ Nas multas aplicadas em federações por manifestações religiosas em partidas de futebol.⁵ Na guarda de dias sagrados como o sábado (*shabbath*) para religiões que buscam seguir todos os “Dez Mandamentos” contidos na Bíblia, como no caso de judeus, de Adventistas do Sétimo Dia, Batistas do Sétimo Dia, entre outras religiões, e o domingo para católicos e demais evangélicos, com isso, a não participação em treinos e competições nestes dias.⁶

Há muito tempo aspectos e princípios religiosos permeiam o meio esportivo, de acordo com Lovisolo e Lacerda (2000). Princípios de compaixão e ausência de egoísmo, geralmente contrários ao ambiente esportivo competitivo, foram destacados por Phill Jackson como a razão do sucesso nas quadras. O técnico possui o maior número de títulos da liga nacional de basquete estadunidense com 11 títulos, sendo seis com a equipe do *Chicago Bulls* e cinco com o *Los Angeles Lakers*, depois de ser bicampeão nas temporadas 2009 e 2010. Em seu livro, Jackson e Delehanty (1997) mostram como a experiência religiosa oriunda da família serviu de substrato para a elaboração de sua própria religiosidade. A partir de então, atitudes desinteressadas, a eleição do bem comum, o combate ao egoísmo, a solidariedade e a compaixão, entre outros, sugerem modos religiosos de agir nas quadras desenvolvidos por Jackson.

Mas, além dos locais de competição, a religiosidade também é encontrada em processos de tratamento e recuperação de atletas doentes e lesionados. McKnight e Juillerat (2011) mediram as percepções e práticas de 564 treinadores universitários estadunidenses relacionadas com o suporte espiritual de atletas lesionados. Segundo

⁴ Ver, por exemplo, “Como os jogadores muçulmanos estão mudando a cultura do futebol Inglês”, disponível em: http://www.islambr.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1035:como-os-jogadores-muculmanos-estao-mudando-a-cultura-do-futebol-ingles&catid=47:internacionais&Itemid=68. Acesso em 18 de março de 2017.

⁵ Cf. <http://www.bbc.com/sport/football/37867436> e <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,fifa-repreende-comemoracao-religiosa-da-selecao-brasileira,396345>. Acesso em 20 de abril de 2017.

⁶ Cf. <http://globoesporte.globo.com/pr/futebol/times/londrina/noticia/2016/01/goleiro-do-londrina-fala-da-opcao-pela-religiao-nao-temo-consequencias.html> e <http://globoesporte.globo.com/pr/futebol/noticia/2016/11/goleiro-vitor-acerta-com-o-pstc-com-clausula-para-nao-jogar-aos-sabados.html>. Watson, Weir e Friend (2005) também relatam casos de atletas que não disputaram provas em Olimpíadas por guardarem o domingo como dia santo: Eric Liddell em 1924 em Paris e Jonathan Edwards em 1988 em Seoul. Além deste último, outros exemplos de atletas britânicos de Rúgbi que não competiram em dias de domingo podem ser encontrados em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/picturegalleries/8838575/When-sport-and-religion-meet-in-pictures.html?image=8>. Acesso em: 15 de setembro de 2017.

o estudo, 82,4% dos treinadores concordaram que abordagem espiritual com os atletas lesionados pode resultar em resultados terapêuticos mais positivos e 64,3% consideraram que a prestação de assistência espiritual, considerada de difícil definição, não é sua responsabilidade. As principais questões surgem a respeito do que fazer e como fazer para se garantir o respeito à crença e à religiosidade do atleta. Foram também encontradas correlações positivas entre a religiosidade pessoal e a implementação de cuidados espirituais MCKNIGHT, JUILLERAT, 2011).

Vários estudos têm mostrado que o fenômeno do doping também pode ter relação com aspectos religiosos (RODEK, SEKULIC, PASALIC, 2009; ZENIC, STIPIC, SEKULIC, 2013; MORENTE-SÁNCHEZ, ZABALA, 2013; ZVAN *et al.*, 2016). Embora não faça parte do objetivo deste trabalho discutir o impacto da religiosidade no doping esportivo, é importante salientar que pesquisas vêm sendo realizadas nesse sentido.

Por exemplo, Zvan *et al.* (2016), com uma amostra de 886 atletas de esportes coletivos (futebol, vôlei, handebol e basquete), mostraram que mulheres atletas religiosas apresentaram menor propensão para o doping em comparação com os homens. Já Rodek, Sekulic e Pasalic (2009), analisando a relação entre a religiosidade de halterofilistas e doping, mostraram que aspectos da religião (Islã) além de servirem como fatores de proteção podem também subestimar e mascarar comportamentos de doping.

Essas e outras poucas pesquisas que têm estudado especificamente a relação entre o esporte e a religião mostram como a religião pode atuar como fator central na vida de alguns atletas.⁷ A religião pode interferir no controle do estresse, da ansiedade, de comportamentos violentos e do uso de substâncias potencialmente nocivas, na promoção de senso de segurança e ordem na vida, dando sentido e promovendo auxílio para suportar situações de sofrimento e sacrifício no esporte (STORCH *et al.*, 2001; 2004). De acordo com estes autores, atletas possuem níveis mais altos de religiosidade e fé religiosa que não atletas e que relações de confiança entre atletas e treinadores dificilmente serão construídas negligenciando aspectos tão vitais para a identidade do indivíduo como a religiosidade.

⁷ As reportagens a seguir demonstram isso: “Tudo pela fé: antes de Vitor, religião já mudou até carreira de goleiro de Copa”, disponível em: <http://globoesporte.globo.com/pr/futebol/noticia/2016/01/tudo-pela-fe-antes-de-vitor-religiao-ja-mudou-ate-carreira-de-goleiro-de-copa.html> e “Franck Ribery, Muslim midfielder for Bayern Munich, furious after getting doused with beer following Bundesliga win”, disponível em: <http://www.nydailynews.com/sports/more-sports/beer-bath-footballer-furious-article-1.1342859>. Acesso em 18 de março de 2017.

Além disso, Jona e Okou (2013) mostram que a religião pode ser vista como ferramenta para o desenvolvimento de união e convivência pacífica entre atletas homens e mulheres e está presente por meio de orações e rezas no esporte profissional, universitário e escolar. Estas orações vão desde pedidos por proteção, por bom desempenho, pela vitória, ou por mero ritual. Para os autores, esporte e religião são as principais instituições sociais na atualidade às quais muitos indivíduos se filiam e constroem suas identidades.

Como Elias e Dunning (1992, p.15) demonstraram a respeito do esporte,

embora as estruturas destas atividades e o seu significado variem para aqueles que nelas participam, até hoje nenhuma sociedade humana existiu que não tivesse algo de equivalente ao desporto moderno. Mais significativo ainda é o fato de muitos desportos possuírem, de certo modo, raízes religiosas, e a análise de Durkheim sobre a “efervescência coletiva” suscitada nos rituais religiosos dos aborígenes australianos pode ser transferida, *mutatis mutandis*, para a emoção e o excitação criados através dos desportos modernos. Até agora, apesar da evidência dos factos, poucas tentativas foram realizadas para integrar o estudo do desporto quer no quadro da religião, quer no da divisão do trabalho.

Assim, a religiosidade que vem sendo vivenciada atualmente na sociedade pode ser demonstrada e manifestada em todas as esferas da vida social, inclusive no esporte em larga escala (STORCH *et al.*, 2001; 2004; GARCIA, 2006; PARRY, 2007; LEITE, 2008; JONA; OKOU, 2013; ZVAN *et al.*, 2016).

Desse modo, atitudes e comportamentos religiosos, para Hervieu-Lèger (2008), são um forte amálgama social, pois estabelecem um modo de fusão emocional das consciências. Apesar de, muitas vezes, aparentemente precários e efêmeros, tais agrupamentos possuem uma eficácia, mesmo que instantânea para a produção de um “nós” comunitário bastante forte. Tal sentimento, aparentemente, pode ser potencializado no meio esportivo.

Ou então, como esta autora também salienta, a religiosidade na atualidade serve como modalidade eficaz de construção do sujeito, na medida em que se abraça uma identidade religiosa. Assim, se a religião não tem mais forças para regular a sociedade, ela ainda pode transformar e regular os indivíduos (HERVIEU-LÉGER, 2008).

2 OBJETIVO GERAL

Investigar, comparar e analisar as possíveis relações das vivências esportivas e da religiosidade de atletas olímpicos mediante entrevistas semiestruturadas baseadas no “Discurso do Sujeito Coletivo” (DSC) e “Método de História Oral”.

2.1 Objetivos Específicos

- Identificar as principais orientações religiosas e o envolvimento religioso de atletas olímpicos brasileiros;
- Examinar a ação do Esporte como possível agente de secularização na vida de atletas e a ação da religiosidade no “encantamento” e “sobrenaturalização” do fenômeno esportivo.

3 JUSTIFICATIVA

Estudos que apresentam como objetivo analisar religiosidade com o intuito de se conhecer as tendências de comportamentos orientados por crenças, credences e religiosidades não tem sido realizado com regularidade. Os trabalhos existentes geralmente ignoram as orientações religiosas levadas adiante por esportistas e atletas de alto rendimento. Desse modo e por essa razão, o presente estudo se justifica pela preocupação do pesquisador em investigar e compreender os aspectos relacionados com a religiosidade no mundo do esporte e suas relações com as carreiras esportivas de atletas brasileiros.

De acordo com Storch et al. (2001; 2004), a relação de confiança entre atletas e treinadores dificilmente será construída se for negligenciado aspectos envolvidos com a identidade desses agentes com suas tendências religiosas.

Sarkar, Hill e Parker (2015) destacaram a necessidade de que profissionais do esporte lidem com atletas com tendências de comportamentos religiosos de forma equilibrada. Esses autores destacam o respeito, a responsabilidade, integridade, competência e consideração. A falta de conhecimento dos agentes esportivos acerca das crenças, credences e religiosidades dos atletas, das diferenças culturais, dos impedimentos legais, entre outros aspectos, impossibilitam um tratamento adequado às questões envolvidas no cotidiano do ambiente esportivo.

Nesse sentido, McKnight e Juillerat (2011) também apontam a importância da realização de mais estudos relacionados ao cuidado de atletas, sobretudo lesionados/doentes, e o papel do suporte religioso, aspecto tão estudado na literatura médica, mas ainda ausente no âmbito esportivo. Uma forma eficaz, de acordo com os autores, de auxílio nos tratamentos e na recuperação mais rápida desses atletas. Como os autores demonstram, treinadores com maior religiosidade podem influenciar mais seus atletas com *coping* religioso.

Entretanto, é preciso notar que poucos trabalhos existentes procuram investigar, comparar e analisar tendências de comportamentos norteados por orientações religiosas. Após buscas empreendidas em bancos de dados como o Portal de periódicos da CAPES, PubMed, Medline e Lilacs com os termos “religiosidade”, “religiosity”, “religiousness”, “espiritualidade”, “spirituality”, “esporte” e “sport” nos títulos e/ou nos resumos, não foram encontrados trabalhos que

analisassem as relações entre a religiosidade de atletas no Brasil.⁸ Portanto, este estudo pode contribuir com lacunas ainda abertas no campo, ajudando no desenvolvimento de temas pertinentes à área, como, por exemplo, o abandono esportivo. Como mostram Spittle e Dillon (2014), ao estudarem as possíveis relações entre espiritualidade e experiências de fluxo (*flow*) em atletas de Golfe, há grande carência de trabalhos acadêmicos na área e de instrumentos específicos para o âmbito esportivo.

Apesar de comentadas, as relações que a religiosidade vem estabelecendo com o meio esportivo, por exemplo, apontam para lacunas na Educação Física. Entretanto, como destaca Moreira-Almeida (2007), estudar cientificamente a religiosidade na área da Saúde pode ser uma empreitada ao mesmo tempo entusiasta e arriscada. Pois estes assuntos compõem áreas de estudo - sobretudo nos campos das Ciências Humanas e Sociais - repletas de preconceitos, sejam a favor ou contra as ideias de religiosidade.

Segundo Moreira-Almeida (2007, p. 3), “é fácil deslizar, por um lado, para um ceticismo intolerante e uma negação dogmática ou, por outro, para uma aceitação ingênua de afirmações pouco fundamentadas”. Desse modo, “não importa se possuímos crenças materialistas ou espirituais, atitudes religiosas ou antirreligiosas, necessitamos explorar” as relações que a religiosidade vem estabelecendo no contexto esportivo para aprimorar o conhecimento sobre o ser humano e as suas relações com o Esporte (MOREIRA-ALMEIDA, 2007, p. 3-4).

Assim, esta pesquisa poderá contribuir fornecendo parâmetros para futuros estudos na Educação Física e Esporte, para o treinamento de atletas profissionais e o modo como se lida com a religiosidade e suas crenças no meio esportivo.

⁸ Em pesquisa realizada em 19 de março de 2018 no Portal de Periódicos da Capes encontrou-se um artigo da Psicologia que estudou a espiritualidade do esvaziamento presente na tradição filosófica do Karate-Do: BARREIRA, C.R.A.; MASSIMI, M. O combate subtrativo: a espiritualidade do esvaziamento como norte da filosofia corporal no Karate-Do. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.21, n.2, 2008, p. 283-292.

4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

O estudo exploratório descritivo é de natureza qualitativa e contou com a participação de cinco atletas com idade entre 27 e 56 anos, competidoras na última edição dos Jogos Olímpicos de 2016 no Brasil, de diferentes modalidades esportivas do gênero feminino. Desse modo e por essa razão, o estudo restringiu-se às seguintes delimitações:

Foram pesquisadas opiniões de atletas pertencentes a clubes e associações esportivas de nível avançado nas modalidades Rugby, Luta (Wrestling), Remo, Taekwondo e Tiro Esportivo, integrantes de federações especializadas, representativas de clubes de maior difusão do esporte no país. Todos os dados foram coletados utilizando instrumentos adequadamente validados durante um período de aproximadamente cinco meses (11 de novembro de 2017 a 10 de abril de 2018). Na aplicação dos instrumentos de pesquisa, obedeceu-se aos critérios estabelecidos pelos mesmos, entretanto, a precisão dos discursos dos atletas, pode ter variado de acordo com suas capacidades de discursos às questões formuladas.

O critério de escolha dos atletas olímpicos participantes da última edição dos Jogos Olímpicos limitou-se ao fato dos mesmos, no momento da coleta, se disponibilizarem para a entrevista em dia e horário combinado com eles. Os contatos se deram diretamente com os atletas por telefone e aplicativos de mensagens para smartphones, com as assessorias de imprensa, técnicos e familiares. Generalizações dos resultados devem ser realizadas com a devida cautela desta delimitação.

5 REVISÃO DE LITERATURA

5.1 A religiosidade na sociedade contemporânea

Como ressalta Geertz (1978), o ser humano parece ser incapaz de deixar sem esclarecimentos os problemas e questões da vida que não conseguem ser explicados.

Qualquer fracasso crônico do aparato explanatório, do complexo de padrões culturais recebidos (senso comum, ciência, especulação filosófica, mito) que se tem como mapeamento do mundo empírico para explicar as coisas que exigem uma explicação, tende a conduzir a uma inquietação profunda – uma tendência bastante mais difundida e uma inquietação muito mais profunda do que supúnhamos, desde que foi abalada, no bom sentido, a perspectiva de pseudociência da crença religiosa (GEERTZ, 1978, p. 115).

Pois os saberes religiosos, muitas vezes considerados como senso comum, passam a ser considerados, pela racionalidade da ciência, como irracionais e oriundos de uma dada fraqueza intelectual, individual ou coletiva. Entretanto, como ressalta Vaz (2000), ao explanar sobre a experiência mística, forma superior de experiência, de natureza religiosa ou religioso-filosófica, tal experiência é algo absolutamente singular. Não está aquém, mas além da razão, surgindo quando, e onde, esta cessa seu discurso. Portanto, não é irracional, mas transracional.

Aquilo que está “além da fronteira relativamente demarcada do conhecimento acreditado e que se avulta como pano de fundo na rotina cotidiana da vida prática” colocará “a experiência humana ordinária num contexto permanente de preocupação metafísica e levanta a suspeita difusa, oculta, de que se pode estar perdido num mundo absurdo” (GEERTZ, 1978, p. 117). Segundo o autor, há uma busca incessante por lucidez e uma torrente de “ansiedade metafísica” é derramada sobre o indivíduo quando fenômenos empíricos insistem em permanecer obscuros⁹.

Todavia, como mostra Moreira-Almeida (2007, p. 3), tratar cientificamente de assuntos tão flexíveis, ambíguos e permeáveis, repletos de preconceitos, como a religiosidade atualmente, sobretudo na área da Saúde pode ser uma empreitada ao mesmo tempo entusiasta e arriscada. Torna-se um grande desafio à medida em que “a maioria das pessoas tem opiniões sobre o tema, mas habitualmente essas opiniões foram formadas sem uma análise aprofundada das evidências disponíveis.”

⁹ Para exemplificar, Geertz (1978, p. 115) comenta: “Afinal de contas, até mesmo esse prelado superior do ateísmo heroico, Lorde Russell, observou certa vez que, embora o problema da existência de Deus nunca o tenha perturbado, a ambiguidade de certos axiomas matemáticos ameaçava desequilibrar sua mente. E a profunda insatisfação de Einstein com o quantum mecânico baseava-se na incapacidade dele de acreditar que, como dizia, Deus joga dados com o universo — uma noção bem religiosa”.

Para Cipriani (2007) e Ribeiro (2009), o tema da religiosidade é realmente impregnado de maleabilidade semântica inclusive nos trabalhos acadêmicos que se debruçam a estudá-lo. *Religiosidade, Religião, Sagrado, Espiritualidade*, entre outras terminologias trabalhadas a seguir, são conceitos maleáveis, fluídos, inapreensíveis e de difícil definição.

Mas, de acordo com esses autores, a *Religiosidade* - seja ela crente, secular, ou mesmo atea - é geralmente abordada por dois enfoques: *substantivo* e *dinâmico/funcional*. O primeiro estuda o fenômeno a partir de suas práticas, os ritos, os cultos, o sobrenatural, o invisível, os comportamentos, entre outros. Já o segundo, a partir dos sentidos e significados, salientam conotações funcionais, o papel da religião na sociedade, ou seja, de seu universo simbólico.

Em sua pesquisa, Ribeiro (2009) apresentou algumas definições de religiosidade convergentes e pertinentes. Para Georg Simmel, trata-se de uma capacidade humana que determina inteiramente alguns indivíduos enquanto se mostra rudimentar em outros. Habitualmente leva ao desenvolvimento de artigos de fé e à adoção de uma realidade transcendente. O teólogo João Batista Libanio define religiosidade como uma dimensão antropológica vivida por todo ser humano em diferentes graus, conforme cultura e gênero.

Para Hervieu-Léger, a religiosidade é, assim como para os demais, uma capacidade humana “de gerar formas cognitivas e emocionais de construção de sentidos e que assume manifestações culturais diversas”, entre elas, a religião institucionalizada. Embora historicamente sejam tratadas sem distinção, a religião institucionalizada é uma das formas possíveis de se viver a religiosidade. “E no atual contexto de desregulação institucional e de crescente número de religiosos-sem-religião, fica patente que, como diz Simmel, ‘a religião não cria a religiosidade, mas esta é que cria a religião’” (RIBEIRO, 2009, p.25).

Porém, como mostra Engler (2004) a respeito dos conceitos e definições do termo *Religião*, destaca a imprecisão e a impossibilidade de apreensão.

É difícil definir o que caracteriza essencialmente o conceito da religião: será Deus, deuses, o sagrado, as crenças numa vida após a morte, os rituais, a magia, o sacerdócio, as distinções entre classes sociais (marcadas pela superstição), os gastos econômicos irracionais ou a semelhança ao Cristianismo? Não existe e nunca existiu um consenso sobre o que define religião (ENGLER, 2004, p.28).

No entanto, por limitadas que sejam, é possível encontrar algumas definições elaboradas. Porém, a principal dificuldade é a operacionalidade das mesmas. Uma delas, de cunho antropológico, é dada por Geertz (1978, p.104):

Religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

Nota-se que a ênfase é marcadamente nos aspectos simbólicos, e praticamente não há muito de substantivo.

Numa outra definição possível, de natureza sociológica, na tentativa de operacionalizar uma definição, Hervieu-Léger (2008, p. 27) considera a religião como “um dispositivo ideológico, prático e simbólico pelo qual se constitui, se mantém, se desenvolve e é controlado o sentimento individual e coletivo de pertença a uma linhagem particular de crentes.” Tal linhagem funciona como referência legitimadora da crença e como um princípio de identificação social: interna ao congregar os que creem e externa ao separar dos que não creem.

Edgell (2012), por meio de uma revisão do estado da arte da sociologia da religião, vai mostrar que, mais do que as definições, importam as abordagens que conceituam o fenômeno. A autora destaca as dimensões atuais do fenômeno religioso estudadas pelos pesquisadores na atualidade. Assim, a religião tem sido analisada como campo institucional – com os estudos centrados nas instituições que moldam as crenças religiosas, as práticas e as mobilizações; como religiosidade vivida – relativo a vivência da religiosidade diária (pessoal/subjetiva) e de práticas sagradas, transcendentais e que dão significado para a vida cotidiana dos sujeitos; e como ferramenta cultural – formas de legitimação simbólica por meio de ideias, símbolos e metáforas religiosas, formas de distinção social e de relações de poder sobre família, gênero, sexualidade, saúde, etc.

Ao relacionar a *Religião* com o acionamento do *Sagrado* – em oposição ao profano –, Eliade (1992, p. 13) mostra a dificuldade de definir o sagrado. “Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas.” Ou seja, “a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma

realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’ (ELIADE, 1992, p. 13).”

Para Edgell (2012, p. 13), na sociedade moderna contemporânea, a designação de coisas como “sagradas” diz respeito a prática de separar as coisas e considerá-las especiais, permitindo a ordenação cognitiva e a coerência que os indivíduos buscam/encontram diariamente.

De fato, se quisermos definir e delimitar o sagrado, ser-nos-á necessário dispor de quantidade conveniente de “sacralidades”, isto é, de fatos sagrados. Esta heterogeneidade dos “fatos sagrados” começa por ser perturbante e acaba, pouco a pouco, por se tornar paralisante, pois se trata de ritos, de mitos, de formas divinas, de objetos sagrados e venerados, de símbolos, de cosmologias, de teologúmenos, de homens consagrados, de animais, de plantas, de lugares sagrados (ELIADE, 2010, p. 8).

Como mostra o autor, “tudo o que é insólito, singular, novo, perfeito ou monstruoso torna-se receptáculo para as forças mágico-religiosas” e de acordo com as circunstâncias, “um objeto de veneração ou de temor, em virtude do sentimento ambivalente que o sagrado provoca constantemente” (ELIADE, 2010, p. 20). Assim, para Eliade, o sagrado está na base, na essência de toda religião.

Todavia, há também outra possibilidade de descrição do fenômeno religioso, por meio da *Espiritualidade*. Embora uma visão holística de ser humano permita identificar uma dimensão espiritual fundante do ser humano, nem sempre a espiritualidade está ligada à religiosidade. A dimensão espiritual de uma pessoa não se manifesta necessariamente com a religião, sobretudo com a religião institucionalizada. De acordo com Hervieu-Léger (2008, p.155), a experiência espiritual pode ser entendida como “o meio e a expressão do poder que o indivíduo pode exercer sobre o mundo e sobre si mesmo, fora de qualquer engajamento em uma igreja particular.”

Há, por exemplo, “quem não relacione o espiritual com a ideia de um Deus, por ser uma questão fortemente ligada às religiões” (SANDRINI, 2007, p. 197). Assim, como mostra o autor, atualmente se fala de espiritualidade em vários contextos, como na saúde, na educação, na economia e até mesmo na política, bem como no esporte como veremos a seguir, indo muito além da religião.

Mesmo que muitas vezes tratada nos estudos da área da Saúde como sinônimos (PANZINI, BANDEIRA, 2007), Espiritualidade e Religiosidade são conceitos diferentes. Como mostra Yus (2002, *apud* SANDRINI, 2007), as

manifestações da espiritualidade humana podem ser vistas atualmente sob diferentes formas: como Religião; como forma de dar sentido à vida; como exercício de auto reflexão; como um conhecimento místico; como emoção; moralidade; ecologia; e como criatividade. Assim, na pós-modernidade, indivíduos buscam mais uma espiritualidade secular de caráter pessoal do que necessariamente seguir uma religião.

Para Robinson (2007), a religião formal pode ser vista como um exemplo, ou uma expressão da espiritualidade. De acordo com o autor, algumas características contribuem para a diferenciação destes dois termos. A Religião possui o foco em instituições sociais, preocupando-se com suas fronteiras, seus limites; se transmite por meio da tradição, da ortodoxia e da ortopraxia; e tem como base de suas experiências a fé no divino.

Já a Espiritualidade, enquanto dimensão e expressão do indivíduo, vai além, sem se preocupar com fronteiras e limites; se caracteriza por uma busca de significados no contexto pessoal; e inclui experiências de fé nas pessoas e no ambiente, podendo ser completamente ateuística. Por isso, a Espiritualidade pode ser entendida como uma dimensão humana que trata da busca de significado existencial do “self” e do “outro”. E porque está presente na educação, na saúde, no esporte e nas relações econômicas de uma forma geral, as vezes se manifesta como religião organizada, as vezes como mera superstição.

Dessa maneira, numa recente revisão literária, Dömötör, Ruíz-Barquín e Szabo (2016) mostraram como o esporte está repleto de superstição, sendo que os níveis de superstição podem estar associados a variados fatores. Por exemplo, atletas de alto nível demonstram comportamentos mais supersticiosos que os demais atletas; atletas de esportes coletivos são mais propensos à superstição e dependendo da posição do jogador na equipe isso pode variar. Outros inúmeros fatores como gênero, o tipo de esporte, aspectos culturais, religiosos e de crenças, locus de controle do atleta, níveis de habilidades, a personalidade e sentimentos de otimismo e pessimismo também podem afetar os níveis de superstição de atletas.

Considerando as diferenças entre superstição e religiosidade, Buhrmann e Zaugg (1983) mostraram que atletas mórmons frequentavam mais a igreja e também foram significativamente mais propensos a superstições quando comparados com atletas católicos e protestantes. Os autores ainda destacam que jogadores

professando diferentes religiões procuravam adotar meios de oração particulares e que estavam alinhados com a sua religião, mostrando que é difícil distinguir claramente entre as crenças e práticas religiosas e supersticiosas.

Em alguns momentos, não se pode estabelecer distinções definitivas. Por exemplo, é impossível determinar o momento em que determinada ação ou comportamento, que é parte de um programa de treinamento físico ou, principalmente, treinamento mental, seja para a atenção, concentração, etc., passa a ser um rito supersticioso para o atleta, e com o qual ele cria um vínculo de dependência.

Entretanto, como Malinowski (1988) mostra, diferentemente da dimensão religiosa, na superstição o indivíduo é quem age, a pessoa faz, o ser humano controla as coisas. Já no âmbito religioso, um Ser superior faz, age, controla as coisas. Assim, a superstição, ou magia ritualística, coincide com o êxito pessoal e o sucesso, com histórias bem sucedidas e exitosas. Portanto, a magia não espera pelos deuses, ela faz por si, sendo performática, repetitiva, ritualística, possuindo fórmulas a serem seguidas como chave para a sorte ou o azar, sendo o pragmatismo e o utilitarismo características marcantes.

No mesmo sentido, Evans-Pritchard (1978) com seu método Malinowskiano de trabalho de campo, mostrou a bruxaria como explicação para infortúnios da vida diária, possuindo um caráter regulatório da vida social. Para o autor, o oráculo não é uma pessoa, mas sim, uma prática, uma circunstância. Por isso é ritualístico e cerimonioso. Assim, a magia, de caráter animista, visa o imanente, enquanto que a religiosidade visa o transcendente.

Malinowski (1988) mostrara que a magia opera por meio de atos que são apenas meios para fins objetivos, enquanto a religião atua a partir de atos independentes que constituem por si próprios a realização da sua finalidade. Assim, a religiosidade essencialmente moral, lida com forças e, principalmente, seres sobrenaturais, de modo que não cabe desfazer coisas feitas pelo homem, como ocorre na mágica da superstição.

Com grande influência em seu meio e época, Marcel Mauss, contemporâneo de Malinowski, embora afirme que as diferenciações entre magia e religião façam parte de um jogo de juízos de valor, expressão de sentimentos sociais, também traz características substantivas para o rito mágico, onde habita a superstição. “*Todo rito que não faz parte de um culto organizado, rito privado, secreto, misterioso, que tende,*

no limite, ao proibido” é um rito mágico (HUBERT, MAUSS, 1904, p. 19). O autor ainda completa: “enquanto a religião, por meio de seus elementos intelectuais, tende à metafísica, a magia que retratamos, mais repleta de concreto, preocupa-se em conhecer a natureza”, sendo, por exemplo, a astrologia e a alquimia ramos da magia (HUBERT, MAUSS, 1904, p. 145).

Mariano (2008, p. 43) também deixa claro, o que segundo ele seria a “distinção clássica entre religião e magia”:

a primeira, por centrar-se numa relação de troca com os deuses e na oferta de recompensas extramundanas de longo prazo, tende a gerar compromissos estáveis, duradouros e institucionalmente organizados, enquanto a última, baseada na coação e manipulação de forças sobrenaturais e na oferta de recompensas pontuais, imediatistas e mundanas, tende a formar clientela.

Tal religiosidade, principalmente como religião institucionalizada (SANTOS *et al.*, 2015; PANZINI, BANDEIRA, 2007; LAWLER, YONGER, 2002), é capaz de promover uma reorganização global da vida da pessoa ao mesmo tempo em que constitui uma modalidade eficaz de construção de si, pois na conversão, abraça-se uma identidade religiosa. “A religião não pode pretender nem mudar o mundo, nem regular a sociedade, mas ela pode transformar os indivíduos” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 128). Transformação que reflete uma busca por uma vida pessoal reorganizada em protesto contra a desordem do mundo pós-moderno, onde se “impõe a fluidez de identidades plurais” e “nenhum princípio central organiza mais a experiência individual e social” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 125).

“A Religião, mesmo perdendo influência e legitimidade, continuou a exercer seu papel na educação das massas, conseguindo, inclusive, articular áreas da experiência humana que o sistema educacional oficial não soube trabalhar” (MODESTO, 2006, p. 78-79).

Santos *et al.* (2015) mostraram que a religiosidade intervém na visão de mundo, muda hábitos, inculca valores, enfim, é uma fonte de orientação da conduta e da vida. Algumas dessas experiências podem interferir nas formas de estudar, de trabalhar, de se divertir e vivenciar o lazer, de praticar esporte, enfim, de viver, de nascer e morrer. Podem exercer um papel estabilizador, construtivo e humanizador para a existência humana.

Como salienta Morin (2005, p. 289), “que os seres humanos se consagrem à diversão, ao consumo, à perdição, à adoração do invisível, à exaltação, pode ser

considerado como um desperdício desprovido de funcionalidade social”. Entretanto, todos estes “constituem eflorescências da complexidade individual e da complexidade social”. Eles “revelam a diferença irreduzível entre a sociedade de humanos e uma máquina trivial”.

Por mais que as analogias homem-máquina sejam intrínsecas ao treinamento esportivo, pois “é preciso (re)conhecer o corpo como objeto, ou não se pode treiná-lo” (VAZ, 1999, p. 102), é preciso também ir além. Como mostra o autor, “essa ‘consciência mecânica do corpo’ é fundamental para o desenvolvimento não só do esporte, mas de um pensamento de tipo esportivo” (VAZ, 1999, p. 101). Talvez, esta espécie de “redução operacional” do indivíduo atleta a um objeto tenha contribuído até o momento para a desconsideração das suas crenças, valores, da sua espiritualidade, enfim, da sua religiosidade nos estudos da Educação Física.

Segundo Hervieu-Lèger (2008), atualmente as religiosidades são difusas, mais plásticas, de associação e mobilização temporárias e ultrapassam as delimitações institucionais. Posicionamentos tradicionais, mais eclesiais e fundamentalistas dão lugar às escolhas e interesses individuais. Em um universo onde se impõe a fluidez de identidades plurais, onde não há um princípio central organizador da experiência individual e social, tem-se, portanto, novas formas de sociabilidade e construção de si. Um claro exemplo, desenvolvido mais a frente, é o *Olimpismo*, espécie de filosofia moral religiosa ligada ao esporte que assume o papel que outrora religiões institucionalizadas possuíam, de dar sentido e significado à vida de atletas e treinadores, bem como de torcedores (PARRY, 2007).

Pois após o desvanecimento da modernidade, no advento da pós-modernidade, quando não mais domina uma visão iluminista do ser humano, “puramente racional, definitivamente liberto do fascínio religioso”, tem-se uma “nova Era neo-romântica” (MODESTO, 2006, p. 78). Tomando rumos diferentes das previsões, a história mostra que há um reavivamento do sentimento religioso, fazendo com que o indivíduo se apegue a tudo aquilo que diz respeito à religião e/ou transcendência (MODESTO, 2006).

Hervieu-Léger e Willaime (2009) vão mostrar que desde a década de 1970 uma vasta literatura aponta, em perspectivas distintas, para um “retorno”, uma “volta” das aspirações religiosas na sociedade. Porém, como destaca Hervieu-Léger (2008), uma grande questão atual para os estudos sociológicos sobre religiosidade é tentar

entender conjuntamente como a sociedade secular mina a credibilidade de todo e qualquer sistema religioso e ao mesmo tempo faz proliferar novas formas de crença.

A autora deixa claro que

a secularização não é, acima de tudo, a perda da religião no mundo moderno. É o conjunto dos processos de reconfiguração das crenças que se produzem em uma sociedade onde o motor é a não satisfação das expectativas que ela suscita, e onde a condição cotidiana é a incerteza ligada à busca interminável de meios de satisfazê-las (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 41).

Ou seja, a “crença não desaparece, ela se desdobra e se diversifica, ao mesmo tempo em que rompem, com maior ou menor profundidade, de acordo com cada país, os dispositivos de seu enquadramento institucional” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 44).

Por exemplo, Leite (2008) e Garcia (2006) mostram o papel que o esporte vem desempenhando na sociedade, inclusive, assumindo formas religiosas e ocupando espaços outrora ocupados pela religião. A partir de seus mitos, ritos, crenças, ídolos e venerações, de superstições que marcam a sorte ou o azar do jogo, práticas esportivas e de lazer se aproximam muitas vezes da religiosidade humana. Para Garcia (2006), um claro apelo à transcendência.

De acordo com Vaz (2002), a partir de uma significação antropológica, a transcendência, ou, a relação de transcendência, exprime uma dimensão ontológica do ser humano. Faz parte de um universo simbólico “capaz de unificar as razões com as quais os indivíduos e as sociedades procuram dar um sentido ao seu estar no espaço e no tempo” (VAZ, 2002, p. 194). Sem o assentimento dessa presença antropológica-cultural que acompanha e norteia os rumos das civilizações, permanecem inexplicáveis a imensa variedade e originalidade dos universos simbólicos construídos pela humanidade “ao longo dos tempos e das culturas, e que se organizam e perduram mediante crenças, costumes, normas, instituições, saberes, artes” (VAZ, 2002, p. 194).

Mesmo Durkheim, na justificativa das formas religiosas, ou das religiosidades humanas como produções das sociedades, onde os deuses são concebidos e não percebidos, apontava para a dificuldade de explicá-las. Segundo o autor,

essas aspirações têm suas raízes dentro de nós, vêm das profundezas mesmas de nosso ser; portanto, não há nada fora de nós que possa explicá-las. Aliás, elas já são religiosas por si mesmas, portanto a sociedade ideal supõe a religião, em vez de poder explicá-la (DURKHEIM, 1996, p. 464).

Assim, a religião possivelmente desempenharia novos papéis nas sociedades com o passar do tempo, todavia, ela estaria mais destinada a se transformar do que a desaparecer (DURKHEIM, 1996). Não necessariamente uma religião institucional e tradicional, como já vimos, ou produto de consumo, mas religiosidades referenciadas culturalmente; sensibilidades religiosas que acionam o sagrado e sua propriedade de aproximar coisas e/ou ideias e fazer articulações.

Ao comentar sobre as décadas finais do século XX, Prandi (1996, p. 93) considera que deixamos uma época tida como o século da razão. Período que buscava e anunciava uma hegemonia da ciência e maneiras de explicar o mundo “inteiramente desencantadas, já desprovidas da necessidade de apelo à magia, ao sobrenatural, às explicações que escapam do controle racional”.

Entretanto, como mostram várias autoras e autores (NOVAES, 2005; PRANDI, 1996; MODESTO, 2006; PEREZ, 2009) referenciando o desencantamento do mundo proposto por Max Weber, atualmente observa-se um reencantamento. “A religião, ao contrário do que previam algumas teses da secularização, apresenta pleno vigor e mesmo uma renovação”; os jovens, “demonstram vivo interesse pela religião – que alguns ainda tratam como alienação enclausurante. Têm um interesse muito maior pela religião do que pela política partidária” (PEREZ, 2009, p. 191).

Com o advento da modernização, esperava-se que muitas das questões e problemas humanos pudessem ter como solução, recursos oferecidos pelo pensamento racional, científico, ao invés do pensamento mágico, sobrenatural, religioso. O que era fruto de vontade divina passa a ser regido exclusivamente por leis naturais, pois no pensamento moderno não há mais função para o divino. “Deus perde o controle da natureza (expulso por Darwin), o controle da história (expulso por Marx), o controle da consciência humana (expulso por Freud)”, culminando com a sanção de sua morte por Nietzsche. “Corrigindo Nietzsche, [...] o mundo moderno não matou Deus, mas, com certeza, O despediu de todos os seus ‘empregos’” (MODESTO, 2006, p. 78).

Entretanto, o que se pode perceber, de acordo com Prandi (1996), foi uma “ciência insuficiente, não só do ponto de vista de seus resultados, seja ela básica ou aplicada”, mas também, e principalmente, quando se focaliza as “instituições responsáveis pela aplicação das conquistas científicas e administração da razão” (Idem, p. 93). Desse modo, a busca massiva por curas religiosas e por resoluções

sobrenaturais para problemas e aflições da vida acompanha a sociedade em todos os âmbitos. Pois, como mostrou Modesto (2006, p. 83), para grande parte da população é por meio “do discurso e dos ritos religiosos que o mundo recupera a unidade perdida nos tempos modernos”.

Tal fato evidenciou-se na pesquisa realizada por Marciano (2009), que demonstrou ser a religião, o fator isolado mais importante na determinação da qualidade de vida de crianças e adolescentes com doenças renais crônicas. Segundo o estudo, a religião auxilia no modo de lidar (*coping*/enfrentamento) com tratamentos permanentes, bastante exaustivos. Ela ameniza a ocorrência de problemas como transtornos mentais, ansiedade, depressão, transtornos de conduta e dificuldades de relacionamento. Entretanto, não faz arte do escopo deste trabalho a discussão, embora profícua e necessária, sobre *coping* religioso.

Estudos como estes podem ser encontrados em larga escala nos campos da Medicina - sobretudo na Psiquiatria -, da Enfermagem e da Psicologia. Entretanto, no campo da Educação Física, além das pesquisas estrangeiras aqui citadas, são praticamente inexistentes os trabalhos que verificam a relação entre esporte e religiosidade no Brasil.

Na área da Saúde, vários estudos abordaram a influência da religiosidade em níveis sanguíneos de indicadores de estresse, depressão, doenças osteomusculares, neoplasias, doença de Alzheimer, e atividade imunológica como a Interleucina 6 (IL-6) mostrando níveis mais baixos em pessoas religiosas (LUTGENDORF *et al.*, 2004; IRONSON *et al.*, 2006; CARRICO *et al.*, 2006).

Outros trabalhos consideraram as influências da religiosidade na mortalidade de forma geral, a partir, principalmente, de grandes estudos longitudinais sempre relacionando índices de mortalidade menores à manifestação e envolvimento com algum tipo de religiosidade (MCCULLOUGH *et al.*, 2000; KOENIG, 2001; POWELL *et al.*, 2003; JAFFE *et al.*, 2005; MASTERS *et al.*, 2006; BENSON *et al.*, 2006; ROBERTS *et al.*, 2007). As mortalidades por neoplasias e diferentes tipos de cânceres de pessoas religiosas também diminuem talvez, por melhores hábitos de vida, como menor tabagismo e etilismo na maioria dos casos (HUMMER *et al.* 1999; KOENIG, 2001; OMAN *et al.*, 2002).

Além disso, encontra-se na literatura, sobretudo também da área médica, pesquisas que relacionam a religiosidade com a prevenção do suicídio (SISASK *et al.*

2010; TAYLOR, CHATTERS, JOE, 2011; CARIBÉ *et al.* 2012; CARIBÉ *et al.* 2015) e tratamento e prevenção de doenças mentais (KOENIG, 2001; MOREIRA-ALMEIDA, LOTUFO NETO, KOENIG, 2006; PAJEVIC, HASANOVIC, DELIC, 2007; TAYLOR, CHATTERS, NGUYEN, 2013; CARIBÉ *et al.* 2015) além de doenças cardiovasculares (HUMMER *et al.* 1999; KOENIG, 2001; LAWLER, YONGER, 2002; POWELL *et al.*, 2003;).

Desse modo, após extensa revisão de literatura, Panzini e Bandeira (2007, p.127), afirmam que “a vasta maioria das pesquisas indica que crenças e práticas religiosas estão associadas com melhor saúde física e mental.” Entre 225 estudos que investigaram a relação com saúde física, a maioria verificou resultados benéficos do envolvimento religioso em relação a dor, debilidade física, doenças do coração, pressão sanguínea, infarto, funções imune e neuroendócrina, doenças infecciosas, câncer e mortalidade.

De 850 pesquisas que examinaram a relação da religiosidade com saúde mental, a maioria endossa associação do envolvimento religioso com maiores níveis de satisfação de vida, bem-estar, senso de propósito e significado da vida, esperança, otimismo, estabilidade nos casamentos e menores índices de ansiedade, depressão e abuso de substâncias. E da perspectiva da saúde pública, estudos demonstram que pessoas que apresentam envolvimento religioso têm menor probabilidade de usar/abusar de álcool, cigarros e drogas, ou de apresentar comportamentos de risco, como atividades sexuais extramaritais, delinquência e crime, especialmente os adolescentes, nos quais ainda é negativamente relacionado com suicídio e atividade sexual/gravidez prematuras e positivamente a valores pró-sociais (PANZINI; BANDEIRA, 2007; SANTOS *et al.*, 2015).

Além destas e outras possibilidades, a literatura existente aponta que o suporte religioso pode ser um fator também positivo no enfrentamento de inúmeras situações estressantes no esporte que caracterizam e contribuem para o desenvolvimento de problemas típicos do meio esportivo como estresse crônico (Síndrome de *Burnout*), o *overtraining* e o *drop out*, como mostraram McKnight e Juillerat (2011). A religiosidade pode também proporcionar a atletas um aumento do senso de propósito e significado da vida, associados a maior resiliência e resistência às doenças e lesões relacionadas ao estresse, acelerando a remissão e prevenindo a recaída da depressão, por exemplo (LAWLER; YOUNGER, 2002; PANZINI; BANDEIRA, 2007)

além de influenciar tanto positiva, quanto negativamente o fenômeno do doping (RODEK, SEKULIC, PASALIC, 2009; ZENIC, STIPIC, SEKULIC, 2013; MORENTE-SÁNCHEZ, ZABALA, 2013; ZVAN *et al.*, 2016).

Em estudo sobre a resiliência de atletas profissionais brasileiros, a religião, explicitada nas falas dos atletas entrevistados, é considerada como um dos elementos importantes para a promoção da resiliência familiar, aparecendo também como um fator relacionado à adoção de valores que também podem ser considerados protetores (SANCHES, 2009).

A religiosidade poderia, de acordo com Koenig (2001) e Panzini e Bandeira (2007), auxiliar a lidar com desafios no esporte por quatro razões: crenças religiosas provêm uma visão de mundo que dá sentido positivo ou negativo às experiências; crenças e práticas religiosas podem evocar emoções positivas; a religião fornece rituais que facilitam/santificam as maiores transições e acontecimentos da vida (adolescência/casamento/morte); e crenças religiosas, como agentes de controle social, dão direcionamento/estrutura para tipos de comportamentos socialmente aceitáveis.

Obviamente, como destacam Rodek, Sekulic e Pasalic (2009) e Santos *et al.* (2015), não se pode deixar de mencionar o papel potencialmente negativo que religiões também exercem. Seja pelas práticas e condutas não saudáveis, seja por atitudes intolerantes e ideais alienantes estimulados aos indivíduos que as seguem. Apesar de o discurso de busca por melhor condição humana ser algo comum a quase todas as religiões, certamente alguns comportamentos e pensamentos de caráter religioso, supersticioso, podem contribuir para o adoecimento físico, mental e até mesmo espiritual da pessoa.

Assim, se a religiosidade exerce influência em tantas áreas e dimensões da vida humana, acredita-se que exerça profundas e marcantes influências também nas carreiras esportivas de atletas brasileiros. Como destacam Hervieu-Léger e Willaime (2009, p. 202), nas sociedades secularizadas como a nossa, onde

as religiões tradicionais perderam amplamente sua capacidade de organizar a vida social e sua aptidão para fornecer aos indivíduos códigos de sentidos comuns, a política, a arte, a sexualidade, a medicina, **o esporte**, a própria ciência são suscetíveis de fazer surgir essas religiões de substituição (grifo meu).

A partir daí, principalmente com o senso de responsabilidade e os desafios para a carreira esportiva (as altas demandas de treinamentos e busca por rendimento, o

alto índice de cobranças e exigências, as lesões, transferências, perdas de posição, o desempenho e prestígio no time ou na equipe, patrocínio, relacionamentos com treinadores, colegas de equipe, dirigentes esportivos e com a torcida, etc.) a religiosidade pode ser evocada e atuar de forma significativa.

Todavia, ao mesmo tempo, o esporte, ou a carreira esportiva, pode se tornar um “substituto” que desvaneça a religião, ou as práticas religiosas. O esporte, como qualquer outra esfera da vida humana em sociedade, pode adquirir primazia e enfraquecer as experiências religiosas. Em alguns momentos, obrigações, tradições e práticas religiosas podem ser negociadas para o atendimento de demandas do esporte, quando este passa a ser mais importante que a religião (WIGGINS; HILLYER; BROWNING, 2005).

Além destes mecanismos de suporte e apoio, a religiosidade e o esporte podem atuar antagonicamente na vida do atleta promovendo momentos de crise também. Como alguns exemplos já citados, a observação de jejuns obrigatórios impostos pela religião ao longo de competições, como no Ramadan muçulmano (CHAOUACHI *et al.*, 2012; BURKER; KING, 2012). Na guarda de dias sagrados como o sábado/*shabbat* para religiões que buscam seguir os Dez Mandamentos contidos na Bíblia como Judeus, Adventistas do Sétimo Dia, Batistas do Sétimo Dia, entre outras religiões, e com isso, a não participação em treinos e competições nestes dias. Na obrigatoriedade do uso do véu islâmico e impossibilidade de vestir determinadas roupas para a prática esportiva (WIGGINS; HILLYER; BROWNING, 2005; HAMZEH; OLIVER, 2012), no incômodo e recusa em utilizar uniformes que contenham estampas de patrocinadores cuja atividade comercial vá de encontro à fé professada. Ou até mesmo na abdicação de receber prêmios em bebida alcoólica para religiosos que se abstêm da ingestão de álcool.

Assim, seja em meio a conflitos ou como suporte, segundo Cipriani (2007, p.72), a religiosidade pode atender a necessidades ontológicas do ser humano de buscar compreender sua origem, seu lugar no universo, sua existência e seu destino com sentido e esperança, ajudando a lidar com problemas das mais diversas ordens e questões existenciais cotidianas. Embora como visto, pra isso, seja preciso confrontar valores e expectativas seculares da carreira esportiva.

Desse modo, quais têm sido as experiências religiosas de atletas profissionais? Como essas experiências religiosas influenciam a carreira esportiva destes atletas?

Como a religiosidade afeta o modo como o atleta lida com o esporte de maneira geral? Como o atleta encara os possíveis embates entre religiosidade e esporte? Afinal, a religião “encanta” o esporte? O esporte “seculariza” a religião?

Porém, antes de tratarmos dessas e outras questões, é preciso considerarmos as antigas relações entre religiosidade e esporte, sobretudo com o esporte olímpico. Instituições distintas, mas que, por vezes, apresentam semelhanças em suas estruturas e funções.

5.2 A relação entre esporte e religião: entre a antiguidade, a modernidade e os dias atuais

Tecendo comparações entre religião e esporte, Coakley (2009) nos mostra uma série interessante de paralelos entre eles: ambos têm seus espaços consagrados para reuniões e eventos especiais - estádios, arenas, templos, igrejas. De ambos emergem valores semelhantes: a perfeição de corpo, mente e espírito. Esportes enfatizam o controle físico e disciplina para o desenvolvimento corporal e religiões enfatizam o controle físico e a disciplina mental para o desenvolvimento espiritual e pureza. Ambos são controlados através de organizações estruturadas e sistemas hierárquicos de autoridade bem definidos - dirigentes esportivos, comissões técnicas e treinadores, dirigentes religiosos, bispos, pastores, sacerdotes e rabinos. Ambos têm seus santos e ídolos para se venerar. Ambos têm eventos que celebram os valores amplamente compartilhados com seus rituais antes, durante e depois de grandes eventos - desfiles, procissões, cerimônias de iniciação e de batizados, troca de faixas e graduações. Ambos têm mitos, heróis e lendas sobre realizações heroicas atualizando-os regularmente. Ambos evocam emoções intensas e dão sentido à vida das pessoas. Ambos podem ser usados politicamente para desviar a atenção das massas de importantes questões sociais, políticas e econômicas.

Ao analisar estas duas instituições sociais atuantes no século XXI, sobretudo nos Estados Unidos da América, Sheffer (2015) publica um capítulo, no livro que ela ajuda a organizar, onde radicaliza seu ponto de vista chegando à conclusão de que o esporte no século XXI é uma religião. Nykvist (2016), comentando este livro, tece suas críticas dizendo que a autora aplica “definições funcionais da religião por sociólogos e antropólogos como Émile Durkheim e Clifford Geertz e John Milton Yinger” e “não

menção que existem muitas outras definições de religião, incluindo definições substantivas mais estreitas, segundo as quais o esporte não se qualificaria como uma religião”. Nykvist (2016) também destaca que Sheffer não discute “o fato de que quase qualquer atividade humana poderia ser considerada uma religião de acordo com muitas definições funcionais”.

Sem imergir nesta discussão específica, este trabalho entende que, atualmente, apesar de instituições distintas, muitas vezes, esporte e religião cumprem papéis sociais semelhantes, se confundindo e quase se misturando em alguns momentos. Por exemplo, a definição de religião de Hervieu-Léger (2008, p. 27), evocada acima, poderia ser aplicada a outras instituições, como é o caso das torcidas organizadas, trocando apenas o termo “*crentes*” por “*torcedores*”: “um dispositivo ideológico, prático e simbólico pelo qual se constitui, se mantém, se desenvolve e é controlado o sentimento individual e coletivo de pertença a uma linhagem particular de” *torcedores* [ou fieis].

Pois como mostram Elias e Dunning (1992, p. 324),

de facto, não seria ir longe demais sugerir que, pelo menos para alguns grupos na sociedade actual, o desporto se tornou uma atividade quase religiosa e que, encarado numa perspectiva da sociedade, o desporto veio, em certa medida, preencher a lacuna aberta na vida social pelo declínio da religião. [...] Em resumo, não é de modo algum irreal sugerir que o desporto se está a tornar cada vez mais a religião secular da nossa época, também cada vez mais secular.

Assim, ambos, esporte e religião, além de sofrerem, produzem e provocam profundas e marcantes influências nas sociedades de diferentes ordens e magnitudes. Porém, muitas vezes semelhantes em aspectos funcionais e substantivos. Tais semelhanças podem ser vistas e percebidas a partir das gêneses do esporte no ocidente.

Mesmo com os riscos de anacronismo, “falar de esporte é, quase que arbitrariamente, fazer um retorno à Grécia Antiga”, pois provavelmente, “os gregos tenham sido os primeiros a submeterem o esporte a um processo de institucionalização”. Por desenvolverem “calendários, regras, espaços para treinamento e prática de competições (*gymnasio*), atletas (*athlethés*), treinadores (*paidotribés*), organizadores (*gymnastai*), e equipamentos”, temos subsídios à esta assertiva (MORAES, 2007, p. 91).

Desde o início desses jogos e competições mais conhecidos no ocidente, oriundas da antiguidade clássica grega, as festas esportivas eram marcadas pela religiosidade. Dessa maneira, em tais sociedades, religião e esporte eram praticamente indissociáveis. Para Vernant (2001, p. 304), claramente os jogos gregos tem um duplo caráter: “ao mesmo tempo espetáculo e festa religiosa [...] os concursos são cerimônias sagradas”.

Para Cousineau (2004), tais jogos possuíam um firme alicerce espiritual e religioso. Exemplos disso são os Jogos Píticos, na cidade de Delfos em honra ao deus Apolo, os Jogos Ístmicos em Corinto, os Jogos Nemeus em Philius, na Neméia, ou as Panatenéias e Heréias (com intensa participação feminina, com as mulheres de várias idades correndo de túnicas, oferecendo sacrifícios e danças rituais) e os Jogos Olímpicos em Olímpia, na Élide. Inicialmente, tinham objetivos estritamente religiosos, ou seja, reverenciar os deuses. Enquanto alguns desses deuses eram considerados, na visão religiosa, grandes atletas, os grandes atletas humanos poderiam ser considerados como semideuses. Como Ramos (1982, p. 142) destaca, as festas eram “sacrodesportivas”.

Este autor afirma que historiadores como Heródoto, Xenofonte, Plutarco, Pausânias comprovam o caráter religioso dos jogos. Por exemplo, as competições mais famosas no mundo ocidental, os Jogos Olímpicos que aconteceram de 776 a.C até 393 d.C (com 293 edições), só foram proibidos em 394 d.C pelo imperador romano Teodósio por serem consideradas festas pagãs.

Para Sheffer (2015), o conceito de esporte como religião surge por volta de 776 a.C, quando as festas esportivas eram celebrações a deuses com danças, músicas e sacrifícios.

Durante estas festividades religiosas, de acordo com Vernant (2001, p. 304),

o triunfo do atleta evoca e prolonga a façanha realizada pelos heróis e pelos deuses: eleva o homem ao plano do divino. E as qualidades físicas – juventude, força, velocidade, habilidade, agilidade, beleza – que o vencedor demonstra durante o agon, e que se encarnam aos olhos do público em seu corpo nu, são valores eminentemente religiosos.

O autor também destaca a dimensão religiosa que controlava os jogos. Os deuses do panteão grego e seus feitos eram celebrados nesses festivais, que chegavam a ocupar um terço do ano regular ateniense. As capacidades e atributos

físicos eram para a consciência religiosa grega, aspectos que ultrapassavam os seres humanos porque possuíam origem divina. Pertenciam aos deuses!

Tais jogos da Grécia antiga eram repletos de sacrifícios e cerimônias rituais em honra de Zeus (bem como dos demais deuses do panteão grego) que enfatizavam o caráter religioso dos jogos. “Quando, em Delos, depois de declamarem o *Hino Homérico a Apolo*, os jônios entregam-se à luta, à dança e aos cantos, quando celebram os Jogos” (VERNANT, 2001, p. 304-305).

No decorrer dos séculos tais significados foram se alterando. Definida por Hervieu-Léger (2008, p.41) como “o conjunto dos processos de reconfiguração das crenças que se produzem em uma sociedade”, uma certa “secularização”, que foi marcante na Modernidade ao diferenciar as esferas da vida social, parece ter tido lugar também na Antiguidade Clássica.

Além do racionalismo grego, com o tempo os atletas especializaram-se e o profissionalismo passou a dominar as cerimônias e competições. De acordo com Ramos (1982), as lutas, os pugilatos e os pancrácios, juntamente com as corridas de carro, influenciadas pela ascensão romana e suas práticas consideradas decadentes, foram se tornando as maiores atrações para o povo. Os jogos gregos começam a se desprestigiarem e os ginásios a se transformarem em centros de treinamento de atletas profissionais.

Cousineau (2004) mostra que a crescente riqueza e prosperidade econômica – que impulsionara o profissionalismo dos atletas – foi acompanhada de um declínio do fervor religioso durante os jogos. Com a perda de propósitos mais elevados, espirituais, de honra a Zeus, a vitalidade das cerimônias também vai sendo enfraquecida.

As premiações e honras materiais, a idolatria aos heróis campeões e a necessidade de vencer a qualquer custo levaram à inevitável especialização esportiva. Treinadores estatais deram lugar aos treinadores particulares e à mercantilização dos eventos. Ideais de harmonia e beleza davam lugar às disputas cada vez mais intensas e sangrentas. Os espetáculos foram perdendo seus aspectos religiosos e educacionais e passaram a percorrer todo o mundo Pan-helênico com seus atletas e disputas cada vez mais violentos e famosos (MACHADO, 2006).

Além da música, da poesia, da ética e da hermenêutica, inicialmente, a prática da atividade física era parte da educação do cidadão. Associadas aos cultos aos

deuses e praticadas inicialmente como homenagens fúnebres, os Jogos passaram a ter sua periodicidade definida e prestígio crescente. Tornaram-se as maiores manifestações da época, ganhando, além dos contornos sociais e religiosos, cada vez mais ares políticos, econômicos e esportivos. Assim, a ideia presente nos jogos de que a elegância, o estilo e a naturalidade do gesto técnico eram mais determinantes que a superioridade física foi desaparecendo. Caracterizados pela violência e brutalidade, onde era comum a morte de participantes, perde-se o caráter religioso e passa-se a ser apenas diversão e entretenimento (MACHADO, 2006).

Com isso, vários pensadores gregos passaram a criticar com veemência certos hábitos esportivos que iam sendo estabelecidos. Os Jogos já não representavam os propósitos estabelecidos pelos gregos. Hipócrates, Galeno, Tucídides, Plutarco, Eurípedes, Dion, Crisóstomo, entre outros, passaram a questionar a dissociação entre os jogos e competições da cultura, da Educação e da religiosidade. Nos séculos seguintes, os novos dominadores (e.g. Romanos) passaram a atribuir novos propósitos e significados às competições esportivas, como por exemplo o de circo ao povo, até que em 394 d.C. o imperador romano Teodósio proíbe e nos anos seguintes suprime os Jogos gregos que se extinguem oficialmente (RAMOS, 1982).

Vários séculos se passaram até que, numa época de efervescência social, política e religiosa no ocidente, o educador e pedagogo francês Pierre de Coubertin (Pierre de Frédy – 1863-1937), entusiasta do esporte e fascinado pelas descobertas arqueológicas na Grécia, resgatou parte dos pressupostos gregos de educação (*paideia*) pelas práticas corporais e esportivas. Sua devota mãe, Agathe Marie-Marcelle Gigault de Crisenoy (1823–1907), tinha grandes esperanças de que seu filho mais novo Pierre se tornaria um padre ou um monge, mandando-o para a escola jesuíta na capital francesa.

Todavia, como destaca Ferreira (2007), numa França humilhada pela derrota na Guerra Franco-Prussiana (1870), inicialmente, Coubertin, busca na educação física praticada pelos alemães – que mais tarde seria um pouco criticado – a superação para a debilidade física dos franceses. Fato que ele atribuía ao deficiente e fraco sistema educacional francês administrado pela igreja Católica. Porém, apenas anos mais tarde as ideologias do sistema educacional público inglês viriam ao encontro das necessidades e expectativas de Coubertin. Aos treze anos ele entra em contato com um livro (*Tom Brown's School Days*) de Thomas Hughes (1822–1896) publicado em

francês em fascículos de um jornal para jovens (*Journal de Jeunesse*). Dá-se início a fascinação precoce de Coubertin pelo esporte inglês e sua admiração pelo reverendo anglicano e professor Thomas Arnold (1795-1842), diretor da *Rugby School* por 14 anos, 1828-1842.

De acordo com Nykvist (2014), aos vinte anos de idade, Coubertin visitou a Grã-Bretanha vitoriana pela primeira vez, o que viria a ser uma estadia que mudaria não só sua vida, mas todo o esporte moderno. Neste período, principalmente, ele foi inspirado pelos modelos de educação da *Rugby School*, onde conheceu a doutrina da Cristandade Muscular (*Muscular Christianity*)¹⁰, desenvolvida após debates teológicos em resposta à religiosidade puritana e ascética dos *Tractarians*, também conhecidos como Movimento de Oxford (*Oxford Movement*). Criada em 1857 pelos *Socialistas Cristãos* Thomas Hughes e Charles Kingsley (1819–1875), discípulos de Thomas Arnold, a Cristandade Muscular influenciou toda a carreira de Coubertin e, posteriormente, seu Olimpismo.

Após ingressar em colégios como *Rugby*, *Eton* e *Uppingham*, entre vários outros, a Cristandade Muscular se tornou parte integral do sistema educacional público inglês. Como mostram Watson, Weir e Friend (2005), o ideal de “bater forte sem maldade” proposto na modalidade esportiva do rúgbi, considerado o esporte perfeito para tal, foi rapidamente aceito na sociedade protestante britânica em geral. Afinal, era preciso inventar um esporte que deixassem os jovens exaustos antes de caírem vítimas dos piores problemas que assolavam os jovens rapazes vitorianos das elites nos colégios internos: a homossexualidade e a masturbação.

Além disso, na revisão de Watson, Weir e Friend (2005), é apontada uma variada gama de objetivos e finalidades atribuídos à Cristandade Muscular por diversos historiadores do esporte. Esta, se dissemina no final do século XIX na cultura vitoriana sendo utilizada não só pelos colégios, mas também por diversas instituições religiosas – que se multiplicavam na época – e públicas, para diferentes fins e propósitos, entre eles, o reforço da esfera religiosa na sociedade protestante e a formação de líderes cristãos para o império britânico além mar. Estes ficam evidenciados desde a criação em 1844, pelo missionário George Williams em Londres, da Associação Cristã de Moços (ACM – *Young Men's Christian Association*

¹⁰ Para uma revisão aprofundada sobre o surgimento da Cristandade Muscular em meio aos embates teológicos e filosóficos da época, bem como suas influências até os dias atuais, ver Putney (2003), Watson, Weir e Friend (2005), Hall (2006) e MacAloon (2006).

– YMCA) e sua posterior proliferação intercontinental. Em 1851, a Associação chega no Canadá e nos Estados Unidos, se espalhando rapidamente nestes países.

Neste caso específico, o propósito proselitista e missionário a ser alcançado, principalmente por meio de encontros e reuniões de estudo da Bíblia, estava claro. Embora os meios e métodos pudessem variar, inclusive causando inicialmente intensos debates internos a respeito do uso das atividades físicas e esportivas para os fins da Associação: acima e antes de tudo, o trabalho espiritual – *spiritual work*. Mas ao chegar em diferentes lugares e encontrando distintos públicos, outras estratégias vão sendo elaboradas, um pouco antes do uso massivo do esporte a partir da década de 1860. Nos colégios e universidades, bibliotecas (*Reading rooms*), grupos de estudos bíblicos, conferências evangelísticas passam a ser adotados e proliferam na América do Norte dirigidos por migrantes europeus protestantes missionários. Somente no final da década de 1880 temos a proliferação dos ginásios esportivos que tornaram a AMC como é atualmente (BAKER, 1994; GARNHAM, 2001).¹¹

Por isso, com o passar do tempo, Coubertin também busca resgatar, a partir do modelo britânico das *public schools* que era exportado para as colônias e que tanto o impactara, a junção da formação intelectual e moral ao desenvolvimento atlético dos indivíduos. Afinal, como destacam Putney (2003), Watson, Weir e Friend (2005), a premissa básica da Cristandade Muscular era que a participação no esporte poderia contribuir para o desenvolvimento da moralidade protestante, aptidão física e de um caráter viril, se opondo ao que se chamava na época de “cultura de efeminação”, trazida principalmente pela imigração católica que passara a ser combatida.

Afinal, Kingsley, principal influência da Cristandade Muscular e ferrenho opositor do catolicismo e do Movimento de Oxford e suas doutrinas teológicas – sendo a principal atacada a “Mariolatria” – sustentava a ideia de que a piedade era compatível com a virilidade e que a masculinidade desenvolvida por meio dos esportes servia como um “antídoto para o veneno da efeminação” que estava minando a vitalidade da Igreja Anglicana. No campo de jogo os meninos adquirem virtudes que nenhum livro lhes pode dar: não apenas ousadia e resistência, mas, melhor ainda,

¹¹ Para revisões históricas detalhadas a respeito das relações entre a Cristandade Muscular e o início da ACM, bem como as discussões e embates no interior da Associação sobre os usos da atividade física como estratégia positiva ou maléfica, ver, por exemplo, Baker (1994), Garnham (2001) e Watson, Weir e Friend (2005).

moderação, autocontrole, justiça e honra (WATSON, WEIR, FRIEND, 2005, p. 7, tradução livre).

Assim, após anos de experiência com o ensino inglês e discursos em defesa das ideias de Thomas Arnold em Paris, em 1888 Coubertin escreve e no início de 1889 com 206 páginas publica o livro “A educação inglesa na França” tentando defender e adaptar a educação inglesa em seu país, além de outros livros com o mesmo propósito. Com a repercussão deste trabalho, o ministro francês de Instrução Pública, Armand Fallières, envia Coubertin aos Estados Unidos e ao Canadá em julho de 1889 (COUBERTIN, 2015).

Nestes países, Coubertin volta a ter contato com a Cristandade Muscular que prolifera nos colégios e universidades destes dois países, além das instituições atléticas como a ACM. Mais uma vez se convence da importância da doutrina, inclusive, fazendo referência à superioridade do “Canadá Britânico” sobre o “Canadá Francês” em publicações fruto da viagem em 1890 (COUBERTIN, 2015). E, após várias tentativas, em junho de 1894 diante de uma plateia de 12 países, Pierre de Coubertin propõe a revitalização dos Jogos Olímpicos por meio de uma programação atlética composta por diversos esportes para os homens.

Dessa maneira, Watson, Weir e Friend (2005) vão destacar que a partir das ideias de Hughes e Kingsley outros modelos de Cristandade Muscular foram sendo desenvolvidos. Os autores destacam quatro: o modelo clássico, o modelo evangélico, o modelo da ACM e o modelo Olímpico.

Portanto, ideais educativos, éticos, morais, espirituais e religiosos também foram resgatados por Coubertin, sendo evocados em seus escritos a partir de 1900, uma vez que até aqui ele construía as bases e fundamentos do movimento olímpico moderno, surgindo o Olimpismo. Uma fonte importante desse movimento, a partir de sua adesão a Cristandade Muscular, foi a busca de uma “religião cristã humanista” que ia ao encontro dos ideais internacionais da época, tais como o pacifismo e o liberalismo, bem como seus valores de justiça, igualdade, respeito e excelência. Ele pretendia desenvolver não só o corpo, mas também os “músculos morais” a partir de sua abordagem funcionalista, pela qual o esporte não é considerado como um fim em si mesmo (NYKVIST, 2014).

Além disso, Coubertin (2015, p.115-116) confirma tais preocupações e evoca os mesmo cuidados e combates destacados por autores da Cristandade Muscular ao homossexualismo da época, também encontrado nos colégios franceses:

Onde está esta ginástica moral com a qual alguém ensaia progressivamente suas forças, com a qual se faz sempre mais ousado e sobe cada vez mais? Onde está? E se não existe, como formar o caráter? Há, por fim, um aspecto mais doloroso e terrível. O tédio, a preguiça, o abatimento e a brutalidade tem somente um resultado: a imoralidade. Sim; a imoralidade invadiu nossos colégios; está presente nas palavras, nos pensamentos e nas ações. Por outro lado, o mal não foi diagnosticado ontem. Gostaria de ler-vos um informe do Sr. Sainte-Clair Deville, escrito faz vinte anos, o qual chama a atenção da Academia de ciências morais e políticas para este grave problema; nele o autor descreve o eterno perigo das grandes aglomerações de crianças, perigo ele que explica cientificamente, falando das precauções que é preciso tomar para expulsar a gangrena e diz que é necessário constantemente cortar, podar e cauterizar [...] outros, resolutos, declaram que o mal não é tão grave quanto se diz. Então, por que esta vigilância inquieta e incessante? Por que se procura não perder de vista os alunos nem um só momento, se o único perigo é que façam caretas aos professores quando lhes dão as costas? Ah, que nada! Todos os professores conhecem bem o verdadeiro perigo e por isso permanecem vigilantes. Sua preocupação com isso se traduz pelo cuidado zeloso com o qual perseguem e rompem as amizades que estão nascendo. A amizade dos jovens é algo proscrito no colégio [...].

Ainda segundo Nykvist (2014), sua compreensão de religião, além da Cristandade Muscular, foi também inspirada pelo positivismo do conterrâneo Auguste Comte (1798-1857) e sua religião da humanidade (ou religião positiva). Uma religião moderna, secular, surgida numa época de abandono da religião institucional (sobretudo católica) e, ao mesmo tempo, de buscas por substitutivos, cujo núcleo consistia de altruísmo, ordem e desenvolvimento - a base para a religião muscular, ou, a *religio athletae* de Coubertin. Ele acreditava que havia apenas um "culto", que tinha a capacidade de criar um bom relacionamento entre as pessoas, ou seja, o esporte.

Parry (2007) vai mostrar, como veremos mais a frente, que para Coubertin, o olimpismo seria um tipo de sentimento religioso - que cresceria e penetraria pouco a pouco na mente dos competidores - pertencente à *religio athletae*. Uma espécie de “religião moderna” com seus templos, rituais, sacrifícios, dogmas e ídolos. Tal religiosidade evocaria aspectos comuns de outras religiões universais como liberdade, amizade, respeito ao próximo, justiça e paz.

Em 1909, em suas *Memórias Olímpicas*, Coubertin ao tratar do tema do amadorismo, deixa claro a relação que fazia do esporte com a religião e reforça que não hesitava em tornar público este seu ponto de vista.

Meu conceito do esporte sempre foi muito distinto daquele de muitos, talvez a maioria, dos desportistas. Para mim, o esporte era uma religião com igreja, dogmas, culto, mas sobretudo com sentimento religioso e me parecia tão infantil relacionar tudo isso com o fato de ter recebido algum dinheiro, como o sair falando por aí que o sacristão da paróquia é necessariamente um incrédulo porque recebe uma gratificação para garantir o serviço do santuário. Hoje, ao alcançar, e inclusive passei, a idade na qual alguém pode praticar e proclamar livremente suas heresias, eu não hesito nem um momento em tornar público esse ponto de vista. No entanto, e na falta de algo melhor, estava bem de acordo que se devia haver determinadas regras e levantar certas barreiras mais ou menos fictícias, e registre-se que me dedicava a isso na medida do possível (COUBERTIN, 2015, p. 646).

No entanto, isso não significa obviamente que o Olimpismo fora pensado como uma religião no sentido formal, ou institucional, que forneceria uma alternativa ao catolicismo, ao anglicanismo ou qualquer outra religião, apesar de ser profundamente influenciado, como visto, pela Cristandade Muscular, pelo positivismo e pela religião positiva. Os ideais olímpicos de liberdade, justiça, amizade e paz tiveram sim um caráter secular, mas, todavia, os jogos foram claramente marcados por aquilo que ele mesmo fez questão de denominar de "sentimento religioso". Sentimento religioso de contorno cristão protestante, para ser mais preciso, uma vez que tanto a Cristandade Muscular anglicana e o positivismo rechaçavam o catolicismo e suas influências nas esferas da sociedade.

Em seus escritos, fica claro que Coubertin se preocupava com a perda de tal "sentimento" ao longo do tempo. Apaixonado pela cultura grega clássica, buscou resgatar não só pressupostos educacionais, bem como parte dos ideais e dos valores evocados nos Jogos gregos e criticava modos esportivos não compatíveis, a saber, o profissionalismo cada vez maior e a busca desenfreada por lucro. Na divulgação de um Congresso Internacional esportivo realizado em Paris em 17 de junho de 1894, deixou claro seu propósito principal de

conservar el carácter noble y caballeresco del atletismo, que le ha distinguido em el pasado, a fin de que pueda continuar cumpliendo eficazmente, em la educación de los pueblos modernos, el admirable papel que le concedieron los maestros griegos. La imperfección humana tiende siempre a transformar al atleta de Olimpia en gladiador circense (COUBERTIN, 1973, p. 12).

Em outro discurso por ocasião dos Jogos de Atenas em abril de 1896, manifestou sua clara intenção de combater o mercantilismo que ameaçava a paz, a harmonia e os nobres e elevados valores esportivos. Segundo Coubertin (1973, p. 27),

allí donde no se luchaba abiertamente por el dinero, se sentía, sin embargo, una tendencia a contraer reprobables compromisos, y en el deseo de vencer entraban a menudo objetivos distintos a la ambición y el sentido del honor.

Assim, “era preciso unificar y purificar el atletismo, so pena de verle degenerar y morir por segunda vez” (COUBERTIN, 1973, p. 27).

Ainda de acordo com o entusiasta, a verdadeira religião do antigo atleta não consistia nos sacrifícios solenes realizados no altar de Zeus, pois estes eram meras formalidades tradicionais. Mas a verdadeira religião se expressava no juramento de lealdade e desinteresse e, sobretudo, no esforço em cumpri-lo. O atleta deveria estar então, ao participar dos Jogos, purificado pela profissão e prática destas virtudes, onde se encontravam a real beleza moral e o profundo alcance da cultura física. Em suas palavras, “es necesario volver a algo parecido. Es necesario si no queremos ver como se acelera la decadencia de nuestros modernos deportes, amenazados por elementos corruptores” (COUBERTIN, 1973, p. 31).

Para Coubertin, o Olimpismo funcionaria como um depurador moral que combateria o esnobismo, o costume de mentir e trapacear, além da ansiedade crescente fervilhante pelo lucro financeiro. Dessa maneira, seria possível resgatar ideais gregos onde o culto ao belo seria primordial. No discurso oferecido ao governo britânico em 24 de julho de 1908 em Londres, Coubertin deixou claras as ideias que deveriam dominar o seio da organização Olímpica e, por conseguinte, dominar atletas e dirigentes esportivos: o importante na vida não é o triunfo, mas o combate; o essencial não é haver vencido, mas ter lutado bem. Estender tais ideias seria preparar, de acordo com o estudioso, uma humanidade mais valente, mais forte e, portanto, mais escrupulosa e mais abnegada (COUBERTIN, 1973).

Estava clara também a previsibilidade de ocorrer processos de exclusão de pessoas no âmbito esportivo, bem como as analogias à religião. Em palestra proferida em seis de março de 1929, Coubertin tenta explicar sua “doutrina filosófico-religiosa” em tons claros.

Como existe um Olimpismo, existe também uma doutrina. Sinto muito por aqueles – e são muitos – que me têm atacado, quando acrescentei

este neologismo à linguagem cotidiana, porém era preciso. Toda doutrina filosófico-religiosa, como esta, necessita de um nome que a evoque e a designe (COUBERTIN, 2015, p. 555).

Então ele continua:

Para que cem se dediquem à cultura física, é preciso que cinquenta pratiquem esporte. Para que cinquenta pratiquem esporte, é preciso que se especializem vinte, e para que vinte se especializem é necessário que cinco sejam capazes de proezas extraordinárias. Impossível sair disso. Que tenha havido abusos deploráveis, e que continuem a existir? Com certeza. [...] Isso nos leva a perguntar: pode uma religião viver sem que entre seus adeptos haja exaltados e apaixonados que arrastem e dominem mediante o exemplo para a massa? [...] Como o atletismo antigo, o atletismo moderno é uma religião, um culto, um impulso passional, capaz de chegar ao “jogo do heroísmo”. Contemplem com atenção esse princípio essencial e chegarão a considerar os desportistas, cujos excessos de hoje criticam e censuram, como uma elite de treinadores de energia, muito mais idealistas (e por isso necessários ao bem comum) que aqueles que pretendem limitar-se a uma mera educação física para assegurar o futuro: fé sem impulso esta, fé que, abandonada a si mesma, amanhã ficaria sem fiéis e depois de amanhã sem altares. (COUBERTIN, 2015, p. 567).

Em quatro de agosto de 1935, por meio da inauguração de uma série de mensagens radiofônicas, em Berlim, Coubertin, já com 72 anos de idade, caracteriza novamente o Olimpismo como uma religião (*religio athletae*) e deixa claro suas expectativas. Neste, que é considerado o principal discurso dos últimos anos de Coubertin (*Les assises philosophiques de l'Olympisme moderne*) pouco tempo antes de sua morte. Nele, o autor volta a resumir uma vez mais para um grande público, o que para ele eram as características essenciais do Olimpismo. Nas palavras do autor, “a primeira característica essencial do Olimpismo antigo, como do moderno, é a de ser uma religião” (COUBERTIN, 2015, p. 572). E continua,

Ao cinzelar seu corpo pelo exercício, como faz um escultor com uma estátua, o atleta antigo “honrava os deuses”. Ao fazer o mesmo, o atleta moderno exalta a sua pátria, sua raça, sua bandeira. Penso, pois, que tenho tido razão ao restaurar, desde o princípio, juntamente com o Olimpismo renovado, um sentimento religioso, transformado e aumentado pelo Internacionalismo e a Democracia que caracterizam os tempos atuais, porém o mesmo, no entanto, que conduzia os jovens helenos, ambiciosos pelo triunfo de seus músculos, ao pé dos altares de Zeus.

Disso derivam todas as reformas rituais que compõem o cerimonial dos Jogos Olímpicos. Foi preciso que eu as impusesse, uma após a outra, à opinião pública que resistiu durante muito tempo e que não via nelas mais que manifestações teatrais, espetáculos inúteis, incompatíveis com a seriedade e dignidade das competições

musculares internacionais. A ideia religiosa desportiva, a *religio athletae*, penetrou muito lentamente no espírito dos competidores e muitos deles não a praticam ainda que de modo inconsciente; porém pouco a pouco aderirão a ela (COUBERTIN, 2015, p. 572).

Todo o conjunto de rituais “impostos” por Coubertin é ainda parte do pano de fundo para a solenidade que caracteriza os Jogos Olímpicos de hoje, não menos importante em conexão com a cerimônia de abertura que irá culminar com a iluminação da chama olímpica (NYKVIST, 2014). Para este autor, o fato de que as cerimônias de Jogos Olímpicos são ricamente ornamentadas e elaboradas, com procissões e outros elementos mais próximos de uma liturgia não é coincidência, mas refletem os equivalentes de serviços religiosos.

Dessa forma, Coubertin, mesmo com suas decepções e desilusões causadas pelo materialismo econômico, segundo ele próprio, necessário à subsistência do esporte e dos grandes eventos, afirmou que o que mais aproximava o Olimpismo antigo da Antiguidade Clássica grega do Olimpismo da Modernidade era “o mesmo espírito religioso”, a “*Religio athletae*: os antigos conheciam muito bem o sentido desta expressão, mas os modernos ainda não o recuperaram” (COUBERTIN, 2015, p. 755).

Talvez não o recuperaram e nunca o recuperariam, até os dias atuais. Pois este movimento sincrético onde Coubertin une elementos da religião mítica grega com aspectos espirituais relacionados a virtudes e valores caros aos seres humanos, como amizade e solidariedade, não fora inteligível suficientemente em sua época.

Como Vernant, entre outros antropólogos e historiadores mostraram, a religião grega - marcada pelos rituais, pela figuração dos deuses e pelos mitos - estava em todo lugar, nas práticas e relações sociais, se confundindo com a vida sociopolítica, sendo “extremamente difícil separar, de forma racional, um campo da crença e um campo da racionalidade” (VERNANT, 2001, p. 204). Talvez tenha sido parte das intenções de Coubertin, mas que podem ter caído em um anacronismo não inteligível.

Durante o período da Antiguidade Clássica, “o fato fundamental é a criação da cidade grega e a religião é uma das expressões deste importante fenômeno [...] podemos chamar esta religião de religião política”. O religioso, no caso por ser sociopolítico, “é muito mais uma forma de vida social e de vida coletiva do que, primeiramente, uma forma de experiência pessoal e de relação pessoal com a divindade” (VERNANT, 2001, p. 204). Na mentalidade grega os deuses não podem amar os homens! “Estamos longe da ideia de que o amor da criatura por Deus não

passa, de certa forma, de uma contrapartida do amor que Deus tem pelos homens: para os gregos, isto é incompreensível” (VERNANT, 2001, p. 204).

A transcendência grega, por sua vez, passa a ser relativa, uma vez que os deuses, superiores a nós, estão no mundo, foram criados por processos que se desenrolaram no próprio mundo e fazem parte dele, diferentemente do nosso modelo ocidental majoritário de religião institucionalizada. Os múltiplos deuses do politeísmo grego não compartilham das características que comumente são atribuídas ao divino na atualidade. Noções de sobrenatural, fé, igreja, clero, sagrado, etc. podem vir a ser inadequadas e anacrônicas para interpretar a religiosidade grega (HERVIEU-LÉGER, 2008).

Além disso, para ajudar a entender o fenômeno mais recente e, portanto, mais distante dos gregos, Geertz (1978) explica que a perspectiva religiosa une aspectos da realidade concreta e as atividades simbólicas da religião como sistema cultural e se devota a produzi-lo, intensifica-lo e torna-lo visível. Assim, nos rituais festivos, como os dos Jogos Olímpicos, por exemplo, o mundo imaginado e o mundo vivido fundem-se, principalmente os rituais mais elaborados e públicos que modelam a consciência espiritual de um povo. Assim, o conceito religioso vai além do metafísico, fornece arcabouço de ideias gerais em termos das quais podem ser dados significados para a experiência intelectual, emocional e moral.

Dessa forma, Coubertin buscou de variadas maneiras, como pelas formas rituais e cerimoniais dos Jogos Olímpicos, reintroduzir e sistematizar aspectos e valores religiosos da antiguidade grega abandonados e perdidos ao longo do tempo. Assim buscava dar significado às experiências sociais esportivas, entendidas também como intelectuais, emocionais e morais.

Para que o Olimpismo se manifeste é necessário que o instinto desportivo seja cercado por preocupações estéticas, bem como por preocupações morais, que convide a filosofia para que arbitre suas competições e que a religião nacional, laica ou não, seja de certo modo seu pano de fundo (COUBERTIN, 2015, p. 208).

Ou seja, aparentemente, as referências a *religio athletae* tão enfatizadas em sua trajetória servia como salvaguarda de princípios éticos e morais ameaçados por forças econômicas e políticas que rondavam um projeto tão grandioso como os Jogos Olímpicos. Sentimento religioso, rituais e cerimônias, juramentos de lealdade e obediência, são aspectos destacados constantemente nas obras de Coubertin e seus seguidores que parecem apontar nesse sentido.

Rubio (2010) mostrou que estas preocupações estéticas e morais passaram a ser ameaçadas de forma mais contundente após o renascimento dos Jogos Olímpicos modernos a partir dos Jogos de Los Angeles em 1984. De maneira semelhante ao que mostrara Ramos (1982), com o profissionalismo dos atletas e lutadores gregos antigos, Rubio (2010) chama atenção para o mesmo movimento muitos séculos depois. Com o crescimento do profissionalismo, assim como na Grécia antiga, o final do século XX presenciou um investimento crescente de empresas no meio esportivo, bem como o crescimento da visibilidade, a partir dos meios de comunicação, dos atletas que vão se tornando produtos, bens de consumo.

Tal visibilidade “estimulou empresas comerciais a terem suas marcas associadas àqueles seres sobre-humanos capazes de realizações incomuns” (RUBIO, 2010, p. 64). Esta nova dinâmica comercial passou a movimentar quantias financeiras nunca antes imagináveis, muito distantes das ânforas, roupas, coroas de louros, escravos, redução de impostos e dinheiro das premiações dos jogos da antiguidade. Este “poder econômico minava os ideais olímpicos tão duramente defendidos por Pierre de Coubertin ao longo de sua vida” traduzidos em suas preocupações estéticas e morais (RUBIO, 2010, p. 64).

Mesmo depois de décadas, Krüger (1993) e Moretti (2015) vão mostrar que boa parte das ideias religiosas de Coubertin persistiram no movimento olímpico e no Olimpismo. Mais especificamente, no Comitê Olímpico Internacional (COI), na pessoa do ex-presidente Avery Brundage, que por 20 anos a frente do COI militou a causa de Coubertin. Na sexagésima segunda reunião anual do COI em 1964, Brundage destaca sua concepção de forma explícita: “O movimento olímpico é uma religião do século XX” (MORETTI, 2015, p. 74); “uma religião com apelo universal que incorpora todos os valores básicos de outras religiões, uma religião moderna, emocionante, viril e dinâmica” (KRÜGER, 1993, p. 92).

Atualmente, várias décadas após o renascimento dos Jogos Olímpicos modernos por meio de Coubertin, o Olimpismo é, de acordo com o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 (2016), considerado uma “filosofia de vida” que alia o esporte à cultura e à educação. Ainda de acordo com este Comitê, esta filosofia de vida fundada na Grécia antiga “utiliza o esporte como instrumento para a promoção da paz, da união e do respeito por regras e pelos

adversários”. Tem como seus valores olímpicos a Amizade, Excelência, o Respeito e como valores paralímpicos a Determinação, Coragem, Igualdade e Inspiração.

Para Watson, Weir e Friend (2005), tais valores seriam cada vez mais necessários pois viriam de encontro ao declínio dos padrões éticos e morais na sociedade e no esporte profissional e que foi previsivelmente absorvido nos Jogos Olímpicos. De acordo com os autores, os Jogos foram poluídos com drogas, boicotes políticos, fraudes e trapaças. Tal situação poderia ser atribuída principalmente à profissionalização e comercialização do esporte de alto nível, que distorceu a noção de *fair play* e o “verdadeiro espírito” de esporte defendido por Coubertin no final do século XIX.

Ou seja, mesmo em sociedades altamente secularizadas, atualmente é possível perceber que a religião influencia o esporte e vice-versa. De certa forma, o Olimpismo revivido e atualizado por meio das Olimpíadas, realizadas em 2016 no Rio de Janeiro/Brasil, continua a evocar preocupações morais, sobretudo sobre a juventude. Preocupações também presentes em diversas religiões que buscam, principalmente, influenciar moralmente seus adeptos na sociedade, sendo eles atletas ou não.

Nos dizeres claros de Elias e Dunning (1992, p. 299),

o desporto se tem transformado, por todo o mundo, de instituição marginal e pouco valorizada em instituição central e muito mais valorizada, uma instituição que para muitas pessoas parece ter um significado religioso ou quase religioso, na medida em que se tornou uma das principais, senão a principal, fonte de identificação, significado e gratificação das suas vidas.

Assim, ao desmoronar a plausibilidade das instituições religiosas, a modernidade acaba por transferir para outras esferas da vida, além de criar novas comunidades, que tentarão dar o sentido e o significado à vida dos indivíduos. Não que o esporte se torne necessariamente uma religião nos termos mais radicais de Sheffer (2015). Mas alguns estudiosos mostram que ele assume na Modernidade significados religiosos, além de algumas funções e características atribuídas às religiões no passado (SHULTZ, SHEFFER, 2015).

Este significado religioso percebido na atualidade aparentemente possui relação com a concepção moderna do fenômeno esportivo desenvolvido por Coubertin, com base em sua *religio athletae* e suas influências diretas e marcantes ao Olimpismo. Para Cousenau (2004, p. 106), “quando os comentaristas se referem ao

esporte como a nossa ‘religião’, não estão se referindo a um fenômeno exclusivamente moderno, e sim lembrando das próprias raízes da civilização ocidental.”

Mesmo que, como Roesch (1979) destaca, independente da religião, denominação ou ideologia, o atleta vive e age de acordo com suas convicções religiosas – como um cristão, muçulmano, budista, judeu e assim por diante – não sendo possível ao Olimpismo substituí-las. Desse modo, *religio athletae* estaria mais ligado ao conceito de espiritualidade, já discutido, do que o de propriamente de religião.

Para Hervieu-Léger (2008), este significado religioso está presente nas novas formas modernas de religiosidades independentes de instituições religiosas: religiosidade flutuante ou vagante, religiões implícitas, *a la carte*, substitutivas, analógicas, seculares.

A autora ainda explica que esse significado religioso pode ser perpetuado nas sociedades, embora esta continuidade seja acompanhada de alterações, mudanças e atualizações e ressignificações. A invocação da continuidade por meio da tradição (renovada por meio de ritos, cerimônias, eventos etc.) “é essencial a toda ‘religião’ instituída”.

Essa continuidade permite representar e organizar, quando colocada sob o controle de um poder que expressa a verdadeira memória do grupo, a filiação que o crente deseja. Ela o torna membro de uma comunidade espiritual que reúne os crentes do passado, do presente e do futuro (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 27).

A autora confirma a ideia de que a continuidade por meio da “‘memória autorizada’ que é a tradição” é cara a toda sociedade, por mais inserida que esteja no imediatismo moderno. E possibilita

superar a oposição clássica entre as sociedades tradicionais, em que a “religião está em toda parte”, e as sociedades modernas, onde a religião se concentra em uma esfera especializada voltada pela lógica da racionalização a um enfraquecimento cada vez mais nítido. Ela oferece, sobretudo, a possibilidade de analisar algumas das modalidades de ativação, da reativação, da invenção ou da reinvenção de um imaginário religioso da continuidade, em nossas sociedades chamadas “pós-modernas” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 27).

Dessa maneira, parece ser coerente analisar a *religio athletae* moderna como uma das modalidades de “reativação” e “reinvenção” do imaginário religioso que persiste na busca por princípios e valores éticos e morais em nossa sociedade, por

mais ressignificado que se apresente. E se tratando do nosso país, com fortíssima presença e tradição cristã – católica, sobretudo –, mesmo em vias de uma pós-modernidade, a “religião está em toda parte”. Nos dizeres de Pierucci (2012, p. 51) “no Brasil desse começo de século, com efeito, tudo anda muito movimentado e sorridente para os lados da religião, tudo muito agitado em matéria de fé e devoção.” O povo brasileiro está hoje “mais mobilizado e atizado em matéria de religião” (PIERUCCI, 2012, p. 55).

5.3 A “religiosidade em toda parte” e outras particularidades do caso brasileiro

Por mais que algumas situações religiosas ganhem cada vez mais contornos transnacionais, é preciso atentar para algumas particularidades do contexto brasileiro. Ao longo da realização dos Jogos Olímpicos no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro em 2016, ficou evidente mais uma vez efervescência religiosa do povo brasileiro. Não só pelas manifestações que já foram apontadas na Introdução deste trabalho mas, também, pelas discussões que circundaram o Comitê Olímpico Internacional (COI) ao longo da construção e inauguração de um centro inter-religioso na vila olímpica dos atletas, na forma de cinco espaços ecumênicos para a manifestação livre de práticas religiosas.¹²

Este comitê afirma ter escolhido as religiões mais representativas nacional e internacionalmente: Cristianismo (evangélicos e católicos), Judaísmo, Hinduísmo, Budismo e Islamismo, que foram representados por seus líderes religiosos. Entretanto, é claro, sob protestos de outras religiões (afro-brasileiras, por exemplo) que não se sentiram representadas.¹³ Ou, como no caso de um líder hindu, com a reclamação de que o espaço não possibilitava as práticas religiosas do hinduísmo devido à falta de estátuas de seus deuses e divindades.¹⁴ Ou seja, uma pequena amostra da dinâmica pluralista e competitiva religiosa de nosso país.

¹² Ver o artigo de Peter Berger, *Olympic Games – Sacred and Profane*, disponível em: <https://www.the-american-interest.com/2016/08/24/olympic-games-sacred-and-profane/> e a matéria jornalística disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2016/07/rezas-cultos-e-diversidade-conheca-o-centro-inter-religioso-da-rio-2016.html>; <http://regionalinterfaith.org.au/?tag=olympic-village>. Acessos em: 15 de maio de 2017.

¹³ Cf. www.dispatch.com/content/stories/faith_and_values/2016/08/19/olympic-committee-pushed-to-include-all-faiths-in-prayer-room-for-olympic-village.html.

¹⁴ Disponível em: <http://regionalinterfaith.org.au/?p=1325>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

Embora seja curiosa algumas dessas situações ocorridas no Brasil em 2016 é possível encontrar com facilidade os relatos sobre os vários cultos e cerimônias religiosas que já eram realizadas ao longo dos Jogos Olímpicos nos escritos de Coubertin. Por exemplo, ao retomar os Jogos após a primeira guerra mundial, em 1920 na Antuérpia, Coubertin comenta as diferenças ocorridas nos cultos desta edição do Jogos, em relação aos da edição passada, em 1912 na Suécia.

Por ter celebrado no próprio estádio, como em Estocolmo, um culto público imediatamente antes das competições desportivas, forçávamos a se integrar nele os participantes, que podiam não estar de acordo com tal ato. Porém convidando-os, fora dos Jogos, para uma cerimônia dentro de um templo, não fazíamos nada mais que associar a religião, com todas as outras forças morais humanas, com a realização dos Jogos Olímpicos. Afora isso, devíamos fazer com que a cerimônia resultasse suficientemente neutra em sua forma, para elevar-se *acima* de todas as confissões. Nada de missa, nem de presença sacerdotal no altar: o *De profundis* e o *Te Deum*, hino do triunfo e da esperança; hinos laicos, por assim dizer, que serviam como belas interpretações musicais, seguidos de um pronunciamento concedido livremente (COUBERTIN, 2015, p. 466).

Dessa maneira, não é de se estranhar que a laicidade preconizada por Coubertin em alguns momentos não tenha mesmo uma noção antirreligiosa. Isso fica evidenciado quando ele trata da educação livre e laica, “não no sentido irreligioso que se atribui a este termo”. Pois, “aqueles que produzem grandes ilusões separando num internato a religião da educação estão condenados a uma mediocridade pedagógica da qual nunca sairão”. O pedagogo utilizava o termo no sentido de descentralização das “congregações religiosas constringidas pelo estreito círculo de uma regra imutável” (COUBERTIN, 2015, p. 123).

De certa forma, algo próximo do que se vê atualmente no Brasil, república marcada por religiosidade em toda parte, mesmo em instituições tidas como laicas, sejam públicas ou privadas. Retratando a religiosidade brasileira atual, Pierucci (2012) vai mostrar que

sacerdotes de todos os cultos, pregadores de todas as revelações, antigas, novas e novíssimas, missionários de todas as igrejas e seitas, profetas de todas as promessas e previsões, gurus de todas as metafísicas e meditações, virtuosos de todos os ascetismos e mortificações, xamãs e médiuns de todos os espíritos e perispiritos, feiticeiros de todos os poderes e magos de todas as curas, entraram todos em campo preparados como se fosse para a peleja decisiva, com ânimo aparentemente incansável e entusiasmo invejável (PIERUCCI, 2012, p. 55-56).

Mas, se tratando de Brasil, aqueles espaços inter-religiosos da vila dos atletas dificilmente não seriam dirigidos por um padre católico. Talvez, como mostra Pierucci (2012), o motivo seja o longo processo histórico-religioso pelo qual passou o país. Isso ficou evidenciado nas “regalias e precedências monopolísticas” reservadas ao catolicismo por mais de quatrocentos anos como religião oficial do estado (até 1889), do período colonial até o final do Segundo Império (PIERUCCI, 2012, p. 54). Tais privilégios católicos podem ser claramente percebidos também na instituição de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil, a construção da estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro, nos locais de destaque ocupados pelas igrejas católicas em praças centrais de pequenas e grandes cidades, a presença de crucifixos em repartições públicas, etc.

Todavia, como o autor também demonstra, o declínio evidente do catolicismo no país “é o traço mais forte e terminante a marcar o panorama atual do campo religioso brasileiro, imprimindo nele as linhas nervosas de uma destradicionalização cultural inédita em suas dimensões” (PIERUCCI, 2012, p. 50). Dessa maneira, o autor corrobora com a desregulação institucional marcante da modernidade contemporânea apontada por Hervieu-Léger (2008).

A partir do censo de 2010, fica mais claro o processo de desfiliação religiosa, com os indivíduos tendendo a romper antigos laços e optando por “novidades”. Pertencças sociais e culturais, como as religiosas, tornam-se opcionais, revisáveis, com novos vínculos e participações mais frágeis, quase experimentais (HERVIEU-LÉGER, 2008; PIERUCCI, 2012).

Mas ainda assim, como mostra Teixeira (2013), quase 90% da população se declara cristã (64,63% católicos e 22,2% de evangélicos), com mais 8% de “sem religião” e mais 2% de Espíritas. Segundo o autor, há um crescente interesse pelo sagrado na vida social e na experiência pessoal, ao mesmo tempo e de forma articulada com processos de secularização no país. Nas palavras de Pierucci (2013, p. 51), “a coisa por aqui anda mesmo efervescente.”

Contudo, comentando dados do Censo de 2010, Teixeira (2013) mostra que a tendência em curso no país parece se aproximar do que algumas outras nações vivenciam/vivenciaram, como demonstrava Hervieu-Léger. No Brasil, tais tendências também apontam para a afirmação cada vez mais pessoal da religião e menos para dispositivos institucionais, ou seja, a emergência do indivíduo religioso e a crescente

desinstitucionalização. O universo das experiências religiosas deixa de ser regido por estruturas sólidas e reguladoras. Não que as instituições estejam fadadas ao desaparecimento, mas que sua função reguladora e totalizante é cada vez mais fraca, relativa, distante, opcional.

Em linhas de continuidade com Hervieu-Léger, Teixeira (2013) afirma que observa-se no contexto brasileiro uma intensificação do trânsito religioso, da provisoriedade da adesão e da dinâmica de privatização da prática religiosa. As declarações rígidas de pertença são cada vez mais difíceis. O peso da tradição – tão importante para a manutenção e perpetuação das religiões como mostra Hervieu-Léger (2008) – vai se fragilizando com o reforço da busca alternativa e pessoal pela experiência religiosa. A família, principal instituição de transmissão religiosa, vai perdendo o espaço privilegiado de controle e reprodução religiosa.

“A transmissão é o próprio movimento pelo qual a religião se constitui como religião através do tempo: é a fundação continuada da própria instituição religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 62). Porém, a autora complementa, todo processo de transmissão de um universo cultural é acompanhado por uma “crise de transmissão”. Na contemporaneidade, as lacunas presentes entre as diferentes gerações “correspondem a um remanejamento global das referências coletivas, a rupturas da memória, a uma reorganização dos valores que questionam os próprios fundamentos dos laços sociais”. Desse modo,

não é útil insistir no fato de que todas as instituições nas quais se dava a continuidade das gerações perdem hoje sua importância em benefício de uma sociabilidade da experiência partilhada, da comunicação direta, do engajamento pontual. A escola, a universidade, os partidos políticos, os sindicatos, as igrejas, todos também são atingidos. Mas, evidentemente, é a mutação da família, instituição de socialização por excelência, que revela mais diretamente a extensão das implicações sociais como também psicológicas (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 58).

O fato de a sociedade moderna ser cada vez menos sociedades de memória – “sociedades amnésicas” – e cada vez mais do paradigma da imediatez, ajuda a entender o declínio do catolicismo no Brasil. Declínio este que só não é maior, pelo fato de o catolicismo ser uma “religião de todos”: “da prostituta à freira, e do agente do tráfico de drogas ao diácono paroquial, todas as categorias de autores-atores sociais podem reclamar o serem católicos, podem ser devotos deste ou daquele santo”. Pois “aquilo que os primeiros cristãos mais criticaram no politeísmo da religião

greco-romana de Estado tenha sido o que mais veio a caracterizar o cristianismo católico de hoje, ou de épocas passadas” (BRANDÃO, 2013, p. 99; 97).

Com o definimento da transmissão familiar do fenômeno religioso, sobretudo entre os jovens em processo de emancipação em relação às suas famílias, eles tendem a fazer suas próprias opções religiosas. A partir das escolhas individualizadas, não só os jovens mas outras categorias também, tendem a ser “bricoladores”. Aproveitando do sincretismo brasileiro das religiões espíritas, afro-brasileiras, neopentecostais e católicas, principalmente, o indivíduo começa a montar seu mosaico religioso.

No processo de bricolagem, a pessoa vai se apropriando de diversos “elementos religiosos daqui e dali, criando, a partir de suas experiências e expectativas pessoais, pequenos sistemas de significação que dão um sentido à sua existência” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 63). Como a autora mostra, essa capacidade do indivíduo de elaborar seu próprio sistema de crenças, normas e valores a partir de sua experiência singular impõem-se e prevalece sobre os sistemas regulatórios das instituições. O indivíduo constrói sua própria identidade religiosa a partir dos universos simbólicos colocados à sua disposição.

Nesse sentido com a herança familiar católica de tradição decrescendo nas últimas décadas, aumentam-se os evangélicos nominais e os “não determinados”, bem como os “sem religião”. A identidade religiosa aos poucos deixa de ser uma identidade religiosa herdada, passando a ser uma identidade religiosa construída com todos os elementos disponíveis na sociedade.

Mariz e Gracino Jr. (2013) mostram que os evangélicos no país saltaram de 6,6% da população em 1980 para 22,2% em 2010. Em termos absolutos, de 7.886 milhões em 1980 para 42.275 milhões em 2010, crescimento perto de 540%. Com este aumento gradativo dos evangélicos, aumenta-se também a quantidade de evangélicos sem denominação ou, “não determinado”, nos termos do Censo de 2010. Os autores mostram que a crise que se abateu sobre as instituições produtoras de sentido, como as religiosas por exemplo, que reflete os processos de racionalização e diferenciação e independência das esferas da sociedade, faz com que o indivíduo se ligue fortemente a um grupo, frouxamente a vários, até sem coerência entre si, ou não se engaje em nenhum.

Com isso, parece se misturarem os evangélicos não determinados com os “sem religião” ou até mesmo, com as religiões não definidas, não classificáveis, pertencentes à vazia e inteligível categoria “outras”. Até porque, pela primeira vez o Censo trouxe as categorias “sem religião”, “ateu” e “agnóstico” (representando estas duas últimas categorias respectivamente, 0,32% e 0,07% da população) como alternativas de declaração espontânea separadas. Declarar-se sem religião, então, tem sido cada vez menos associado a comportamentos e atitudes anti ou irreligiosas. Pois “declarar-se sem religião pode ser um ponto de partida, um interregno entre pertencimentos ou um ponto de chegada onde se realiza sínteses pessoais combinando elementos de diferentes tradições religiosas e esotéricas” (NOVAES, 2013, p. 189). Mais uma vez, reflexos da pluralidade religiosa brasileira, cada vez mais pautada em escolhas e construções religiosas particulares, pessoais.

Os 8% da população sem religião no Brasil, de acordo com Teixeira (2013), representam sobretudo indivíduos jovens, como no caso dos atletas deste estudo, com a idade média de 26 anos. Porém, se focarmos na faixa dos 15 aos 29 anos de idade, este percentual aumenta para 9,5% da população. Segundo Novaes (2013), neste momento da vida evidencia-se desejos e expectativas de autonomia em relação a família, evidenciando-se também a perda de influência da transmissão religiosa familiar. “Com a diminuição da transferência religiosa intergeracional e com a dissociação entre vida sexual e casamento modificam-se padrões de moralidade e restringe-se o peso das autoridades religiosas” (NOVAES, 2013, p. 187).

Esta categoria – “sem religião” – mostra uma tendência de indiferença com relação às religiões tradicionais ou herdadas e a busca por liberdade perante obrigações e compromissos religiosos. Predominam entre estes desprovidos de religião, aquelas pessoas que se desligaram de instituições tradicionais e, a partir de então, afirmam suas crenças com base em arranjos e escolhas pessoais; aquelas que transitaram por várias igrejas, religiões e cultos mas não se encontraram em nenhum deles; aqueles indivíduos que possuem uma espiritualidade secular, não necessariamente religiosa; e aqueles que possuem uma filiação fluída devido a indisponibilidade de participação regular em determinado contexto.

Entre eles também estão alguns adeptos de religiões espíritas e, mais ainda, de afro-brasileiras (0,3% da população) como a Umbanda, que vêm sofrendo um encolhimento de acordo com os últimos censos (TEIXEIRA, 2013; PIERUCCI, 2013).

Ainda no Brasil, de acordo com os autores, continua vigorando a tendência de adeptos destas religiões se camuflarem entre católicos, espíritas ou outras denominações distintas devido ao preconceito ainda existente. Algumas dessas religiões ainda operam como prestadoras de serviços para a população, sobretudo algumas elites que a buscam de quando em quando para serviços e “trabalhos” específicos: cura, bons negócios, sorte no amor, etc.

Esta pluralização religiosa entra no âmbito familiar e passa a lidar com a complexidade das identidades fluidas, o trânsito religioso e as múltiplas pertencas. Segundo Teixeira (2013), as tendências observadas a partir dos números do Censo de 2010 mostram que com o passar do tempo e o aumento da idade, deixa-se de ser católico e passa-se a se declarar sem religião num primeiro momento, seguido pela adesão à religiões evangélicas, pentecostais principalmente; e mais próximo a velhice, chegando ao final da vida, as pessoas se tornam mais religiosas, dividindo-se entre católicos e evangélicos.

De acordo com Novaes (2013), os jovens atuais puderam observar e presenciar histórias de conversão e desconversão, trânsito religioso e bricolagens sincréticas no interior de suas famílias multirreligiosas e nos demais ambientes de convívio social. O jovens se acostumaram com o mercado religioso que opera por meio da indústria fonográfica e cinematográfica gospel, que atuam nas emissoras de rádio e de televisão e também no ambiente virtual da internet. Neste mercado cotidiano, encontram-se todo o tipo de bens religiosos, simbólicos e materiais. É possível assistir e baixar cultos, shows, filmes, músicas 24 horas por dia. Se a vida é cada vez mais pautada em ambientes virtuais, “por que somente na dimensão religiosa seria diferente?” (NOVAES, 2013, p. 188).

A autora vai chamar a atenção para o surgimento cada vez maior do que ela chama de “evangélicos genéricos”. Fazendo alusão aos medicamentos genéricos, ela explica que os evangélicos genéricos, assim como os medicamentos, possuem o mesmo princípio ativo, porém não carregam o rótulo de um fabricante, o peso de uma instituição. Assim são os evangélicos genéricos, pessoas levadas por ondas evangélicas a adotarem estilos de vida do mundo evangélico. Muitas vezes, por meio de bricolagens sincréticas entre os diferentes modos possíveis de ser evangélico (pentecostal, neo-pentecostal, de missão, histórico, etc.). Da mesma forma que a

juventude reinventa formas de participação política (em sindicatos, partidos, movimentos organizados), reinventam também maneiras de “levar” a vida religiosa.

Portanto, entender as dinâmicas religiosas é de fundamental importância para compreender fenômenos sociais e culturais mais amplos, como por exemplo, a complexidade destas dinâmicas no esporte. Neste contexto específico, por meio da religiosidade de atletas de alto nível, precisamos ir além da filiação religiosa. É preciso buscar entender como as pessoas vivem a religiosidade. Suas múltiplas pertenças, bricolagens e trânsitos religiosos, além das práticas religiosas cotidianas desvinculadas de instituições. Tudo aquilo que diz respeito aos sentimentos religiosos da *religio athletae* e a busca por princípios e valores éticos possivelmente fomentados pelo esporte.

Será que esses processos são percebidos na carreira de atletas olímpicos? Será que o esporte pode ser visto, de alguma forma, como um substituto, parceiro ou inimigo da religião para alguns atletas? Como a religião poderia influenciar os processos de treinamento e as competições? E ao mesmo tempo, como o esporte poderia influenciar as práticas religiosas cotidianas? Assim, quais as relações que os atletas percebem entre o esporte e suas crenças? Como os atletas enxergam e administram tais relações?

6 HIPÓTESE CENTRAL

A hipótese central deste estudo é a de que a religiosidade, entendida como uma capacidade humana de gerar formas cognitivas e emocionais de construção de sentidos e que assume manifestações socioculturais diversas, estabelece relações com a carreira esportiva de atletas profissionais brasileiros de forma marcante e significativa.

6.1 Hipótese complementar

O esporte influencia a religiosidade de atletas como meio de secularização sendo a principal esfera produtora de sentido e significado para a vida do sujeito.

7 MATERIAL E MÉTODO

O método utilizado no presente estudo se caracteriza por um delineamento do tipo estudo exploratório descritivo de natureza qualitativa, visando aclarar se as relações das vivências religiosas influenciam no comportamento de atletas olímpicos mediante o uso dos instrumentos “Discurso do Sujeito Coletivo- DSC” e “Método de História Oral”.

O presente estudo foi apresentado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Educação Física e Esporte (EEFE) da Universidade de São Paulo (USP), sob o número CAAE 68404217.3.0000.5391 e Parecer Consubstanciado número 2.110.387 (Anexo B). Parte deste presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

7.1 Casuística

Fizeram parte do estudo 05 atletas como parte de amostra de conveniência, pertencentes à delegação brasileira nos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, do sexo feminino, oriundas de diversas classes sociais, com idade cronológica entre 27 e 56 anos considerando a representatividade e excelência de tais atletas no cenário esportivo internacional.¹⁵

7.2 Participantes e procedimentos

As entrevistas foram realizadas pessoalmente ou por Skype e gravadas por iPhone 6S do próprio responsável pela pesquisa. Às transcrições foram adicionadas códigos para evitar a exposição desnecessária das atletas: A1, atleta de Luta – *Wrestling*, nascida em 18 de outubro de 1986; A2, atleta de Taekwondo nascida em 21 de agosto de 1990; A3, atleta de Rugby nascida em 24 de março de 1991; A4, atleta do Tiro Esportivo nascida em 20 de maio de 1962; A5, atleta de Remo nascida

¹⁵ No site oficial do governo brasileiro para as olimpíadas é possível acompanhar informações da delegação. Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/confira-os-numeros-da-delegacao-brasileira-nos-jogos-rio-2016>.

em 25 de março de 1984. Outras atletas mulheres, além dos vários atletas homens contatados não quiseram ou não puderam participar.

Assim, do total de 465 atletas classificados para os jogos, todos, quer sejam de esportes coletivos, quer dos esportes individuais ou de duplas, poderiam aleatoriamente ser contatados a partir de suas equipes e assessorias de imprensa dependendo da disponibilidade e acessibilidade. Porém, essas cinco atletas aceitaram gentilmente serem entrevistadas, tanto pessoalmente como por videoconferência utilizando o programa de comunicação pela internet Skype. O critério de escolha dos atletas olímpicos participantes da última edição dos Jogos Olímpicos limitou-se ao fato dos mesmos, no momento da coleta, se disponibilizarem para a entrevista em dia e horário combinado com eles. Os contatos se deram diretamente com os atletas por telefone e aplicativos de mensagens para smartphones, com as assessorias de imprensa, técnicos e familiares.

Os participantes foram selecionados de forma não probabilística utilizando os critérios de voluntariado considerando aspectos de saturação dos dados. Para Minayo (2017, p. 5), o termo *saturação* se refere “a um momento no trabalho de campo em que a coleta de novos dados não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado.” Assim, o tamanho da amostra foi orientado não por medições estatísticas de quantidade, mas pela extensão do objeto e pela complexidade do estudo. Em exemplos trabalhados pela autora, é destacado que

o número de pessoas é menos importante do que o empenho de enxergar todas as possibilidades de se aproximar do objeto empiricamente, prestando-se atenção a todas as suas dimensões e interconexões (MINAYO, 2017, p. 8).

Afinal, “pode-se dizer que uma amostra qualitativa ideal é a que reflete, em quantidade e intensidade, as múltiplas dimensões de determinado fenômeno e busca a qualidade das ações e das interações em todo o decorrer do processo.” (MINAYO, 2017, p. 10).

Complementando a noção de tamanho de amostra e saturação, a autora ressalta a necessidade e importância de

que, mesmo quando provisoriamente o investigador prevê um montante de entrevistas e grupos focais ou de outras técnicas de abordagem, essa ideia de provisoriabilidade deve acompanhá-lo durante todo o processo. Pois, não há medida estabelecida a priori para o entendimento das homogeneidades, da diversidade e da intensidade das informações necessárias a um adequado trabalho de pesquisa. Igualmente, não existe um ponto de saturação a priori definido, e

nunca a quantidade de abordagens em campo pode ser uma representação burocrática e formal estabelecida em números. O que precisa prevalecer é a certeza do pesquisador de que, mesmo provisoriamente, encontrou a lógica interna do seu objeto de estudo – que também é sujeito – em todas as suas conexões e interconexões (MINAYO, 2017, p. 10).

De tal modo, após o contato com as equipes esportivas nas quais estes atletas estão vinculados, assessorias de imprensa, com os treinadores, ou com os próprios atletas, os participantes serão entrevistados em dia, horário e locais pré-determinados agendados mediante disponibilidade de cada um. Com a lista dos atletas anuentes, conforme Freitas (2006) indica, serão elaboradas fichas biográficas a partir dos currículos, das trajetórias, marcos e conquistas significativas de cada atleta divulgados em documentos diversos.

Todos os participantes foram informados do propósito do estudo e da importância do seu depoimento para a realização da pesquisa. Foram também assegurados sobre o direito de não opinar sobre aquilo que considerar não conveniente e até mesmo censurar trechos da entrevista gravada e da sua respectiva transcrição. Todos os entrevistados assinaram, após leitura, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Anexo A, contendo as informações e explicações acima, entre outras sobre a Pesquisa, a Universidade e os pesquisadores envolvidos.

7.3 Instrumentos

Neste estudo exploratório descritivo de natureza qualitativa foram realizadas entrevistas semiestruturadas baseadas nos métodos de História Oral Temática, ou história temática. De acordo com Freitas (2006) e Meihy e Holanda (2013), a história temática é um dos três gêneros distintos em que se divide a História Oral: tradição oral, história de vida e história temática. Para Freitas (2006), História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica de entrevista dentre outros procedimentos articulados entre si. Por isso, é ao mesmo tempo técnica e fonte documental. Tais fontes documentais podem ser complementadas por outras, como documentos oficiais e outros materiais fornecidos por pessoas próximas, familiarizadas com o depoente, com os fatos ou com as situações e espaços descritos.

A história temática, segundo Meihy e Holanda (2013, p. 35), se diferencia principalmente das outras abordagens da História Oral pela presença de “questionários, que precisam estabelecer critérios de abordagens de temas”. Ou seja, na história temática há uma maior condução ao longo das entrevistas por parte do entrevistador, por meio de perguntas e respostas, que buscam dar um direcionamento para um foco central.

Além disso, diferentemente da história de vida, “detalhes da história pessoal do narrador apenas interessam apenas na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central” (MEIHY; HOLANDA, p. 40, 2013). E se difere da tradição oral uma vez que não nos aprofundaremos em torno de nenhuma crença, mito, rito ou alguma outra manifestação específica de um passado remoto (re)vivido e (re)criado constantemente pela força coletiva da tradição, seja ela oral ou escrita.

Relatos orais constituem técnicas qualitativas por excelência utilizadas em grande escala desde o final do século XIX. Elas extrapolam o caráter individual dos relatos ao conseguir captar influências e representações do grupo social ao qual o atleta pertence e está inserido. Durante as entrevistas, o pesquisador pode fazer pequenas intervenções que facilitem a obtenção das informações que necessita para realizar a análise posteriormente (SANCHES, 2009). Não menosprezando as imensas contribuições dos trabalhos que têm a sua metodologia baseada na aplicação de testes psicométricos e de questionários, esta autora também chama a atenção para a necessidade de mais utilização de métodos e técnicas de análise e interpretação qualitativa.

Na história temática, como a entrevista adota um caráter temático pode ser realizada sobre assuntos específicos, como no caso da religiosidade dos atletas entrevistados. E neste caso, a entrevista não necessariamente precisa abordar a totalidade da existência do atleta, possibilitando mais depoimentos, com informações mais específicas e, portanto, a “comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo” (FREITAS, 2006, p. 21-22).

A entrevista possibilitou, assim, o relato oral do atleta sobre suas crenças, suas convicções, suas superstições, modalidades religiosas (crente, atea, agnóstica, etc.), sua espiritualidade, suas relações com o divino e de transcendência. Além disso,

como estes aspectos religiosos e/ou espirituais de sua vida se relacionam com a sua carreira esportiva e possivelmente com toda a sua existência.

Foi, portanto, possível perceber os níveis de religiosidade de cada atleta. Suas participações institucionais, suas crenças e superstições relacionadas com o esporte de uma maneira geral, durante as competições, durante as provas, etc. Entretanto, Voldman (2006, p. 38) chama a atenção de que, para o pesquisador,

não se trata de propor interpretações da mensagem que lhe é comunicada, mas de saber que o não-dito, a hesitação, o silêncio, a repetição desnecessária, o lapso, a divagação e associação são elementos integrantes e até estruturantes do discurso e do relato. Não cabe desesperar-se com mentiras mais ou menos fáceis de desmascarar nem com o que pode ser tomado como contraverdades da palavra-fonte.

Competindo dessa maneira ao pesquisador, estabelecer o que será tomado como está, o que será reanalisado de acordo com outras fontes, o que será posto de lado definitiva ou provisoriamente para observações secundárias e o que será criticado, como é necessário em qualquer estudo (VOLDMAN, 2006).

Assim, a narrativa de cada um foi valorizada em sua totalidade única, individual e subjetiva, mas não de forma absoluta, pois como mostra Minayo (2017, p. 3), cada narrativa precisa ser balizada pelo pensamento de outro, uma vez que “é também reveladora do grupo em que está inserido e de seu tempo histórico onde sua singularidade está entranhada de cultura.” Por isso, baseada na noção de *habitus* de Bourdieu e Norbert Elias, a autora esclarece que “uma entrevista com alguém de um grupo é, ao mesmo tempo, um depoimento pessoal e coletivo” (MINAYO, 2017, p. 4).

Esta autora ainda destaca que nas pesquisas qualitativas, diferentemente das quantitativas, a intensidade e qualidade do fenômeno são priorizadas ao invés da magnitude e da quantidade. “As informações prestadas por pessoas implicadas num tema de pesquisa podem representar o conjunto quando determinadas precondições forem observadas”, permitindo “um número finito de entrevistas e observações” (MINAYO, 2017, p. 4). Não estando isenta de parâmetros e normas que garantem sua cientificidade, a abordagem qualitativa

está muito menos preocupada com os aspectos que se repetem e muito mais atenta com sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas (MINAYO, 2017, p. 2).

Desse modo, foi elaborado um roteiro único, amplo e abrangente para ser utilizado em todas as entrevistas buscando garantir uma certa unidade dos documentos. Quatro questões chave foram formuladas para nortear as entrevistas:

1. Como você se descreve em relação à sua religiosidade?
2. De que maneiras você percebe que a sua religiosidade influencia a sua prática esportiva?
3. E de que maneiras você percebe que o esporte influencia a sua religiosidade?
4. Você acredita que situações no esporte, como derrotas e vitórias, por exemplo, podem ser influenciadas de alguma forma por forças sobrenaturais, como Deus, algum poder superior, sorte/azar, etc.? Por que?
5. Como você considera a realização de manifestações religiosas em eventos e competições esportivas?

Para o tratamento, análise e discussão dos dados foi empregada a técnica e os métodos do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), instrumento estruturado para investigar, analisar e categorizar discursos de sujeitos. De acordo com metodologia proposta Lefèvre e Lefèvre (2000) e atualizada ao longo dos anos como “uma proposta de organização, e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal” obtidos de fontes variadas. E para melhor organização dos dados, foi utilizado o software QualiQuantiSoft® (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 15).

De acordo com os autores, o DSC consiste na análise do material coletado nas entrevistas extraindo deste material as ideias centrais (IC) e/ou ancoragens (AC) e expressões chaves (ECH). Estas são formadas por “pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso” a serem destacadas para revelarem a essência da fala do sujeito (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 17).

As IC, como o próprio nome indica, são formadas pela descrição do sentido de cada um dos depoimentos ou de um conjunto de depoimentos, ou um conjunto homogêneo de ECH. Este conjunto de ECH dará origem mais tarde ao DSC. Importante destacar, que um discurso pode ter mais de uma IC. Esta “tem, portanto, a importante função de individualizar um dado discurso ou conjunto de discursos, descrevendo, positivamente, suas especificidades semânticas” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 25). Como visto, a interação entre dialética entre IC e ECH são fundamentais para a correta identificação e descrição dos sentidos de um ou mais depoimentos.

Já as AC, sob inspiração da teoria de representação social, revelam a teoria, a ideologia, a crença que a pessoa que emite o discurso professa e que embasa sua fala. Nem sempre são possíveis de serem apontadas com clareza ou mesmo observadas (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 17).

É importante pontuar que a teoria das representações sociais de Moscovici (2009), que embasam a teoria do DSC mas não serão alvo de discussão mais detalhada neste trabalho, ressalta o papel das representações coletivas religiosas na manutenção da vida em sociedade, e que em algum momento originaram a ciência e a filosofia. Para Moscovici (2009, p. 178),

condutas rituais têm, como sua finalidade concreta, não tanto fazer chover ou prantear uma morte, mas manter a comunidade, revigorar o sentido de pertencer a um grupo, inflamar crença e fé. Estou longe de sugerir que essa explicação da vida religiosa é a melhor, ou que ela resistiu à crítica do tempo. Mas para mim é suficiente ilustrar o sentido em que representações latentes são expressas através de conteúdos mentais e comportamentos simbólicos.

Assim, o DSC “é um discurso-síntese redigido na primeira pessoa do singular” para dar voz a um *sujeito coletivo* e formado pelas ECH com a mesma IC, ou AC (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 18). Esta forma de apresentação de resultados de pesquisa pode integrar a pesquisa científica qualitativa, que se apresenta sistemática e rigorosa com a cultura contemporânea, fluída e diversa vivida por atletas.

Como salientam os autores, o DSC permite “romper a atual dicotomia entre a pesquisa do pensamento humano e esse pensamento humano tal como ele ocorre e se exhibe na vida real” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 33).

8 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

8.1 As atletas

Além de responderem as cinco questões que formaram o DSC, a todas as atletas participantes foi solicitado que falassem a respeito do seu contexto familiar e esportivo. As atletas abordaram temas como herança familiar religiosa e crenças de colegas do esporte, além de temas livres que quisessem relatar, contando casos e experiências pessoais.

Tais excertos, comentados abaixo, auxiliam no entendimento sobre as origens e os contextos em que as concepções religiosas se formavam, se expressavam, se estabeleciam e se modificavam ganhando novos significados até os dias atuais. Acredita-se que estas narrativas enriquecem o panorama maior formado pelo DSC destas atletas.

A1 (Luta – Wrestling)

A atleta de 31 anos de idade mora em Cubatão/SP, onde treina e desenvolve projetos sociais para crianças e jovens da comunidade. Anos depois dos jogos olímpicos, a atleta, após passar pela recuperação de uma trombose na perna, treina com objetivos claros de lutar por medalha nos próximos jogos olímpicos.

Criada apenas pela mãe, A1 sempre gostou de brincar pelas ruas de onde morava. Nas palavras da atleta: “Eu era bem terrível. Ficava bastante na rua!” Por isso, ela acredita que o esporte a ajudou muito, quando aos 12 anos de idade ingressou no judô. Por quatro anos praticou esta modalidade e aos 16 anos de idade conheceu a luta olímpica.

De acordo com a atleta, sua família era muito religiosa. Toda sua família era adepta do espiritismo, do qual participavam. Às vezes, mesmo contra sua vontade, pois queria ficar brincando na rua, A1 participava das cerimônias e ritos do espiritismo com sua família. *“Então todo sábado, quando eu era novinha, as vezes eu queria ficar na rua jogando, brincando, fazendo alguma coisa. Mas não, eu tinha que ir com a minha mãe.”*

Lembrando de seu passado esportivo, A1 revela, como todas as demais atletas, histórias de superação a imensos desafios. *“Minha vida teve muitos altos e baixos porque eu já passei fome quando eu morei em Curitiba. Eu tive uma lesão na coluna,*

foi difícil de lidar.” Para a atleta, seu sonho de ser atleta olímpico por pouco não se realiza, tendo que lidar constantemente com muitos “altos e baixos”.

Entretanto, para ela, as dificuldades e superações em sua carreira esportiva a fizeram muito resiliente. *“Eu acho que o esporte me formou muito bem nessa questão de resiliente né...eu sou muito resiliente. Depois de tudo que eu já passei, hoje eu sei que se a gente segue em frente uma hora dá certo.”* Como visto no relato de todas as atletas, a resiliência (tema que não será foco de desenvolvimento teórico aprofundado neste trabalho) se faz presente na vida esportiva de toda atleta de alto rendimento, mesmo que em diferentes intensidades. Mas que se faz necessário para se chegar ao alto nível, e é claro, aos jogos olímpicos, por exemplo.

Além disso, A1 foi a única atleta que disse acreditar no par sorte e azar. Diante do incerto, do sobrenatural, muitas vezes a alma humana se encontra em crise de plausibilidade.

Olha, assim... Eu adorava aquela frase: “Quanto mais eu treino mais sorte eu tenho.” E aí eu pensava que não, não tem sorte, mas é impossível dizer que não tem sorte, sabe? Eu tenho amigas que não tinham condições alguma de ganhar uma competição x e que por causa do sorteio das chaves e por causa de uma decisão errônea do árbitro ela “pum”! Foi lá e ganhou, sabe? Então é impossível. Eu não posso dizer que não existe sorte. Eu acredito que existe sim, em alguns casos.

A1 se mostrou muito questionadora com relação a religiosidade institucionalizada. Segundo ela, não concorda com vários valores religiosos que, em sua concepção, são muito antigos e patriarcais. E coerente com seu contexto espírita, a atleta disse que considera que a sua concepção de Deus tem muito a ver com uma energia. Entretanto, de acordo com ela:

Eu acredito que tem algo maior. Uma lei, uma regra, algo que rege essa energia. Um objetivo, sabe? Eu não acredito que a gente veio na terra só pra viver, morrer e pronto. Tem um propósito. Tem que ter um propósito.

Como nos mostra Giussani (2000), o ser humano tem em sua essência a esperança. “A espera é estrutura de nossa natureza” (GIUSSANI, 2000, p. 83).

A2 (Taekwondo)

Pouco mais de dois anos após a realização dos jogos olímpicos no Brasil, a atleta de 27 anos de idade ainda ocupa lugar de destaque no país. Foi a primeira atleta do taekwondo brasileiro a garantir vagas para os Jogos Olímpicos por meio dos

pontos obtidos nos *Grand Prix* que realizou em vários países. Mesmo não conquistando medalha, teve excelentes resultados até as olimpíadas e em 2017, ainda detém a primeira posição do ranking nacional da Confederação Brasileira de Taekwondo na categoria até 49kg. Mas apesar de seu reconhecimento internacional, a atleta se preocupa em destacar com orgulho sua origem simples.

Nascida em uma família que gostava muito de esporte, sobretudo por seu pai, após passar pelo balé e pela natação na infância, A2 iniciou no taekwondo entre 12 e 13 anos de idade. A2 continua treinando na academia onde começou no taekwondo em Porto das Caixas – Itaboraí/RJ. Recentemente, o local foi reformado com o auxílio do quadro “Um por todos e todos por um” do programa de televisão *Caldeirão do Huck* da Rede Globo de Televisão.

Novas instalações e equipamentos foram doados e agora compõem a academia onde a atleta treina para as competições e também desenvolve um projeto social com crianças e adolescentes do entorno. Jovens que sonham com uma chance de chegar perto da posição ocupada por A2 nos dias atuais.

Segundo A2, ela nunca imaginou ter o reconhecimento que obteve. Mas, como sempre gostou de ajudar as pessoas, acredita que isso de alguma forma gera prestígio e faz bem a ela mesma.

Além da prática esportiva, A2, juntamente com seu irmão – professor de Educação Física e seu preparador físico – e sua irmã – que atualmente é casada com um pastor evangélico – eram obrigados a ir à igreja onde a mãe frequentava. A mãe, antes católica e depois convertida à Igreja Universal do Reino de Deus, fazia questão de que seus filhos a acompanhassem.

Além da conversão da mãe e suas preocupações em criar os filhos participantes da igreja evangélica, infelizmente, algumas memórias soam com pesar e tristeza na fala de A2.

Meu pai é falecido né. Faleceu tem uns dois, três anos, quatro anos. [...] Fiz catequese né, com meu pai. Não lembro muita coisa. Meu pai levava a gente na Igreja Messiânica também. Fazia umas orações. Meu pai tinha problema de cabeça né. E isso tem a ver com religiosidade... Que... A gente não acompanhou. Não sei... Ele fazia... lá pra São Paulo, tinha uns negócios lá de Saint German, mestre Saint German, essas coisas assim que eu não entendo muito sabe? Ele fazia uma tal de grande invocação lá em casa. Coisa da cabeça dele. Ele lia muito, muitos livros de religiosidade. Isso eu acho que acabou afetando a cabeça dele. E ele ficou com problema de cabeça.

Para A2, a religiosidade vivenciada pelo pai de alguma forma o afetou negativamente sendo difícil precisar o que ocorreu primeiro. Se os “excessos” e toda excentricidade religiosos na vida dele eram na realidade causa ou consequência de transtornos mentais indicando a complexidade do tema. Entretanto, há na literatura vários estudos na área da saúde, como apontados anteriormente, que investigam as relações entre a religiosidade e a saúde mental, como a prevenção do suicídio (SISASK *et al.* 2010; TAYLOR, CHATTERS, JOE, 2011; CARIBÉ *et al.* 2012; CARIBÉ *et al.* 2015) e o tratamento e prevenção de doenças mentais (KOENIG, 2001; MOREIRA-ALMEIDA, LOTUFO NETO, KOENIG, 2006; PAJEVIC, HASANOVIC, DELIC, 2007; TAYLOR, CHATTERS, NGUYEN, 2013; CARIBÉ *et al.* 2015).

Entretanto, A2 faz questão de lembrar que há tempos atrás, recorrera à fé como algo essencial para seu sucesso esportivo evidenciando a relação utilitária. Deixa a impressão que acredita que não conseguiria o êxito profissional em sua carreira esportiva sem um auxílio sobrenatural, transcendente. Pois, como mostra Edgell (2012), a vivência da religiosidade diária (pessoal/subjetiva) leva à práticas sagradas, transcendentais e que dão significado para a vida cotidiana dos sujeitos.

Pra eu conseguir a vaga para as olimpíadas eu “tava” indo na igreja direto. Entendeu? Sempre orando, sempre buscando, pedindo... Nesse momento eu “tava” mais...

Independente do “uso” que se faça da religião, fica clara a relação utilitária que ela estabelece com o esporte na vida da atleta com interesses e motivações esporádicos. Mas também, fica evidente a complexidade do fenômeno religioso na vida humana, seus meandros e possibilidades de influência nas demais esferas, como o esporte, por exemplo. Ora acionada, com fé e veemência como último recurso possível da existência, ora esquecida, anulada, sem nenhuma utilidade.

Todavia, em meio a complexas relações entre as esferas da vida humana, esta, talvez, possa ser a razão da convicção de A2 quanto à sua participação nas Olimpíadas:

É um milagre hoje eu estar... pra mim é um milagre hoje eu estar onde eu estou. Entendeu? Pra eu ter conseguido a vaga das Olimpíadas, pra mim isso é um milagre.

Uma forte evidência do papel que a religiosidade, mesmo que difusa e fluída como possa se apresentar, desempenha influenciando o esporte e a carreira esportiva de atletas. Aspectos muitas vezes que podem passar despercebidos nos estudos acadêmicos que tratam das carreiras esportivas de atletas.

A3 (Rugby)

Morando no Brasil há quatro anos, A3 já se sente muito à vontade com o idioma, com a cultura e com o esporte. Filha de pais brasileiros, a atleta nasceu e cresceu nos Estados Unidos da América onde viveu até 2014, quando se mudou para o Brasil para integrar a seleção brasileira feminina de rugby e disputar as olimpíadas de 2016.

Segundo a atleta, o esporte entrou na vida dela quando ela começou a andar. *“A história que meu pai, meu primeiro treinador gosta de contar é que eu comecei a andar já com uma bola de futebol no meu pé.”* E como era a única menina entre trigêmeos além de um irmão mais velho, jogou por muito tempo nos times dos irmãos de mesma idade, até aproximadamente os 13 anos de idade.

Depois disso, mesmo jogando em clubes, não se utilizou do fato de ser atleta para pleitear uma vaga na universidade de Columbia em Nova York. Segundo A3, seus pais eram contra a ideia de usar o esporte como veículo de acesso à universidade. Assim, após entrar por méritos estritamente acadêmicos, passou a jogar futebol apenas por diversão, na maioria das vezes em times mistos aos finais de semana.

O primeiro contato com o rugby, aos 19 anos de idade, veio após um convite de um amigo atleta da modalidade para assistir uma partida em que ele jogaria. *“Ele falou: ‘Ah, eu jogo rugby.’ Eu falei: ‘Que isso?’ E ele falou: ‘Vem me assistir, eu acho que você vai gostar’.* E eu fui pra lá, eu não entendia nada, de nenhuma regra.”

Como A3 gostou do jogo, no mesmo dia recebeu um convite para treinar:

E a capitão do time feminino estava lá. Ela me viu meio empolgada, assistindo, torcendo e ela falou: ‘Você parece atlética. Parece que você gostaria de jogar isso. Vem para um treino.’ Eu falei: ‘Ah, não, eu jogo futebol.’ E ela falou: ‘Não, eu também comecei no futebol e agora eu jogo rugby. Vem para um treino. Só vem!’ Aí eu falei: ‘Tá bom, vamos lá.’ E eu fui a semana seguinte em um treino e eu nunca mais parei de jogar.

A atleta jogou rugby só por diversão até receber uma chamada aberta da Confederação Brasileira de Rugby buscando jogadores brasileiros que viviam fora do país. No final de 2013 A3 entrou em contato com a confederação e participou de uma seletiva e alguns jogos com um time em desenvolvimento, assinando contrato em junho de 2014. E no mês seguinte mudou-se para o Brasil.

Filha de cientistas ateus, A3 cresceu numa casa onde, segundo ela, as explicações para muitas coisas eram baseadas na “ciência”.

Eu lembro, eu era bem pequena, acho que uns sete anos, talvez seis, e eu perguntei para o meu pai o que era um arco-íris e ele trouxe pra casa um prisma pra mostrar a refração da luz e explicar como isso acontece no céu. Então isso é uma ideia de como as coisas foram explicadas pra mim desde sempre na minha casa né? [...] Mas, minha família é brasileira também, então a gente comemorava todos, ou, comemora ainda, todos os feriados católicos. Mas, nunca fui pra igreja com regularidade. Eu tive curiosidade ao longo da vida e meus pais sempre deixaram muito abertos pra mim: “Ah, se você quiser a gente te leva pra igreja. Se você quiser a gente ajuda você a pesquisar ou buscar entendimento.” Mas eles são ateus.

À influência dos pais, A3 atribui o fato de não acreditar em Deus atualmente e não ir muito à igreja, embora, considere a religiosidade brasileira interessante. Religiosidade que, como chamava a atenção Pierucci (2013), pode ser vista em toda parte. Inclusive, na seleção brasileira feminina de rugby:

Muitas meninas da seleção do rugby, são religiosas, são católicas ou cristãs [evangélicas]. Entre estas, uma grande parte vai pra igreja. [...] E mesmo no discurso delas, é muito: “Se Deus quiser. Graças a Deus.” Sempre tem uma apresentação de camisas antes de um torneio, quando você recebe sua camisa de jogo, e sempre a primeira coisa que 90% delas falam é agradecer a Deus. E isso é muito nítido no discurso delas, de como elas enxergam esse fator na trajetória delas no esporte.

Após alguns anos aqui no Brasil, mesmo se auto categorizando como ateia, A3 já se abre para a experiência religiosa que, de acordo com ela também, permeia a cultura brasileira. “*Eu acho que morando no Brasil eu me sinto mais aberta a essas ideias. E é uma escolha. Eu acho muito interessante essa ideia de enxergar as coisas. Meio que alinhar seus pensamentos segundo essas coisas.*”

A4 (Tiro Esportivo)

Sendo a atleta mais velha da delegação, com 56 anos de idade completados em maio deste ano (2018), a gaúcha da cidade de Osório brinca com o fato e se diverte ao falar sobre as brincadeiras feitas com ela sobre isso na vila olímpica em 2016. Como ela diz, suas histórias e experiências não são de alguém que começou a praticar esporte na semana passada.

Desde 2016 sem ter um local para treinar, participou de todas as provas e competições sem se preparar adequadamente. Somente em fevereiro de 2018 conseguiu o Centro Militar de Tiros para treinamento. E mesmo assim, em condições precárias, foi campeã brasileira em 2017. Com isso, a atleta não esconde sua

decepção e faz duras críticas ao esporte brasileiro e às organizações que deveriam gerir o esporte e cuidar dos atletas. Nas palavras dela,

Isso já é uma piada né? Porque se tu considerar, os meus colegas de tiro de fora do Brasil, os caras estão treinando a vida inteira com tudo né? E eu não tenho nem onde treinar. Daí agora eu retomo, em fevereiro porque fui convocada para os Jogos Sul-americanos que são agora em maio. Mudaram a data e agora é no início de junho. Tu imagina. Como é que tu prepara um atleta? E eu vou sozinha com meu marido, que me ajuda, pra gente ir até lá e treinar. Não tenho técnico aqui, não tenho nada, entende? Tu me perguntas: “Quais as dificuldades?” – Todas!

Sua vida no esporte também começou bem cedo. Ainda criança, A4 ingressou no atletismo para se tornar uma atleta escolar. Mas logo em seguida passou a jogar vôlei, onde ficou por muitos anos até começar a competir no tiro esportivo. Em 2008 ficou internada por oito dias sem fala e com o lado direito do corpo paralisado após sofrer um acidente vascular cerebral que quase a impediu de praticar o esporte.

Por essa e inúmeras outras situações, diz se apegar a Deus e a Nossa Senhora de Caravaggio, a quem atribui sua recuperação em 2008.

Eu não parei com o esporte porque eu acho que foi justamente ela que botou a mãozinha dela aqui em cima [A4 coloca a mão carinhosamente sobre sua cabeça imitando o possível gesto da santa] e disse: “Não, tu vai!”. Porque em outra situação eu te garanto que a pessoa não iria a lugar nenhum.

Se considerando uma católica não praticante, A4 explica que vem de uma família muito religiosa, com “*mãe extremamente católica*”, mas um pai bem menos religioso. Segundo a atleta, ela se parece mais com o pai, a quem atribui uma fé mais individual, apesar de se considerar muito religiosa. Embora a mãe quisesse que ela fizesse as aulas de Catecismo, o pai proibiu. De acordo com A4, seu pai não acreditava naquilo e achava que era “*bobagem*”.

Ainda no relato da atleta, ela se mostra bastante hostil à liderança humana da religião católica representada pelos padres da igreja. Entretanto, como se parece com seu pai, possui crenças próprias, particulares, se permitindo misturar aspectos de diferentes matrizes religiosas. De acordo com ela, seu pai sempre a dizia ante uma competição de vôlei: “*Ah, não te preocupa, vai lá que Santo Antônio vai tá te protegendo*”; pois afinal, “*ele tinha os protetores dele né?*”

Dessa maneira, seguindo essa mesma linha, A4 é “*super fã de Jesus Cristo*”, faz yoga para relaxar e é devota de Caravaggio, pra quem já fez até peregrinação.

Para a atleta, a religiosidade está muito presente no esporte, sendo impossível encontrar algum atleta ateu.

Porque o atleta é sempre muito solitário. Independente de ser esporte coletivo ou não. É claro que no coletivo é muito mais tranquilo porque no coletivo tu divide com os teus colegas de time. Fica um pouco mais suave no ombro. Mas na hora do “pega pra capar”, tipo quando o Neymar foi bater aquele pênalti lá na Olimpíada. Com certeza absoluta ele elevou um pedido a Deus. Isso é certo! Porque na hora o atleta... é tu contigo mesmo! Ali não tem técnico, não tem equipe, não tem nada. A responsabilidade é tua e aí? Só te sobra te apegar com alguém né? Com Deus, com Jesus Cristo, num sei, com pastor. Não sei com o que tu vais se apegar, mas, que se apegar é certo.

A5 (Remo)

Desde muito cedo a atleta paulistana já praticava esporte. Com três anos de idade ela já fazia natação. Segundo A5, seus pais sempre incentivaram ela e o irmão, que hoje é piloto na *Stock Car Light*, a praticarem esporte. A partir dos 10 anos de idade passou a competir e ficou até os 22 anos nadando em competições.

Alternadamente à natação, A5 praticava balé, atividade que gostava muito e no qual também competiu. Além disso, praticou yoga e surfou para se manter ativa, após parar de nadar competitivamente e praticar o balé. Só aos 25 anos de idade foi que A5 encontrou o remo, juntamente com seu esposo, quem lhe apresentou a modalidade.

Porém, apenas aos 28 anos de idade a atleta começou a remar. Por incompatibilidade de horários com o trabalho e o balé, A5 precisou deixar as aulas. Assim, como forma de se manter ativa, resolveu seguir os conselhos de seu marido, uma vez que a prática do remo se iniciava diariamente as cinco horas da manhã, possibilitando conciliar os treinos com o trabalho.

E aí eu comecei a remar com 28 anos. Mas assim, 1 ano e 9 meses, mais ou menos, depois eu tinha entrado na seleção brasileira já. Então foi assim, eu tive um ganho muito rápido nesse esporte. Mas eu tenho certeza que é por tudo que eu fiz de esporte antes. Minha vida inteira eu fiz esporte, e competitivo. Até porque as pessoas fala assim: “Nossa, rapidamente você entrou na seleção e em 3, 4 anos você estava na Olimpíada.” Mas foi porque eu já tinha uma vida esportiva antes, de outro esporte. Na verdade eu só migrei de esporte. Não comecei com 28 anos praticar exercício. Eu comecei lá com 3 anos de idade. E aí, é isso. Eu estou até hoje no remo, e com foco pra 2020.

A5 faz questão de deixar claro sua trajetória de práticas esportivas. Parece lhe incomodar as referências feitas ao pouco tempo que tinha no remo na época dos jogos olímpicos. Mesmo sua parceira no *double skiff* Fernanda Nunes, também não tinha

um histórico longo no remo. Um pouco mais cética com relação a religião, A5 diz agradecer a Deus diariamente por poder fazer aquilo que ama.

Segundo ela, há colegas no remo de várias religiões: católicos, evangélicos, além de outros que não se pode identificar.

Alguns eu não sei. Para mim parece que não têm religião, nenhuma assim. Parece ateu. Outros, eu sei que têm porque são evangélicos, então eles mostram mais a religião né? Eles evidenciam e tal. Acho que mais do que qualquer outra religião. As pessoas que são evangélicas, eu acho que... a religião é muito importante para eles conquistarem as coisas na vida. Eles usam como um força pra conseguir as coisas né?, uma força extra.

Simpatizante da religião católica, A5 se percebe influenciada pela família, adepta desta mesma religião. “Ah, meu pai é muito católico. Muito! E teve essa criação desde pequeno. Meu pai é aquele católico que vai toda semana na igreja.” Entretanto a atleta não se considera tão religiosa, pelo menos em termos institucionais como seu pai:

Eu não vou pra igreja tanto como meu pai. Eu vou bem menos. Sei lá, devo ir umas 5 vezes no ano. Eu gostaria até de ir mais, mas é sempre aos domingos, que é o único dia que eu tenho pra dormir, aí eu acabo que não vou sempre. E eu aprendi a religião católica e eu me identifico muito com ela. Mas, eu me identifico muito. Então, assim... sei lá... eu Converso muito com Deus, eu tenho a minha fé e eu me identifico com a religião católica apesar de eu respeitar qualquer religião né?

Dessa maneira, é possível perceber que a tradição familiar católica na vida de A5 não é tão forte. Ela, como outras atletas, se sente influenciada pela família, foi batizada e casou-se na igreja/religião católica. Como Casanova (2007) mostra, a religião – principalmente como o caso da religião católica, por muitos anos a religião nacional oficial brasileira – pode permanecer como local de retorno das pessoas para a celebração de ritos de passagem ligadas à transcendência, como nascimento e morte, por exemplo, além de batizados, casamentos, entre outros.

Estes ritos podem ser vivenciados pelas pessoas que deixaram o convívio institucional da comunidade da fé, pessoas que “creem sem pertencer”. Mas também, por aqueles indivíduos que se mantêm filiados à instituição, embora não conheçam a fundo seus dogmas, não o seguem e não são influenciados por eles, ou seja, indivíduos que “pertencem sem crer” (CASANOVA, 2007).

Logo em seguida, todas as repostas foram transcritas. As ECH, IC e AC de cada pergunta seguem listadas nos quadros a seguir.

8.2 Questão 01 - Como você se descreve em relação à sua religiosidade?

Quadro 1: Expressões-chave (ECH), Ideias centrais (IC) e Ancoragem (AC)

Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)	Ancoragem (AC)
A1 - Muito independente. Porque eu não sigo mais, nenhum templo, não vou em nenhum culto, em nada disso. Mas eu não deixo de acreditar muito em Deus. Rezando da minha forma, não das rezas que foram construídas com o tempo na sociedade. Conversando da minha forma mesmo. Então, eu acredito muito assim, muito em Deus, mas do meu jeito.	Eu acredito muito em Deus, mas do meu jeito.	
A2 - Eu sou uma pessoa que acredita muito em Deus. Eu vou à igreja, às vezes, aos domingos, não é sempre. Mas eu sempre quero ficar com a mente em Deus. Eu procuro orar de vez em quando. E acredito muito em Deus.	Eu sou uma pessoa que acredita muito em Deus.	
A3 - Eu acho que eu encaixaria nessa categoria de pessoas ateias. Mas, morando no Brasil eu tive uma experiência muito interessante de encontrar a espiritualidade, de encontrar essa ideia de fé. Tipo, eu não acredito em Deus, mas a experiência brasileira é de ter fé. Não encontrei religião aqui no Brasil, ainda não sou uma pessoa religiosa mas essa ideia de acreditar e ter mais confiança, mais fé. Pra mim tá sendo muito interessante ficar mais aberta a essas coisas em vez de só se fechar. Eu acho que morando no Brasil eu me sinto mais aberta a essas ideias. E é uma escolha. Eu acho muito interessante essa ideia de enxergar as coisas. Meio que alinhar seus pensamentos segundo essas coisas.	Eu não acredito em Deus, mas a experiência brasileira é de ter fé.	Não acredito em Deus, mas culturalmente se tem fé.
A4 - Eu sou católica mas não sou praticante. Sou super fã de Jesus Cristo, amo ele de paixão. Tem um santa italiana chamada Caravaggio que ela me acompanha, minha vida. Eu acredito muito em mim sabe. É aquela formação católica né. E eu tenho as minhas crenças. Sempre levo o meu terço. Mas sempre com o pé meio atrás assim... não vou me entregar muito a esses fanatismos que eu não acredito muito que funciona não.	É aquela formação católica né. E eu tenho as minhas crenças.	
A5 - Eu acho que eu sou uma pessoa que tem muita fé em Deus. Converso muito com Deus. Sempre que eu tenho alguma necessidade, ou pra agradecer. Rezo quase todo os dias. Acho que me ajuda bastante, principalmente quando eu tenho alguma competição, que eu peço a Deus pra ficar mais calma, pra eu fazer o que eu sei fazer, não deixar coisas externas me influenciarem.	Sou uma pessoa que tem muita fé em Deus	

Quadro 1.1: Categorização das Ideias Centrais (IC)

Categoria	Ideias Centrais (IC)
A. Acredito em Deus à minha maneira.	A1 - Eu acredito muito em Deus, mas do meu jeito.
	A2 - Eu sou uma pessoa que acredita muito em Deus.
	A4 - É aquela formação católica né. E eu tenho as minhas crenças.
	A5 - Sou uma pessoa que tem muita fé em Deus

B. Não acredito em Deus.	A3 - Eu não acredito em Deus, mas a experiência brasileira é de ter fé.
--------------------------	---

Quadro 1.2: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

Categoria	Ideias Centrais (IC)
A. Acredito em Deus à minha maneira.	Eu sou uma pessoa que acredita muito em Deus. Eu vou à igreja, às vezes, aos domingos, não é sempre. Mas eu sempre quero ficar com a mente em Deus. Eu procuro orar de vez em quando. E acredito muito em Deus. Eu sou muito independente. Porque eu não sigo mais nenhum templo, não vou em nenhum culto, em nada disso. Mas eu não deixo de acreditar muito em Deus. Rezando da minha forma, não das rezas que foram construídas com o tempo na sociedade. Conversando da minha forma mesmo. Então, eu acredito muito assim, muito em Deus, mas do meu jeito. Eu sou católica mas não sou praticante. Sou super fã de Jesus Cristo, amo ele de paixão. Tem uma santa italiana chamada Caravaggio que ela me acompanha, minha vida. Eu acredito muito em mim sabe. É aquela formação católica né. E eu tenho as minhas crenças. Sempre levo o meu terço. Mas sempre com o pé meio atrás assim... não vou me entregar muito a esses fanatismos que eu não acredito muito que funciona não. Eu acho que eu sou uma pessoa que tem muita fé em Deus. Converso muito com Deus. Sempre que eu tenho alguma necessidade, ou pra agradecer. Rezo quase todo os dias. Acho que me ajuda bastante, principalmente quando eu tenho alguma competição, que eu peço a Deus pra ficar mais calma, pra eu fazer o que eu sei fazer, não deixar coisas externas me influenciarem.
B. Não acredito em Deus.	Eu acho que eu encaixaria nessa categoria de pessoas ateias. Mas, morando no Brasil eu tive uma experiência muito interessante de encontrar a espiritualidade, de encontrar essa ideia de fé. Tipo, eu não acredito em Deus, mas a experiência brasileira é de ter fé. Não encontrei religião aqui no Brasil, ainda não sou uma pessoa religiosa mas essa ideia de acreditar e ter mais confiança, mais fé. Pra mim tá sendo muito interessante ficar mais aberta a essas coisas em vez de só se fechar. Eu acho que morando no Brasil eu me sinto mais aberta a essas ideias. E é uma escolha. Eu acho muito interessante essa ideia de enxergar as coisas. Meio que alinhar seus pensamentos segundo essas coisas.

As referências a Deus nos relatos das atletas são constantes. De acordo com Perez (2009, p. 119), entre as pessoas pesquisadas por ela, “a primeira referência em termos de religião é Deus. E um Deus que remete às emoções e à resolução de problemas.” No caso de todas elas, um reflexo da história (não)religiosa da família.

Portanto, logo no início, fica claro que todas cresceram em contextos tradicionalmente religiosos, exceto A3, que cresceu em um ambiente cético e ateu. Das aulas de catecismo à igreja evangélica neopentecostal, no caso de A2; no espiritismo no caso de A1; e no catolicismo, como relatado por A5 e A4.

A conversão da mãe de A2 ao mundo evangélico e a proibição do pai de A4 de fazer o catecismo, muito provavelmente faça parte do declínio evidente do catolicismo no país que tratava Pierucci (2012) e Brandão (2013), onde o catolicismo nas últimas

décadas fornecera fieis a toda sorte de religião evangélica. Como Pierucci (2012) aponta, a destraditionalização cultural pela qual passou a sociedade brasileira pode ser percebida na desregulação das instituições, entre elas da igreja. Primeiro do catolicismo, depois do cristianismo como um todo e, atualmente, de toda religião institucionalizada.

Não apenas entre as instituições religiosas, com destaque aponta Novaes (2013), mas a família também perde capacidades de regulação e influência social. Como Hervieu-Léger (2008) ressalta, a escola, a universidade, os partidos políticos, os sindicatos, as igrejas, todos são atingidos. De acordo com esta autora, reflexos do imediatismo das sociedades cada vez mais pós-modernas com mecanismos de transmissão social por meio de tradições enfraquecidos. Isso fica evidenciado nas reconfigurações que cada atleta fez e faz de suas origens religiosas, e mesmo nas novas possibilidades de crença que se desdobram nos horizontes de A3, que se diz aberta a experimentações religiosas, uma vez que são belas e interessantes.

Além da herança católica que Pierucci (2012) aponta vigorar desde a era colonial no país e vivenciada na família de A2, A5 e A4, percebe-se também o crescimento evangélico apoiado pela conversão da mãe de A2 e a “obrigatoriedade” do comparecimento dos filhos aos cultos. Além é claro, da presença constante de cristãos evangélicos e protestantes entre os colegas esportivos apontada por todas atletas. Para Mariz e Gracino Jr. (2013), a migração de membros da Igreja Católica nas últimas décadas para as igrejas evangélicas proporcionaram também o aumento dos evangélicos sem denominação ou, “não determinados” de acordo com o Censo de 2010. Como mostra Novaes (2013), declarar-se sem religião é uma forma de pertencer a mais de uma ao mesmo tempo sem se comprometer com nenhuma. Hervieu-Léger (2008) vai denominar tal situação de “crer sem pertencer”.

Isso fica claro na religiosidade autorregulada e polissêmica vivida pelos pais de A2 e A4, e que de certa forma as acompanham agora influenciando suas práticas esportivas. A2 mescla pontos doutrinários do cristianismo protestante e diz “*acreditar um pouquinho*” em astrologia. Já A4, católica não praticante, é devota de Nossa Senhora de Caravaggio (de quem usa uma água benta abençoada que a acalma) e é praticante de yoga, que ela faz meditando em Jesus Cristo, de quem afirma ser “*super fã*”. Exemplos inequívocos da autorregulação religiosa atual.

No caso de A3 que teve uma criação cética e agnóstica (mais do que ateia propriamente dita, uma vez que seus pais permitiam e até mesmo se voluntariavam para leva-la à igrejas se ela quisesse), ela se diz aberta e considera interessante o fato de crer em algo. Uma clara referência a religiosidade moderna onipresente.

Exceto por A4, atleta mais velha a compor a delegação brasileira dos jogos de 2016, as atletas estão próximas da faixa etária da população com idade média de 26 anos, ou seja, dos indivíduos que se declararam “sem religião”, conforme Teixeira (2013) no último censo. Elas fazem parte de uma grande parcela da população brasileira. Sem religião atualmente, jovens na faixa dos 15 aos 29 anos de idade chegam a 9,5% da população. Momento da vida de evidente desejo e expectativa de autonomia em relação a família, e também de perda de influência da transmissão religiosa familiar. Além disso, de dissociação entre vida sexual e casamento, de modificações nos padrões de moralidade e de restrições das influências das autoridades religiosas (NOVAES, 2013).

Unicamente A3 se encontra na pequena parcela da população que se considera agnóstica ou ateia no Brasil, respectivamente (0,07%) e (0,32%). Mas que também é representada por jovens, urbanos e com maior representação no Sudeste do país. Mas que acima de tudo, vagam entre crenças e valores religiosos que convivem com a negação de Deus.

Brandão (2013) também vai chamar a atenção para a emancipação dos jovens em relação a suas famílias, sobretudo no âmbito religioso. Tais jovens fazem então suas próprias opções religiosas pessoais e cada vez menos institucionalizadas. Opções múltiplas, formando verdadeiros mosaicos religiosos a partir de bricolagens por meio de processos sincréticos fazendo com que a identidade religiosa deixe de ser algo herdado para ser algo construído.

Como mostra Novaes (2013), atualmente, torna-se possível combinar “elementos de diferentes tradições religiosas e esotéricas” (NOVAES, 2013, p. 189). É possível formar a paleta de crenças pessoais a partir de religiões e doutrinas com diversos níveis de diferenças entre si, muitas vezes com pontos até antagônicos. No fértil campo sincrético brasileiro, as bricolagens aproveitam aspectos das religiões espíritas, afro-brasileiras, neopentecostais e católicas. Pois como demonstra Hervieu-Léger (2008), no processo de bricolagem, o indivíduo elabora sistemas de significação pessoais que dão sentido à sua existência a partir de crenças variadas que se impõem

sobre os sistemas institucionalizados. A pessoa constrói sua própria identidade religiosa a partir dos universos simbólicos à sua disposição.

Estas novas configurações do crer, ou do crer sem pertencer está na base do que Hervieu-Léger (2008) propõe para se pensar a religiosidade contemporânea. Crenças mais plásticas, difusas e de associações temporárias e mais dinâmicas. Assim, diminui-se cada vez mais o peso da tradição, diminuindo o papel que instituições sólidas e reguladoras outrora desempenharam. Neste sentido, Hervieu-Léger e Willaime (2009) e Teixeira (2013) vão destacar o crescente interesse pelo sagrado na vida social e na experiência pessoal, ao mesmo tempo e de forma articulada com processos de secularização no país. Ou seja, a sociedade é cada vez mais religiosa, todavia, cada vez mais também à sua maneira, o que é evidenciado nos discursos das atletas.

8.3 Questão 02 - De que maneiras você percebe que a religiosidade influencia o esporte?

Quadro 2: Expressões-chave (ECH), Ideias centrais (IC) e Ancoragem (AC)

Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)	Ancoragem (AC)
A1 - Não sei se tem muita influência. Talvez tenha influência na minha resiliência, que é uma coisa importante pra mim na minha carreira. De eu acreditar que não importa a dificuldade, não importa o que aconteça, eu sei que tudo que eu faço emana uma certa energia. Eu sei que é como se tivesse um Deus olhando pra mim, essa questão da energia. E que se eu continuar lutando todo dia com aquilo que eu tenho que lutar uma hora vai dar certo. Mas eu tenho uma amiga por exemplo, que eu sei que a religiosidade pra ela é tão presente, é tão forte que faz muita diferença. E eu sei que ela vai muito bem em competição por causa disso, por causa dessa fé que move muito. Então, algumas vezes eu me questiono se de repente, essa fé um pouquinho mais cega, de não ponderar tanto, se isso me faltaria. Às vezes eu questiono um pouco.	Influencia na minha resiliência, que é importante pra minha carreira.	
A2 - Tem que ter fé, que aquilo vai acontecer. É igual... é isso mesmo, é ter fé. A fé... não tem aquele hino que fala assim: "A fé faz o herói"? E é verdade, a gente tem que ter fé que as coisas boas vão acontecer. Que vai acontecer coisas boas.	A gente tem que ter fé que as coisas boas vão acontecer.	
A3 - Eu acho que essa identidade ateia, eu enxergo como me dando mais autonomia nas minhas ações. Que depende de mim fazer as coisas. De conquistar alguma coisa. Sim, tem coisas fora do meu controle, mas as coisas que estão sob meu controle eu preciso	Eu acho que essa identidade ateia, eu enxergo como me dando mais	

<p>ter domínio e levar a frente. Não e é que minhas colegas de time não trabalhem duro. Elas trabalham tão duro quanto eu, mas o paradigma, ou a visão disso é... o resultado tem uma influência divina. E eu não enxergo isso. Eu acredito muito claramente que as conquistas que eu tenho são méritos de trabalho, de suor e não acredito muito nessa influência de algum fator externo de Deus ou alguma sorte. Tinha um jogador de tênis eu acho que a frase dele era: "Por mais que eu treino mais sorte eu tenho". Parece que mais tempo que eu vou treinando eu tenho mais sorte nos meus resultados. Eu gosto dessa frase. Parece ser sorte mas por trás disso é muito trabalho.</p>	<p>autonomia nas minhas ações.</p>	
<p>A4 - Muito, porque eu acho que a questão da religiosidade é meio polêmica. Não é tu ter uma crença religiosa. É tu acreditar em algo que te faz bem. Indo para uma competição, quando eu estou no treino que eu vejo que eu não estou legal, eu mentalizo Jesus Cristo conversando com ele né. Pego um pouquinho da aguinha de Caravaggio. Porque isso na verdade me faz baixar o faixo um pouco e ficar me sentindo melhor. Porque a gente sabe que não vai ser Jesus Cristo e nem a Nossa Senhora de Caravaggio que vai me fazer quebrar prato. Isso tem que ser a arma, não são eles. Mas eu acho que é um apoio mental muito grande. Tu vê que eu tenho várias coisas na minha vida que eu não tenho uma coisa única. Eu pratico yoga e na própria yoga quando eu faço relaxamento no final da aula eu fico mentalizando sempre assim, ou Jesus Cristo.. pra eu poder ficar tranquila e ficar em paz. Então é obvio que isso faz parte da minha vida sempre, sempre, sempre. Da vida esportiva sempre. Quando eu vou para uma competição a primeira coisa que eu faço, não peço pra ganhar a prova, não é isso. Eu peço pra ficar bem, quero ficar tranquila. Se eu vejo que estou muito ansiosa, já pego meu celular, leio alguma coisa com relação a isso. E aí isso me acalma. Eu acho que faz um bem danado pra mim, mentalmente.</p>	<p>É um apoio mental muito grande.</p>	
<p>A5 - Acho que de ter confiança. Confiança de que eu vou fazer o que eu tenho de fazer. De acalmar minha ansiedade. Então, o fato de eu acreditar em Deus e ter uma religião, me ajuda a me "centrar" no que eu quero fazer. É que eu acho estranho uma pessoa que não acredita em nada. Eu acho que você fica meio vagando, perdido. Então, a gente precisa de uma força... uma força maior, que a gente não tem controle. Que pra mim é Deus. Eu acho que ele que vai... pra quem você agradece em primeiro lugar. E acho que é pra ele que a gente pede força. Então, não consigo imaginar uma pessoa que não acredita: "Eu não tenho nenhuma religião." É meio estranho pra mim.</p>	<p>Acho que de ter confiança.</p>	

Quadro 2.1: Categorização das Ideias Centrais (IC)

Categoria	Ideias Centrais (IC)
A. Ela me fornece suporte psicológico.	A1 - Influencia na minha resiliência, que é importante pra minha carreira.
	A2 - A gente tem que ter fé que as coisas boas vão acontecer.
	A4 - É um apoio mental muito grande.
	A5 - Acho que de ter confiança.
B. Me dá autonomia para agir.	A3 - Eu acho que essa identidade ateia, eu enxergo como me dando mais autonomia nas minhas ações.

Quadro 2.2: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

Categoria	Ideias Centrais (IC)
A. Ela me fornece suporte psicológico.	<p>Tem que ter fé, que aquilo vai acontecer. É igual... é isso mesmo, é ter fé. A fé... não tem aquele hino que fala assim: "A fé faz o herói"? E é verdade, a gente tem que ter fé que as coisas boas vão acontecer. Que vai acontecer coisas boas.</p> <p>Não sei se tem muita influência. Talvez tenha influência na minha resiliência, que é uma coisa importante pra mim na minha carreira. De eu acreditar que não importa a dificuldade, não importa o que aconteça, eu sei que tudo que eu faço emana uma certa energia. Eu sei que é como se tivesse um Deus olhando pra mim, essa questão da energia. E que se eu continuar lutando todo dia com aquilo que eu tenho que lutar uma hora vai dar certo. Mas eu tenho uma amiga por exemplo, que eu sei que a religiosidade pra ela é tão presente, é tão forte que faz muita diferença. E eu sei que ela vai muito bem em competição por causa disso, por causa dessa fé que move muito. Então, algumas vezes eu me questiono se de repente, essa fé um pouquinho mais cega, de não ponderar tanto, se isso me faltaria. Às vezes eu questiono um pouco.</p> <p>Muito, porque eu acho que a questão da religiosidade é meio polêmica. Não é tu ter uma crença religiosa. É tu acreditar em algo que te faz bem. Indo para uma competição, quando eu to no treino que eu vejo que eu não estou legal, eu mentalizo Jesus Cristo conversando com ele né. Pego um pouquinho da aguiinha de Caravaggio. Porque isso na verdade me faz baixar o faixo um pouco e ficar me sentindo melhor. Porque a gente sabe que não vai ser Jesus Cristo e nem a Nossa Senhora de Caravaggio que vai me fazer quebrar prato. Isso tem que ser a arma, não são eles. Mas eu acho que é um apoio mental muito grande. Tu vê que eu tenho várias coisas na minha vida que eu não tenho uma coisa única. Eu pratico yoga e na própria yoga quando eu faço relaxamento no final da aula eu fico mentalizando sempre assim, ou Jesus Cristo.. pra eu poder ficar tranquila e ficar em paz. Então é obvio que isso faz parte da minha vida sempre, sempre, sempre. Da vida esportiva sempre. Quando eu vou para uma competição a primeira coisa que eu faço, não peço pra ganhar a prova, não é isso. Eu peço pra ficar bem, quero ficar tranquila. Se eu vejo que estou muito ansiosa, já pego meu celular, leio alguma coisa com relação a isso. E aí isso me acalma. Eu acho que faz um bem danado pra mim, mentalmente.</p> <p>Acho que de ter confiança. Confiança de que eu vou fazer o que eu tenho de fazer. De acalmar minha ansiedade. Então, o fato de eu acreditar em Deus e ter uma religião, me ajuda a me "centrar" no que eu quero fazer. É que eu acho estranho uma pessoa que não acredita em nada. Eu acho que você fica meio vagando, perdido. Então, a gente precisa de uma força... uma força maior, que a gente não tem controle. Que pra mim é Deus. Eu acho que ele que vai... pra quem você agradece em primeiro lugar. E acho que é pra ele que a gente pede força. Então, não consigo imaginar uma pessoa que não acredita: "Eu não tenho nenhuma religião." É meio estranho pra mim.</p>

<p>B.</p> <p>Me dá autonomia para agir.</p>	<p>Eu acho que essa identidade ateia, eu enxergo como me dando mais autonomia nas minhas ações. Que depende de mim fazer as coisas. De conquistar alguma coisa. Sim, tem coisas fora do meu controle, mas as coisas que estão sob meu controle eu preciso ter domínio e levar a frente. Não é que minhas colegas de time não trabalhem duro. Elas trabalham tão duro quanto eu, mas o paradigma, ou a visão disso é... o resultado tem uma influência divina. E eu não enxergo isso. Eu acredito muito claramente que as conquistas que eu tenho são méritos de trabalho, de suor e não acredito muito nessa influência de algum fator externo de Deus ou alguma sorte. Tinha um jogador de tênis eu acho que a frase dele era: "Por mais que eu treino mais sorte eu tenho". Parece que mais tempo que eu vou treinando eu tenho mais sorte nos meus resultados. Eu gosto dessa frase. Parece ser sorte mas por trás disso é muito trabalho.</p>
---	---

Basicamente, como visto nas respostas das atletas (exceto A3), a religiosidade fornece um suporte psicológico em momentos de decisão, de tristeza, de fracassos, entre outros. E principalmente para o controle do estresse e da ansiedade em treinos e competições.

A1 ainda cita o papel da fé em sua resiliência. Mas este aspecto pode ser visto em todas as outras atletas que também tomam a religiosidade como um efetivo suporte psicológico. A4 fala abertamente em suporte mental, algo que a acalma e a faz relaxar diminuindo os níveis de ansiedade. Embora este trabalho não tenha o objetivo de se debruçar sobre estes temas específicos da Psicologia do Esporte, como o estresse, a ansiedade, resiliência, ativação mental, motivação entre outros, é importante ressaltar o papel primordial que a religiosidade desempenha sobre estes aspectos. Além disso, é importante apontar para a necessidade de se considerar a religiosidade em estudos acadêmicos relacionados a tais temáticas.

Um exemplo interessante é o de A2. A atleta deixa claro que não se preocupa ou se esforça em viver a sua religiosidade em todos os aspectos de sua vida, sendo algo secundário. Mas, quando questionada a respeito da esfera esportiva especificamente, entretanto, segundo ela, é algo sempre presente.

Então, orando né, antes de tá indo pra competição. Falando de Deus, não sempre, mas, de vez em quando para os amigos. É isso... E falar sempre que através dele que hoje estou no taekwondo.

Segundo A2, Ele também é o responsável por seus sucessos. Além da conquista da vaga para os Jogos Olímpicos, a atleta dá grande ênfase neste aspecto de sua carreira:

É o que eu "tô" falando. Ele me ajuda né. Como é que eu vou te falar? As coisas dão tão certo pra mim, entendeu? Que só pode ser ele

[Deus]! É muita coisa boa né! Eu tenho uma vida né, muito boa, por causa dele. [...] Acho que na minha vida tudo tem um propósito né. E Deus me colocou no "taekwon". Foi ele, entendeu? Tenho certeza! Podia ter sido, podia ter feito tantas outras coisas. Tipo, sair de Porto das Caixas, lugar que não tem nada, nada! Longe de tudo e de todos! Daqui pro taekwondo e através de mim transformar várias outras crianças. Ajudar várias outras pessoas. Então, é bem né, e sendo bem é Deus.

Nas palavras de Hervieu-Léger (2008, p. 156), a “propensão a ‘crer sem pertencer’ se verifica no caso em que o indivíduo dá à sua busca espiritual um sentido religioso”. Para a autora, isso acontece quando a pessoa “estabelece um vínculo entre sua solução crente pessoal e uma tradição crente instituída à qual se reporta de maneira livre.” No caso de A2, A4 e A5, partes específicas e desejáveis de suas origens evangélicas ou católicas são acionadas ocasionalmente em sua trajetória no esporte sem que seja preciso seguir uma religião específica.

Todavia, como pode ser visto no DSC construído pelas atletas que percebem a influência da religiosidade no esporte como um suporte psicológico, a religiosidade polissêmica, vista no DSC elaborado a partir da primeira questão, parece exercer uma influência também polissêmica na prática esportiva. Ou seja, uma religiosidade que já é difusa e flutuante parece ser acionada de forma análoga no contexto esportivo: quando se acha que é necessária, de vez em quando; de diferentes e múltiplas maneiras; por distintos e variados meios. Assim como a própria religiosidade contemporânea vivida pelas atletas, suas influências no esporte também são, como caracterizava Hervieu-Léger (2008), mais plásticas, fluídas, temporárias e dinâmicas.

Desse modo, mesmo A3, para quem a não existência de uma crença em deus faz com que ela tenha mais liberdade e autonomia para agir por si própria, acaba por se aproximar das demais, uma vez que suas companheiras lidam com a religiosidade com bastante autonomia e liberdade.

8.4 Questão 03 - De que maneiras você percebe que o esporte influencia a religiosidade?

Quadro 3: Expressões-chave (ECH), Ideias centrais (IC) e Ancoragem (AC)

Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)	Ancoragem (AC)
A1 - Afeta, afeta sim porque esse negócio de sorte que a gente fala. As pessoa que eu vi ter muita sorte, nem	As pessoa que eu vi ter muita sorte, nem	

sempre foram as pessoas com boas atitudes. Pessoas que eu considerasse boas no mundo. E aí me faz questionar que Deus é esse? Ou que propósito é esse? A gente tá no mundo pra que? Pra ser bonzinho mesmo, igual algumas religiões dizem? Não parece. Tem muita gente que não merece sendo recompensada. E aí as vezes fala: Ah, mas é recompensada hoje mas depois que morrer vai pagar. Pra mim pessoa ruim não tinha que ser recompensada nunca, nem agora nem depois. Ela tá sendo recompensada agora pra sofrer depois e eu estou sofrendo agora pra ser recompensado depois? Ou seja, estamos iguais. Tem gente que acredita que as pessoas ruins vão sofrer depois que morrer. Ótimo, a gente tá sofrendo agora, essas vão sofrer depois. Foi um antes e um depois. Estamos igual. O que que tem de justo nisso?	sempre foram as pessoas com boas atitudes.	
A2 - Os atletas que são religiosos, eles têm muito mais fé né? Eles acreditam mais em Deus, oram antes de lutar. Então eu acho que influencia bastante! Quem é da igreja, segue uma religião, é totalmente diferente a disciplina. Tem uma disciplina melhor do que um atleta que não vai à igreja, não acredita em Deus. Eu acho que é mais indisciplinado.	Os atletas que são religiosos, eles têm muito mais fé.	
A3 - Eu acho um pouco. Eu acho que o esporte me faz enxergar o mérito da dedicação e da entrega num processo. De você trabalhar muito duro pra conseguir algum resultado, alguma meta, algum objetivo. E todo trabalho que eu faço todos os dias me faz entender o que é por trás de alguma coisa muito pontual que o público ou expectadores, ou alguma pessoa vê no ponto final desse processo. Uma coisa muito grande que para o público parece ser muito fora do alcance, que deve ser resultado de alguma coisa fenomenal, no sentido de ser fora desse mundo, de uma coisa extraordinária que não pertença a algum mérito humano.	Eu acho que o esporte me faz enxergar o mérito da dedicação e da entrega num processo.	
A4 - Não, não, não. De jeito nenhum. Não, ao contrário. Por muitas vezes eu até pensei em parar tudo, sabe? Porque não estava mais querendo, assim. E é o contrário. Quando eu me isolo um pouquinho eu pego uma força e tal e vou adiante. Eu acho que é o contrário.	Eu acho que é o contrário.	
A5 - Aí eu acho que não. O esporte não. Na verdade, é uma coisa muito pessoal. Nunca nem conversei sobre isso com o meu técnico. O esporte, eu acho que é muito cético, prático. E isso aí é uma coisa de cada um que o meu técnico deixa... livre arbítrio. Se você quiser acreditar em alguma coisa você acredita, se não acreditar também não tem problema pra ele. Eu acho que o esporte não influencia na minha religião. De maneira nenhuma, ao contrário.	Eu acho que o esporte não influencia na minha religião.	

Quadro 3.1: Categorização das Ideias Centrais (IC)

Categoria	Ideias Centrais (IC)
A. Não influencia.	A4 - Eu acho que é o contrário.
	A5 - Eu acho que o esporte não influencia na minha religião.

B. Ajuda a confirmar minhas crenças.	A1 - As pessoas que eu vi ter muita sorte, nem sempre foram as pessoas com boas atitudes.
	A2 - Os atletas que são religiosos, eles têm muito mais fé.
C. Me faz questionar minhas crenças.	A3 - Eu acho que o esporte me faz enxergar o mérito da dedicação e da entrega num processo.

Quadro 3.2: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

Categoria	Ideias Centrais (IC)
A. Não influencia.	Aí eu acho que não. O esporte não. Na verdade, é uma coisa muito pessoal. Nunca nem conversei sobre isso com o meu técnico. O esporte, eu acho que é muito cético, prático. E isso aí é uma coisa de cada um que o meu técnico deixa... livre arbítrio. Se você quiser acreditar em alguma coisa você acredita, se não acreditar também não tem problema pra ele. Eu acho que o esporte não influencia na minha religião. De maneira nenhuma, ao contrário. Não, não, não. De jeito nenhum. Não, ao contrário. Por muitas vezes eu até pensei em parar tudo, sabe? Porque não estava mais querendo, assim. E é o contrário. Quando eu me isolo um pouquinho eu pego uma força e tal e vou adiante. Eu acho que é o contrário.
B. Ajuda a confirmar minhas crenças.	Os atletas que são religiosos, eles têm muito mais fé né? Eles acreditam mais em Deus, oram antes de lutar. Então eu acho que influencia bastante! Quem é da igreja, segue uma religião, é totalmente diferente a disciplina. Tem uma disciplina melhor do que um atleta que não vai à igreja, não acredita em Deus. Eu acho que é mais indisciplinado. Eu acho um pouco. Eu acho que o esporte me faz enxergar o mérito da dedicação e da entrega num processo. De você trabalhar muito duro pra conseguir algum resultado, alguma meta, algum objetivo. E todo trabalho que eu faço todos os dias me faz entender o que é por trás de alguma coisa muito pontual que o público ou expectadores, ou alguma pessoa vê no ponto final desse processo. Uma coisa muito grande que para o público parece ser muito fora do alcance, que deve ser resultado de alguma coisa fenomenal, no sentido de ser fora desse mundo, de uma coisa extraordinária que não pertença a algum mérito humano.
C. Me faz questionar minhas crenças.	Afeta, afeta sim porque esse negócio de sorte que a gente fala. As pessoas que eu vi ter muita sorte, nem sempre foram as pessoas com boas atitudes. Pessoas que eu considerasse boas no mundo. E aí me faz questionar que Deus é esse? Ou que propósito é esse? A gente tá no mundo pra que? Pra ser bonzinho mesmo, igual algumas religiões dizem? Não parece. Tem muita gente que não merece sendo recompensada. E aí as vezes fala: Ah, mas é recompensada hoje mas depois que morrer vai pagar. Pra mim pessoa ruim não tinha que ser recompensada nunca, nem agora nem depois. Ela tá sendo recompensada agora pra sofrer depois e eu estou sofrendo agora para ser recompensado depois? Ou seja, estamos iguais. Tem gente que acredita que as pessoas ruins vão sofrer depois que morrer. Ótimo, a gente tá sofrendo agora, essas vão sofrer depois. Foi um antes e um depois. Estamos igual. O que que tem de justo nisso?

Quando perguntadas sobre a influência reversa do esporte sobre a religiosidade, as atletas mostraram maior divergência nas opiniões, consequentemente maior diferenças no DSC. Para algumas delas o esporte não influencia em nada a religião. Mesmo no caso de A5, que ingressou no remo por conta da incompatibilidade de horários de estudo e trabalho, e por treinar em um horário

muito cedo, não vai às missas aos domingos por ser o único dia que poderia dormir até mais tarde um pouco. Ou seja, aparentemente, o esporte acaba por influenciar sim toda a sua vida, inclusive a forma como lida com sua religião.

Por outro lado, o esporte parece influenciar sim. O esporte ajuda a confirmar a crença de A2 em Deus e a importância para a carreira esportiva do atleta de uma religião, que em sua visão fornece disciplina. De maneira semelhante, embora inversa, o esporte também corrobora com a visão descrente de A3 de que os méritos ao final de uma partida ou de uma competição são das atletas, são da equipe que se esforçou mais e venceu.

Já para A1, o esporte a fez questionar suas crenças religiosas ao ver e passar por situações envolvendo muitos resultados considerados injustos por ela. Pessoas más que não mereciam vitórias e sucessos acabam por alcançá-los.

Essas diferentes formas de ver as influências entre religiosidade e esporte, e vice-versa, podem ser consideradas reflexo da religiosidade flutuante ou vagante, das religiões implícitas, *à la carte*, substitutivas, analógicas, seculares, que independem de compromissos institucionais, como propôs Hervieu-Léger (2008). Assim, esporadicamente se recorre às instituições numa relação marcadamente utilitária.

Alguns indicativos sugerem que o esporte possa servir como um fator de secularização, ou seja, promover um conjunto de processos de reconfiguração de crenças (HERVIEU-LÉGER, 2008), uma vez que altera formas de se lidar com a religiosidade. Uma situação presumível comum é o ritmo intenso de treinamentos e competições que limita a participação religiosa das atletas, sobretudo a participação institucional, como A2 e A5 mesmo afirmam, respectivamente:

“Tô” pra ir pra igreja já... e só posso ir aos domingos né. Domingo é o único dia que eu posso. Aí eu ia domingo passado, aí eu fiquei com preguiça, não fui (A2).

Eu gostaria até de ir mais, mas é sempre aos domingos, que é o único dia que eu tenho pra dormir, aí eu acabo que não vou sempre (A5).

Perez (2009) vai chamar de efeito cidade/secularização uma das causas este declínio de algumas instituições como família e religião em que estas perdem espaço por exemplo para o trabalho. Neste sentido, pode-se observar a tendência de perda de influência da religião e da família quanto mais pós-moderna, cosmopolita, mercantil e internacionalizada são as sociedades. As instituições e competições esportivas internacionais parecem seguir tal tendência, afrouxando os laços religiosos

tradicionais abrindo-os à experimentação e à hibridização (HERVIEU-LÉGER, 2008; PEREZ, 2009).

Atualmente, sabe-se que este fenômeno também acontece no mundo islâmico, onde o peso da tradição perde força em sociedade pós-modernas, por exemplo, com mulheres que afirmam ser o esporte mais importante que a religião (WIGGINS; HILLYER; BROWNING, 2005) e com atletas que precisam negociar seus dogmas religiosos para possibilitar sua participação em determinadas competições.¹⁶ Como mostraram Elias e Dunning (1992), o esporte, de certa maneira, pode ocupar parte das lacunas deixadas pelo declínio da religião institucional.

Tais situações vão ao encontro do modelo de religiosidade atual apontado por vários autores como Hervieu-Léger (2008), Hervieu-Léger e Willaime (2009), Pierucci (2012; 2013), Teixeira (2013), Novaes (2005; 2013), Mariz e Gracino Jr (2013), dentre outros. O não compromisso com instituições, ou, compromissos cada vez mais frágeis e passageiros, permite a vivência da religiosidade e da religião com seus dogmas de maneira individual e subjetivada.

É cada vez mais esperado que o indivíduo relativize suas crenças e as adapte aos seus interesses e às suas demandas específicas. O que parece acontecer no esporte também. Daí o grande espanto de muitos com algumas atitudes tomadas por atletas, já mencionadas anteriormente, como a recusa em participar de competições em dias tidos como sagrados, em vestir um determinado traje esportivo, em receber determinada premiação, ou desistir de contratos com clubes, atitudes inesperadas consideradas extremas por muitos. Mas, que simplesmente nos revelam a complexidade do fenômeno religioso.

Complexidade que claramente se percebe nas relações que a atleta estabelece entre a religiosidade e o esporte. Algumas vezes, tais relações adotam conotações utilitaristas, onde a religiosidade, vivida de maneira mais institucionalizada, com participação em cultos e reuniões da igreja, serve para alcançar benefícios na vida de uma maneira geral e mais especificamente resultados no esporte. Outras vezes, relações de cunho paternalista são notadas quando a religiosidade, mais

¹⁶ Um exemplo disso foi a alteração dos dias de jejum no Ramadan para o maratonista britânico Mo Farah devido a competições internacionais em 2011 e da tenista tunisiana Ons Jabeur no torneio de Roland Garros em 2017 que coincidiram com as datas do mês sagrado islâmico. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/sport/picturegalleries/8838575/When-sport-and-religion-meet-in-pictures.html?image=3> e <http://rolandgarros.blog.lemonde.fr/2017/06/02/j6-comment-etre-bon-a-roland-garros-quand-on-fait-le-ramadan/>. Acessos em: 15 de setembro de 2017.

individualizada e subjetiva, é vivida na intimidade do indivíduo. Tais relações podem ser reconhecidas nas provisões feitas na vida da atleta no passado e no presente e nas implicações futuras das bênçãos paternas da divindade reconhecidas na carreira esportiva. Porém, como aponta Mariano (2008, p. 46), “o fato de muitas pessoas vivenciarem a religião de modo abertamente instrumental não permite conceituá-la apenas ‘como uma relação de troca’.

Assim, o universo esportivo pode, ao mesmo tempo, promover seus próprios dogmas. Embora, como mostrara Coakley (2009), muitas vezes de ambos emergem valores semelhantes: a perfeição de corpo, mente e espírito, o controle físico e a disciplina para o desenvolvimento corporal e o desenvolvimento espiritual e pureza. Tais ideais podem ser encontrados e valorizados em todo o meio esportivo, mas em modalidades específicas voltadas às lutas e artes marciais orientais como é o caso do taekwondo aparentemente é algo ainda mais apregoados.

A2 sinaliza isso ao comentar que na academia onde treina e desenvolve o projeto social com crianças e jovens da comunidade, não são toleradas algumas atitudes tidas como prejudiciais aos atletas e contrárias aos valores esportivos.

Aqui a gente não... fumar, beber, no caso, aqui a gente não tolera isso né. Então a gente tá sempre pegando muito no pé sobre isso.

A1 também desenvolve projetos sociais em sua comunidade. Entretanto, num sentido contrário, segundo ela, seu programa contribui para a superação, inclusive, de valores religiosos que, segundo a atleta, têm bases religiosas e contribuem para a submissão feminina:

Ai, eu não concordo com os vários valores religiosos que são propagados por aí. Não sei se você sabe mas eu estou até com um programa aqui de empoderamento feminino. Bíblias e religiões, a maioria delas que são muito antigas, são todas patriarcais. E alguns dos valores propagados por elas são valores dos quais eu não concordo.

Independente do viés, as narrativas demonstram que o esporte ainda carrega claramente o potencial socialmente difundido e legitimado, em especial o taekwondo e a luta, de contribuir com a disseminação e expansão de valores éticos e morais na sociedade atual. Baseados no caráter cavalheiresco do esporte vitoriano inglês, tais valores foram considerados como elementos indispensáveis à realização do potencial educativo dos Jogos Olímpicos.

Como mostra Nykvist (2014), o olimpismo foi profundamente marcado pela Cristandade Muscular indo ao encontro dos ideais internacionais da época como o pacifismo e o liberalismo, bem como seus valores de justiça, igualdade, respeito e excelência, tidos como essenciais para a formação da liderança masculina aristocrática inglesa. Neste contexto Coubertin propôs o desenvolvimento corporal e, sobretudo, do que ele chamou de “músculos morais” a partir de sua abordagem funcionalista, pela qual o esporte não é considerado como um fim em si mesmo mas um veículo educacional de formação ética e moral para os rapazes da época (NYKVIST, 2014).

Corroborando com as ideias de Coubertin (1973; 2015), as atletas acreditam que valores olímpicos – Amizade, Excelência e Respeito – podem ser ensinados e aperfeiçoados por meio da prática esportiva. Tais valores, podem ser ao mesmo tempo, como apontava Coakley (2009), acionados pelas instituições esportivas e religiosas, embora algumas atletas não concordem.

Como mostra Nykvist (2014), o “sentimento religioso” evocado por Coubertin por meio do olimpismo no universo esportivo teve grandes repercussões e consequências, sobretudo no que diz respeito a valores morais na sociedade. Proposta pelo pedagogo francês, a “ginástica moral” promovida por meio do esporte como a mais eficiente maneira de garantir a depuração moral da sociedade parece constituir o discurso corrente ainda hoje. É parte dos esforços do movimento olímpico, nos dias atuais, fomentar nas sociedades ao redor do globo as crenças propostas por Coubertin. E como visto, estas podem ser encontradas enraizadas não só em narrativas midiáticas bem como de atletas olímpicos.

Isso foi bem pontuado por Avery Brundage, defensor das ideias de Coubertin no COI. Brundage afirmava o caráter religioso do movimento olímpico ao caracterizá-lo como “uma religião com apelo universal que incorpora todos os valores básicos de outras religiões, uma religião moderna, emocionante, viril e dinâmica” (KRÜGER, 1993, p. 92). E recentemente, de acordo com o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 (2016), tais ideais permanecem vivos. O olimpismo, enquanto filosofia de vida fundada na Grécia antiga “utiliza o esporte como instrumento para a promoção da paz, da união e do respeito por regras e pelos adversários”.

Esta concepção está presente de maneira muito clara na fala de A2. Por exemplo. Sobre a promoção de valores éticos e morais na sociedade por meio do esporte, a atleta afirma:

Com certeza. Ajuda muito. Primeiro, principalmente a luta né. Ela te ajuda a ter outra visão né, de como as coisas. [...] a gente viaja, conhece outras culturas, conhece outras pessoas. Aqui dentro a gente conversa. Cada um poxa, um é evangélico, outro é do centro espírita, o outro é da igreja, entendeu? O outro dança funk, o outro já, já... então é uma mistura muito grande, e que um vai conversando com o outro, vai conhecendo. Um chama pro outro lugar, outro chama pra ir pra outra igreja. Então isso é bem bacana.

Assim, para A2, a amizade e o respeito entre os atletas devem prevalecer e isso pode ser alcançado por meio da promoção desses valores no âmbito esportivo. Mesmo em competições onde, para a atleta, as manifestações de fé e crença são legítimas e podem ocorrer.

Eu acho que cada um tem a sua [religião] né. Mas eu acho que é muito importante a pessoa ter a sua fé e acreditar em algo.

Exceto por A3, todas as demais narrativas confirmam que a religiosidade exerce influência sobre a carreira esportiva das atletas. Ao mesmo tempo, que a vida no esporte, com treinamentos e competições constantes influencia também a vivência da religiosidade, sobretudo institucionalizada.

8.5 Questão 04 - Você acredita que situações no esporte, como derrotas e vitórias, por exemplo, podem ser influenciadas de alguma forma por forças sobrenaturais, como Deus, algum poder superior, sorte/azar, etc.? Por que?

Quadro 4: Expressões-chave (ECH), Ideias centrais (IC) e Ancoragem (AC)

Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)	Ancoragem (AC)
A1 - Acho que sim. Acho porque eu já vi isso acontecer. Não é possível, eu não sei o que acontece. Eu não sei qual é a explicação, mas acontece.	Eu não sei qual é a explicação, mas acontece.	
A2 - Eu não acredito em sorte e nem em azar não. Eu acredito em Deus, entendeu? Eu sempre acho que as coisas acontecem como Deus quer. Claro que a gente tem que correr atrás. A gente não pode esperar: "Deus vai fazer isso" e a gente ficar parado, não! A gente tem que correr atrás. Mas se você corre atrás, com certeza eu acho que Deus abençoa. Com certeza!	Eu sempre acho que as coisas acontecem como Deus quer.	
A3 - Eu acredito muito mais em sorte e azar do que numa influência de um Deus, alguma coisa. Porque,	Eu acredito muito mais em sorte e azar	

<p>quando alguma coisa acontece, num jogo de rugby, a gente faz tudo dentro do possível. A gente joga o nosso melhor, mas no fim do dia o esporte lava em conta que você tem um adversário, esse fator que é fora do seu controle. E acima de tudo, no rugby a gente fala que a gente joga com uma bola oval que pode pingar para qualquer lado. Às vezes a gente sofreu alguns lances que parece azar. E meu treinador, que é neozelandês, fala pra gente: "A bola as vezes precisa pingar para o nosso lado." A gente precisa ter um pouquinho de sorte as vezes. Ou: "A bola só pingou pro lado do adversário hoje." E são essas coisas que a gente fala de ter o fator da competição. De um adversário que tá fora do seu controle e o mérito esportivo é você controlar o máximo de fatores pra ter um desempenho melhor e sair por cima.</p>	<p>do que numa influência de um Deus. A gente precisa ter um pouquinho de sorte as vezes.</p>	
<p>A4 - Sabe que a gente no tiro tem um lema, que eu sempre mando para os meus colegas do esporte quando alguém vai competir, eu sempre escrevo isso. Que sorte é pra quem precisa. O atleta não precisa de sorte, o atleta precisa de treino. Essa coisa de sorte no esporte não existe. E muito menos azar. Tu tens obras da natureza que não é a tua religiosidade que vai definir ou não. Por exemplo, na olimpíada aqui do Rio de Janeiro, eu tive uma infelicidade tremenda, na última série, por força da natureza. Ou seja, deu uma ventania, um vendaval aqui no Rio de Janeiro, foi um inferno. Eu tinha feito duas séries boas. Não ia ser medalha de ouro, de jeito nenhum. Mas tinha feito duas séries muito boas. A primeira série de 25 pratos eu errei 3. E na segunda série de 25 eu errei 4. Quer dizer, ia fazer 3 séries boas e na última série, nossa senhora! Foi um horror. "Ah, mas como eu sou azarada!" Não, não é azar. Foi uma coincidência natural. Não tem isso. Eu não acredito nisso não. Eu acho que sorte também não e também não acredito que Jesus Cristo ou a Nossa Senhora, que vá influenciar se eu vou ganhar a competição ou não. Quando eu ganho uma medalha eu normalmente fecho os olhos e agradeço, mas agradeço no sentido: "Muito obrigada por ter ficado bem, por ter atingido uma coisa boa pra mim né?!" Talvez eles nem sabem o que é o tiro...</p>	<p>Tu tens obras da natureza que não é a tua religiosidade que vai definir ou não.</p>	
<p>A5 - Eu não acredito muito nesse negócio de sorte. Que eu acho que você tem sorte quando você treina e faz as coisas direito. Você não faz, aí alguma coisa pode sair errado. E aí você fala: "Ah, foi sorte." Ou: "Foi azar." É você jogar a culpa em uma outra coisa e não conseguir identificar algo que aconteceu. Óbvio, alguma coisa tem a ver com sorte. Mas, eu acho que quando você tá preparada e você treina, nada disso vai influenciar. Quando por exemplo, não ganhei uma competição. Eu fico muito triste, na hora começa dar uma revolta, você se pergunta: "Nossa, por que?". Mas aí é só eu parar um pouquinho, deixar a cabeça esfriar e pensar: o que que aconteceu? Alguma coisa aconteceu de errado? O que que foi? Aí, friamente eu tento identificar. E aí eu falo: "Oh Deus, me ajuda a melhorar isso, porque eu posso, eu sei que vou fazer melhor." Mas não que uma força maior vai influenciar, assim. Não sei... É difícil pensar isso. Mas, também,</p>	<p>Ele influencia talvez em me dar a oportunidade de fazer isso. Ganhar uma competição e ir bem nisso, aí depende só de mim.</p>	

quando eu venço a primeira coisa eu agradeço a ele né? [risos]. Eu acho que Deus influencia no sentido de... Deus me dá a oportunidade de fazer o que eu estou fazendo. Que eu gosto muito, que eu amo e que eu sou boa nisso. Então eu agradeço mais a oportunidade porque não adianta só acreditar em Deus e pedir pra ele que eu vou ganhar uma prova. Eu vou ganhar uma prova, se eu treinar muito bem e tiver mentalmente e fisicamente preparada praquilo. Aí eu vou ganhar essa prova. Então eu acho que Deus me dá a oportunidade mas, é a mesma coisa do livre arbítrio né? É bem assim: vou ajudar a Deus. Como? Treinando direito. Fazendo as coisas com responsabilidade. Não acho que ele influencia 100%. Ele influencia talvez em me dar a oportunidade de fazer isso. Por exemplo, como eu conheci meu marido? Ah, foi em tal lugar. Foi um acaso? Não, pra mim não é nada por acaso. Então, eu conheci ele, ele que me levou no remo. Isso pode ser sorte? Pode ser sorte. Pra mim é Deus. Mas aí, até eu ganhar uma competição e ir bem nisso, aí depende só de mim.		
--	--	--

Quadro 4.1: Categorização das Ideias Centrais (IC)

Categoria	Ideias Centrais (IC)
A. Acredito sim.	A1 - Eu não sei qual é a explicação, mas acontece.
	A2 - Eu sempre acho que as coisas acontecem como Deus quer.
	A3 - Eu acredito muito mais em sorte e azar do que numa influência de um Deus. A gente precisa ter um pouquinho de sorte as vezes.
B. Não acredito.	A4 - Tu tens obras da natureza que não é a tua religiosidade que vai definir ou não.
	A5 - Ele influencia talvez em me dar a oportunidade de fazer isso [competir]. Ganhar uma competição e ir bem nisso, aí depende só de mim.

Quadro 4.2: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

Categoria	Ideias Centrais (IC)
A. Acredito sim.	Acho que sim. Acho porque eu já vi isso acontecer. Não é possível, eu não sei o que acontece. Eu não sei qual é a explicação, mas acontece. Eu não acredito em sorte e nem em azar não. Eu acredito em Deus, entendeu? Eu sempre acho que as coisas acontecem como Deus quer. Claro que a gente tem que correr atrás. A gente não pode esperar: "Deus vai fazer isso" e a gente ficar parado, não! A gente tem que correr atrás. Mas se você corre atrás, com certeza eu acho que Deus abençoa. Com certeza! Eu acredito muito mais em sorte e azar do que numa influência de um Deus, alguma coisa. Porque, quando alguma coisa acontece, num jogo de rugby, a gente faz tudo dentro do possível. A gente joga o nosso melhor, mas no fim do dia o esporte lava em conta que você tem um adversário, esse fator que é fora do seu controle. E acima de tudo, no rugby a gente fala que a gente joga com uma bola oval que pode pingar para qualquer lado. Às vezes a gente sofreu alguns lances que parece azar. E meu treinador, que é neozelandês, fala pra gente: "A bola as vezes precisa pingar para o nosso lado." A gente precisa ter um pouquinho de sorte as vezes. Ou: "A bola só pingou pro lado do adversário hoje." E são essas coisas que a gente fala de ter o fator da competição. De um adversário que tá fora do seu controle e o mérito

	esportivo é você controlar o máximo de fatores pra ter um desempenho melhor e sair por cima.
B. Não acredito.	<p>Sabe que a gente no tiro tem um lema, que eu sempre mando para os meus colegas do esporte quando alguém vai competir, eu sempre escrevo isso. Que sorte é pra quem precisa. O atleta não precisa de sorte, o atleta precisa de treino. Essa coisa de sorte no esporte não existe. E muito menos azar. Tu tens obras da natureza que não é a tua religiosidade que vai definir ou não. Por exemplo, na olimpíada aqui do Rio de Janeiro, eu tive uma infelicidade tremenda, na última série, por força da natureza. Ou seja, deu uma ventania, um vendaval aqui no Rio de Janeiro, foi um inferno. Eu tinha feito duas séries boas. Não ia ser medalha de ouro, de jeito nenhum. Mas tinha feito duas séries muito boas. A primeira série de 25 pratos eu errei 3. E na segunda série de 25 eu errei 4. Quer dizer, ia fazer 3 séries boas e na última série, nossa senhora! Foi um horror. "Ah, mas como eu sou azarada!" Não, não é azar. Foi uma coincidência natural. Não tem isso. Eu não acredito nisso não. Eu acho que sorte também não e também não acredito que Jesus Cristo ou a Nossa Senhora, que vá influenciar se eu vou ganhar a competição ou não. Quando eu ganho uma medalha eu normalmente fecho os olhos e agradeço, mas agradeço no sentido: "Muito obrigada por ter ficado bem, por ter atingido uma coisa boa pra mim né?!" Talvez eles nem sabem o que é o tiro... Eu não acredito muito nesse negócio de sorte. Que eu acho que você tem sorte quando você treina e faz as coisas direito. Você não faz, aí alguma coisa pode sair errado. E aí você fala: "Ah, foi sorte." Ou: "Foi azar." É você jogar a culpa em uma outra coisa e não conseguir identificar algo que aconteceu. Óbvio, alguma coisa tem a ver com sorte. Mas, eu acho que quando você tá preparada e você treina, nada disso vai influenciar. Quando por exemplo, não ganhei uma competição. Eu fico muito triste, na hora começa dar uma revolta, você se pergunta: "Nossa, por que?". Mas aí é só eu parar um pouquinho, deixar a cabeça esfriar e pensar: o que que aconteceu? Alguma coisa aconteceu de errado? O que que foi? Aí, friamente eu tento identificar. E aí eu falo: "Oh Deus, me ajuda a melhorar isso, porque eu posso, eu sei que vou fazer melhor." Mas não que uma força maior vai influenciar, assim. Não sei. É difícil pensar isso. Mas, também, quando eu venço a primeira coisa eu agradeço a ele né? [risos]. Eu acho que Deus influencia no sentido de... Deus me dá a oportunidade de fazer o que eu estou fazendo. Que eu gosto muito, que eu amo e que eu sou boa nisso. Então eu agradeço mais a oportunidade porque não adianta só acreditar em Deus e pedir pra ele que eu vou ganhar uma prova. Eu vou ganhar uma prova, se eu treinar muito bem e tiver mentalmente e fisicamente preparada praquilo. Aí eu vou ganhar essa prova. Então eu acho que Deus me dá a oportunidade mas, é a mesma coisa do livre arbítrio né? É bem assim: vou ajudar a Deus. Como? Treinando direito. Fazendo as coisas com responsabilidade. Não acho que ele influencia 100%. Ele influencia talvez em me dar a oportunidade de fazer isso. Por exemplo, como eu conheci meu marido? Ah, foi em tal lugar. Foi um acaso? Não, pra mim não é nada por acaso. Então, eu conheci ele, ele que me levou no remo. Isso pode ser sorte? Pode ser sorte. Pra mim é Deus. Mas aí, até eu ganhar uma competição e ir bem nisso, aí depende só de mim.</p>

Quando foi perguntado sobre a influência de Deus, forças sobrenaturais, sorte ou azar, entre outros fatores externos ao esporte nas vitórias e derrotas, a heterogeneidade das respostas mostraram um pouco da complexidade dos estudos sobre religiosidade descritos nos DSCs.

A4 e A5 foram categóricas em negar qualquer influência externa. A4 é incisiva em suas ponderações:

não acredito que Jesus Cristo ou a Nossa Senhora, que vá influenciar se eu vou ganhar a competição ou não, sabe? Quando eu ganho uma medalha eu normalmente fecho os olhos e agradeço, mas agradeço no sentido: “Muito obrigada por ter ficado bem, por ter atingido uma coisa boa pra mim né?!” O que é? Talvez eles nem sabem o que é o tiro...(risos)

Estas atletas reconhecem o papel fundamental e indispensável de apoio executados pelos cônjuges e demais familiares, mas atribuem suas vitórias a si mesmas. Ao esforço pessoal delas próprias, aos árduos treinamentos físicos, mental, etc. As derrotas também são atribuídas a si mesmas, porém com um algo mais citado por A4:

Eu vou atribuir as minhas derrotas muito a falta de estrutura para trabalhar, de treino, de dinheiro, tudo isso. E as vitórias eu vou atribuir a mim também. Se eu não tiver bem e tentar: “Vamos A4!” Vamos A4!”, eu não vou conseguir sabe? Porque a parte estrutural é muito precária

A3 ao mesmo tempo que nega, aceita a necessidade de sorte para se alcançar o sucesso em alguns momentos. Mas, como participa de uma modalidade coletiva, para a atleta, as vitórias e as derrotas, mais até do que a sorte e o azar, são responsabilidades do grupo, do trabalho em equipe.

Já A2, aponta para a interferência e atuação divina, mesmo sem saber muito bem como aconteça, mas determinando ou permitindo fracassos e derrotas. Ou seja, de alguma forma Deus está no controle de tudo. Enquanto A1 que também não sabe explicar, mas afirma que há uma influência externa, fora do controle do sujeito. Porém, para esta atleta, vitórias e derrotas são sua responsabilidade e, por isso, atribuídas a ela mesma.

Este tipo de análise realizada pelas atletas toca em um ponto complexo de qualquer religião e da maioria das crenças religiosas: como o ser humano pode e consegue lidar e se relacionar com o transcendente, com o absoluto. Como acessá-lo, alcançá-lo, em sua finitude e limitação humanas quase infantis perante aquilo que é desconhecido, infinito, sobrenatural.

Geralmente, como Evans-Pritchard (1978) e Malinowski (1988) apontavam, essa relação é mediada pela magia, vista em larga escala no esporte por meio das superstições. Estes ritos repetidos sempre que preciso surgem como forma humana

de lidar com o desconhecido, com o incerto. Neles, como mostram aqueles autores, o ser humano não espera pelos deuses. O ser humano age, faz, determina e confia.

Por exemplo, como mostram Teixeira (2013) e Pierucci (2013), algumas religiões de matriz espírita – neopentecostais, o próprio espiritismo e religiões afro-brasileiras – são vistas como prestadoras de serviços para a sociedade. Por meio de seus ritos mágicos, indivíduos de qualquer religião ou crença, inclusive católicos, evangélicos, protestantes, etc., buscam influenciar sua sorte, seu destino, além de serviços e “trabalhos” específicos: cura, sucesso nos negócios, no amor, etc., e ao que parece, sucesso no esporte também.

8.6 Questão 05 - Como você considera a realização de manifestações religiosas em eventos e competições esportivas?

Quadro 5: Expressões-chave (ECH), Ideias centrais (IC) e Ancoragem (AC)

Expressões-chave (ECH)	Ideias Centrais (IC)	Ancoragem (AC)
A1 - Na sociedade as pessoas vivem de rótulo. Muita gente não se questiona aquilo que é verdadeiro dentro de si, mas sim aquilo que eu sou considerada, aquilo que eu pareço ser. E pra mim, essa questão de religiosidade virou um rótulo importante nas pessoas que querem se sentir ou parecer como boas pessoas ou pessoas de caráter independente daquilo que tem dentro delas. Então eu vejo que muita gente tem essa necessidade de ficar expressando a opinião deles ou a postura religiosa como um meio de se promover. Eu não gosto, de verdade eu não gosto, porque eu acho que é uma coisa tão particular. Não tem necessidade de postar numa rede social, não faz sentido algum na minha cabeça. Não tem necessidade de eu ficar exaltando isso pra dez mil pessoas.	Eu não gosto, de verdade eu não gosto, porque eu acho que é uma coisa tão particular.	Esporte e religião não se misturam.
A2 - Eu acho que cada um tem a sua [religião] né? Mas eu acho que é muito importante a pessoa ter a sua fé e acreditar em algo. Eu acho diferente né... alguns atletas acabam de lutar e vão ler o alcorão, a bíblia, outros ficam de joelhos rezando, tem a hora certa...	Eu acho que é muito importante a pessoa ter a sua fé e acreditar em algo.	
A3 - É uma forma de se expressar. Eu acho que é uma forma de levar sua identidade pra esse meio. Em qualquer tipo de comemoração, principalmente marcar um ponto, fazer alguma coisa, é um momento para os atletas tomarem um momentinho de comemorar, de agradecer, de compartilhar aquele momento com aquilo que é mais importante pra eles. Então, pra mim, se isso inclui algum gesto religioso, pra mim mostra uma coisa que aquele atleta, aquela atleta valoriza e leva muito a	É uma forma de se expressar.	

<p>sério, muito importante na vida dele. Pra mim é uma forma de expressão. Pra mim, eu não tenho nada contra. Eu acho até uns momentos bem bonitos. Um exemplo é o time de Fiji. Nas ilhas Fiji eles são, assim, muito religiosos. Muito! E cada vez que o time masculino é medalhista de ouro das olimpíadas de 2016, é atual líder do circuito masculino, cada vez que ganham um campeonato eles se juntam numa roda e eles cantam, e é sempre um canto cristão. E eles choram de emoção em agradecer. E outros times que têm a mesma vertente religiosa ou as mesmas crenças se juntam à essa roda e são os dois times rezando depois do jogo juntos. Eu acho isso uma imagem muito bonita, mesmo no esporte. É uma forma de expressão.</p>		
<p>A4 - Eu acho uma pobreza de espírito isso sabe? Eu acho que a manifestação religiosa é uma coisa muito particular. Tu fica no teu cantinho lá, conversa com quem tu quiser conversar. Com uma pedra, com o cachorro, com Jesus Cristo, com o que tu acredita. Mas, eu acho que a pessoa que busca isso desesperadamente ela é muito insegura né? Na verdade, por parte de atleta eu vi muito pouco isso. Muito pouco. A gente vê aquilo que eu te falei né, o cara que se benze né? Cada um tem o seu ritual, de fazer alguma coisa. Uma coisa que eu acho ridícula, eu fico com vergonha, eu tapo os olhos. Tem agora a copa do mundo, que nós vamos ter agora de futebol né? Daí tem as religiões, católica, protestante, não sei o que, as religiões afro. Aí já começa todo mundo a: "Agora, nós vamos rezar uma missa, para os atletas." Eu acho ridículo isso sabe? Ridículo! Pra mim é ridículo! E em qualquer área e em qualquer setor. Seja em qualquer religião. Porque Jesus Cristo nunca pediu pra ninguém ir de joelhos a lugar nenhum. Ele nunca pediu isso. Então, essas coisas eu acho ridículo. Então: "Vamos fazer uma corrente agora!" "Vamos na lemanjá!" "Agora vamos todo mundo para o mar com um caminhão de rosas para lemanjá, pro Neymar fazer 40 gols na copa!". Gente, pelo amor de Deus, acho ridículo. Agora, se tu é atleta, tu quer fazer tua oração, no teu cantinho sentado... Eu mesma faço. Mas não precisa ser em público isso, pra todo mundo vir filmar. Eu só passei por uma situação dessas quando eu voltei do pan-americano de Santo Domingos com a medalha, que eu fui a pé lá em Bento Gonçalves com a medalha pra ir até o Santuário de Caravaggio. Mas eu fui porque eu tinha já conversado com ela, eu tinha dito: "Olha Nossa Senhora, quando eu voltar de Santo Domingo eu vou a pé." E por acaso ganhei a medalha. Bom, agora vou com a medalha levar pra ela né? E aí a imprensa fez um farol todo. Eu fiquei louca. Os caras seguiram todo o meu caminho. Não era o que eu queria porque não faz muito a minha praia isso.</p>	<p>Eu acho uma pobreza de espírito.</p>	<p>Esporte e religião não se misturam.</p>
<p>A5 - Eu não acho correto. Eu não acho correto. Porque cada pessoa ali é um mix né? Acredita em alguma coisa e na numa religião diferente. Então se eu chegar lá num evento e tiver uma propaganda católica, ou sei lá, uma manifestação, que é a que eu me identifico, outras pessoas que não são da religião provavelmente vão se sentir desconfortáveis, incomodadas. E eu me sentiria</p>	<p>Eu não acho correto.</p>	<p>Esporte e religião não se misturam.</p>

da mesma forma se não fosse da minha. Então, eu acho, sinceramente, que atleta tinha que ser... não misturar nem religião nem política. Eu acho que você tem que ser apartidário, sabe? Você pode até ter a sua opinião. A sua religião. Mas eu acho que você não pode usar da sua imagem ou do esporte pra promover isso. Você pode falar com seus amigos mas não usar disso como meio de comunicação pra influenciar outras pessoas. A não ser que as pessoas queiram conversar com você separadamente e saber sua opinião.		
---	--	--

Quadro 5.1: Categorização das Ideias Centrais (IC)

Categoria	Ideias Centrais (IC)
A. Positivamente.	A2 - Eu acho que é muito importante a pessoa ter a sua fé e acreditar em algo. A3 – É uma forma de se expressar.
B. Negativamente.	A1 - Eu não gosto, de verdade eu não gosto, porque eu acho que é uma coisa tão particular. A4 - Eu acho uma pobreza de espírito. A5 - Eu não acho correto.

Quadro 5.2: Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

Categoria	Ideias Centrais (IC)
A. Positivamente.	Eu acho que cada um tem a sua [religião] né? Mas eu acho que é muito importante a pessoa ter a sua fé e acreditar em algo. Eu acho diferente né... alguns atletas acabam de lutar e vão ler o alcorão, a bíblia, outros ficam de joelhos rezando, tem a hora certa... É uma forma de se expressar. Eu acho que é uma forma de levar sua identidade pra esse meio. Em qualquer tipo de comemoração, principalmente marcar um ponto, fazer alguma coisa, é um momento para os atletas tomarem um momentinho de comemorar, de agradecer, de compartilhar aquele momento com aquilo que é mais importante pra eles. Então, pra mim, se isso inclui algum gesto religioso, pra mim mostra uma coisa que aquele atleta, aquela atleta valoriza e leva muito a sério, muito importante na vida dele. Pra mim é uma forma de expressão. Pra mim, eu não tenho nada contra. Eu acho até uns momentos bem bonitos. Um exemplo é o time de Fiji. Nas ilhas Fiji eles são, assim, muito religiosos. Muito! E cada vez que o time masculino é medalhista de ouro das olimpíadas de 2016, é atual líder do circuito masculino, cada vez que ganham um campeonato eles se juntam numa roda e eles cantam, e é sempre um canto cristão. E eles choram de emoção em agradecer. E outros times que têm a mesma vertente religiosa ou as mesmas crenças se juntam à essa roda e são os dois times rezando depois do jogo juntos. Eu acho isso uma imagem muito bonita, mesmo no esporte. É uma forma de expressão.
B. Negativamente.	Na sociedade as pessoas vivem de rótulo. Muita gente não se questiona aquilo que é verdadeiro dentro de si, mas sim aquilo que eu sou considerada, aquilo que eu pareço ser. E pra mim, essa questão de religiosidade virou um rótulo importante nas pessoas que querem se sentir ou parecer como boas pessoas ou pessoas de caráter independente daquilo que tem dentro delas. Então eu vejo que muita gente tem essa necessidade de ficar expressando a opinião deles ou a postura religiosa como um meio de se promover. Eu não gosto, de

	<p>verdade eu não gosto, porque eu acho que é uma coisa tão particular. Não tem necessidade de postar numa rede social, não faz sentido algum na minha cabeça. Não tem necessidade de eu ficar exaltando isso pra dez mil pessoas. Eu acho uma pobreza de espírito isso sabe? Eu acho que a manifestação religiosa é uma coisa muito particular. Tu fica no teu cantinho lá, conversa com quem tu quiser conversar. Com uma pedra, com o cachorro, com Jesus Cristo, com o que tu acredita. Mas, eu acho que a pessoa que busca isso desesperadamente ela é muito insegura né? Na verdade, por parte de atleta eu vi muito pouco isso. Muito pouco. A gente vê aquilo que eu te falei né, o cara que se benze né? Cada um tem o seu ritual, de fazer alguma coisa. Uma coisa que eu acho ridícula, eu fico com vergonha, eu tapo os olhos. Tem agora a copa do mundo, que nós vamos ter agora de futebol né? Daí tem as religiões, católica, protestante, não sei o que, as religiões afro. Aí já começa todo mundo a: "Agora, nós vamos rezar uma missa, para os atletas." Eu acho ridículo isso sabe? Ridículo! Pra mim é ridículo! E em qualquer área e em qualquer setor. Seja em qualquer religião. Porque Jesus Cristo nunca pediu pra ninguém ir de joelhos a lugar nenhum. Ele nunca pediu isso. Então, essas coisas eu acho ridículo. Então: "Vamos fazer uma corrente agora!" "Vamos na lemanjá!" "Agora vamos todo mundo para o mar com um caminhão de rosas para lemanjá, pro Neymar fazer 40 gols na copa!". Gente, pelo amor de Deus, acho ridículo. Agora, se tu é atleta, tu quer fazer tua oração, no teu cantinho sentado... Eu mesma faço. Mas não precisa ser em público isso, pra todo mundo vir filmar. Eu só passei por uma situação dessas quando eu voltei do pan-americano de Santo Domingos com a medalha, que eu fui a pé lá em Bento Gonçalves com a medalha pra ir até o Santuário de Caravaggio. Mas eu fui porque eu tinha já conversado com ela, eu tinha dito: "Olha Nossa Senhora, quando eu voltar de Santo Domingo eu vou a pé." E por acaso ganhei a medalha. Bom, agora vou com a medalha levar pra ela né? E aí a imprensa fez um farol todo. Eu fiquei louca. Os caras seguiram todo o meu caminho. Não era o que eu queria porque não faz muito a minha praia isso. Eu não acho correto. Eu não acho correto. Porque cada pessoa ali é um mix né? Acredita em alguma coisa e na numa religião diferente. Então se eu chegar lá num evento e tiver uma propaganda católica, ou sei lá, uma manifestação, que é a que eu me identifico, outras pessoas que não são da religião provavelmente vão se sentir desconfortáveis, incomodadas. E eu me sentiria da mesma forma se não fosse da minha. Então, eu acho, sinceramente, que atleta tinha que ser... não misturar nem religião nem política. Eu acho que você tem que ser apartidário, sabe? Você pode até ter a sua opinião. A sua religião. Mas eu acho que você não pode usar da sua imagem ou do esporte pra promover isso. Você pode falar com seus amigos mas não usar disso como meio de comunicação pra influenciar outras pessoas. A não ser que as pessoas queiram conversar com você separadamente e saber sua opinião.</p>
--	---

Por fim, ao serem questionadas sobre as manifestações religiosas em competições e eventos esportivos, as atletas mostraram mais uma vez a complexidade do tema ao compor o DSC. A4, A5 e A1 rechaçaram qualquer tipo de manifestação pública da fé em eventos esportivos. Provavelmente, uma opinião decorrente do individualismo e da privatização do crer da atualidade destacados por Hervieu-Léger (2008), onde a escolha é cada vez mais particular e pessoal. Aspecto bastante evidenciado e reforçado no discurso dessas atletas.

Já A2, talvez a atleta com um dos maiores apelos ao divino e à Sua influência compôs o DSC que considera positiva a manifestação religiosa em eventos esportivos com A3, a atleta atea mas que acha muito bonito esse tipo de manifestação.

Embora todas as atletas consigam identificar a orientação de colegas do esporte que são mais próximos, segundo A2, ela, por meio de sua fé, acaba influenciando amigos próximos no esporte.

Esse, esse meu amigo aí, que eu falei, um deles, ele fala. E a outra minha amiga também. Tem dois amigos meus que não acreditam não mas eu sempre “tô” falando pra eles verem que as coisas que acontecem comigo. Acaba que daqui a pouco, eles, tipo, daqui a pouco eles começam a postar “Obrigado meu Deus!”, coisa que eles quase não falam né? Então, caraca, olha lá, tá falando de Deus! Coisas que antes eles não falavam mas de tanto eu ficar ali “Não, é Deus que me abençoou”, e tal, tal, tal. Eles acabam... acho que absorvendo, e “Poxa, tem alguma coisa ali!”.

O compartilhamento de crença experimentado por A2 aqui relatado não se apresenta necessariamente como proselitismo, porém mais como *autovalidação do crer* como mostra Hervieu-Léger (2008). A autora mostra que “quanto mais os indivíduos ‘bricolam’ o sistema de crenças correspondentes a suas próprias necessidades, tanto mais eles aspiram a intercambiar essa experiência com outros que partilham do mesmo tipo de aspirações espirituais” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 158). Ou seja, com menos intuito missionário, o compartilhamento daquilo em que se crê auxilia, na realidade, na comprovação de que tal crença faz sentido. Entretanto, a autora mostra que as tais significações religiosas individualmente produzidas não farão sentido por muito tempo caso não encontrem apoio e respaldo numa troca mútua com outros indivíduos. A partir daí entra em cena a instituição (mesmo que de um grupo) ou a morte daquela crença por “inanição”. Fato visualizado nas entrelinhas de todas as atletas religiosas.

Desse modo, os relatos das atletas apontam para um DSC muito representativo do panorama religioso brasileiro atual multifacetado e cada vez mais personalizado subjetivamente com evidentes repercussões para o esporte. Mesmo com a força das tradições religiosas presente na sociedade, evocadas de quando em quando de acordo com a necessidade /interesse imediato, há um enfraquecimento de suas influências, o que aparece também com relação ao esporte. Nas palavras de Hervieu-Léger (2008, p. 170),

a perda de força da observância, o desenvolvimento de uma religião “à la carte”, a proliferação das crenças combinadas a partir de várias

fontes, a diversificação das trajetórias de identificação religiosa, o desdobramento de uma religiosidade peregrina: todos esses fenômenos são indicadores de uma tendência geral à erosão do crer religioso institucionalmente validado.

Assim, da mesma forma, as relações que a religião estabelece com o universo esportivo parecem ser cada vez mais individualizadas: possivelmente mais intensas no discurso do que na prática esportiva cotidiana. Presente em muitos espaços e momentos do esporte mas com intensidades relativas, com tendências à forças reguladoras cada vez mais tênues, sutis.

Entretanto, este não é o fim da religião, ou da religiosidade no esporte. Pelo contrário, como Hervieu-Léger (2008) demonstra, os processos de secularização ao mesmo tempo que minam o poder das instituições promovem a proliferação de novas crenças, de novas religiões e religiosidades. Nasce novas formas de crer e de lidar com as crenças. E por isso, os atletas demonstrarão os novos modos de lidar com o desconhecido, com a incerteza da competição, com os desafios da carreira, sucessos e fracassos do esporte, maneiras mais individuais, mais complexas.

Isto ajude a entender, talvez, a curiosa associação de repostas dadas por atletas católicas, uma atleta de matriz evangélica, uma atleta de matriz espírita e uma atleta que se diz atea. Ou seja, atletas de origens religiosas completamente diferentes entre si, e até mesmo antagônicas, concordaram entre si em algumas questões.

Como nos lembrava Cipriani (2007), a religiosidade, esta capacidade humana de gerar sentido, cognitiva e emocionalmente, pode atender a necessidades ontológicas do ser humano nas buscas por esperança, significado e respostas existenciais.

Para Rubem Alves (2002) a esperança é a grande marca da religião, não se tratando de ópio do povo como propusera Marx nem de ilusão que deve cessar como anunciara Freud. De acordo com aquele autor, a alma religiosa se lança sobre o abismo, “na direção das evidências do sentimento, da voz do amor, das sugestões da esperança”. E se lança inteira pois “é mais belo o risco ao lado da esperança que a certeza ao lado de um universo frio e sem sentido” (ALVES, 2002, p. 125-126).

É na certeza das coisas que se esperam e na convicção dos fatos que não se veem que reside a esperança transcendente, religiosa do indivíduo em sociedade. Estruturalmente, o ser humano espera. Para Giussani (2000, p. 82-83) “a espera é estrutura da nossa natureza, a essência da nossa alma. Ela não é cálculo: é dada.”

Ainda, de acordo com o filósofo, “a promessa está na origem [...] Quem fez o homem o fez ‘promessa’. Estruturalmente o homem espera; estruturalmente é mendicante: estruturalmente a vida é promessa.”

Antes, depois e ao longo dos Jogos Olímpicos de 2016, bem como em outras edições, foi possível perceber as expectativas cheias de esperança quanto ao futuro nas falas de atletas, brasileiros ou não. Um exemplo muito interessante pode ser encontrado numa entrevista ao jornal da organização não governamental cristã Atletas de Cristo.¹⁷ Nela, o atleta Thiago Braz, medalhista de ouro e recordista olímpico em 2016 no salto com vara, relatou algo que dificilmente seria abordado em outras mídias ou até mesmo na universidade. Uma experiência que segundo o atleta foi determinante para seu sucesso, a medalha de ouro olímpica:

Antes da minha prova eu tinha conversado com meu pastor, e ele falou: Deus vai deixar você ser campeão. Eu estava com a prata e pensei: Será que eu vou mesmo ser campeão? Aí tentei e deu certo.

Tanto no caso de Thiago Braz, quanto nas narrativas das atletas participantes deste estudo, evidencia-se a necessidade de considerarmos em nossas pesquisas no campo esportivo aspectos pessoais subjetivos, como a religiosidade, muitas vezes negligenciados academicamente. A importância de entender suas diferentes relações utilitaristas (mais institucionais), paternalistas (mais individuais), relações de fé e esperança com o esporte.

Como destaca Perez (2009, p. 121), em estudos realizados sobretudo com jovens, “a religião continua a atuar sobre a vida, a ser fonte de sentido e de experiência, mas não necessariamente e unicamente sob a forma exclusivamente formal da religião institucional [...] ela faz parte das referências culturais mais imediatas desses jovens.” Muitas vezes, como destaca esta autora, a religiosidade, ou a preocupação religiosa, está na base de muitos comportamentos e juízos morais, como talvez em casos de *fair play*, por exemplo, entre outros valores. Hervieu-Léger (2008) também nos lembra que a religião pode até não pretender mais mudar toda uma sociedade, mas ela ainda continua íntima e profundamente mudando os indivíduos.

Por mais complexo que seja o tema e por mais arriscados e controversos que sejam os estudos e seus resultados, como assinala Moreira-Almeida (2007), as

¹⁷ Disponível em: <http://www.atletasdecristo.org/jornal/256/Jornal%20ADC%20Agosto%202016.pdf>. Acesso em: 18 de setembro de 2017.

evidências apontam para o necessário aprofundamento nos sentidos e nos significados que a religiosidade vivenciada por atletas aciona no meio esportivo. Independentemente de possuímos crenças materialistas ou espirituais, atitudes e comportamentos religiosos ou antirreligiosos, necessitamos explorar as relações que a religiosidade vem estabelecendo no contexto esportivo para aprimorar o conhecimento sobre o ser humano e as suas relações com o Esporte (MOREIRA-ALMEIDA, 2007).

Como Minayo (2017, p. 9) nos lembra, “quem faz pesquisa qualitativa trabalha com a ideia de que ciência se faz por aproximações” e sabe “que as investigações seguem e se aprofundam no futuro com ele ou com outros pesquisadores”. Por isso, acreditamos que nos aproximamos de modelos de comportamentos expressados por atletas olímpicas brasileiras. Sabemos que as generalizações são limitadas e vistas com cautelas, embora estejamos mais perto de entender um pouco sobre as construções sociais que atletas fazem em suas relações com o esporte e suas orientações religiosas e como estas relações influenciam suas carreiras esportivas e suas vidas.

9 CONCLUSÕES

A partir dos objetivos traçados inicialmente, foi possível investigar, comparar e analisar algumas das possíveis relações das vivências esportivas e da religiosidade de atletas olímpicos mediante entrevistas semiestruturadas baseadas no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e no Método de História Oral.

Os resultados deste estudo revelam que muitas e complexas são as relações entre a religiosidade e a vivência esportiva de atletas olímpicos brasileiros. Por isso sugere-se novos estudos com grupos maiores de atletas, incluindo homens, com comparações entre diferentes religiões e denominações religiosas, comparando diferentes crenças e comportamentos, estudando casos controversos específicos, etc.

Assim, a partir de nosso estudo, pode-se listar as seguintes conclusões:

- As influências religiosas reforçadas por dirigentes esportivos nos séculos 19 e 20, como parte da busca por ideais elevados no esporte, se reconfiguraram ao longo das décadas não sendo mais claramente percebidas no movimento olímpico nem nas falas das atletas.
- A representatividade religiosa entre atletas olímpicos no Brasil parece seguir as tendências da população brasileira em geral apontada pelos últimos censos nacionais.
- A influência religiosa percebida diretamente na vivência esportiva é fraca: pontual – somente para determinados fins; e esporádica – apenas em alguns momentos, estando sempre relacionada à superação de desafios e à conquista de objetivos. A religião contribui positivamente com a carreira esportiva e esta, por sua vez, não interfere ou interfere negativamente na religião.
- A crença em Deus das atletas pesquisadas, embora sofra influência da religião familiar predominante, é exercida a sua maneira, subjetiva e individualmente.
- Esta crença fornece suporte psicológico para a maioria das atletas ao ajudar a lidar com os constantes desafios da carreira esportiva promovendo resiliência, autoconfiança e esperança. Enquanto que a não crença é vista como um forma de ter mais autonomia no esporte, mais autonomia para agir sem precisar prestar contas ou esperar pela intervenção de um ser superior.
- Os gestos e rituais religiosos exteriorizados por atletas antes, durante e depois de competições se apresentam como expressões e manifestações dessas

influências religiosas. Tais comportamentos nem sempre são expressões religiosas propriamente ditas, se caracterizando muitas vezes por manifestações rituais quase inconscientes, supersticiosas ou não, realizadas como um gesto esportivo automatizado. Embora atletas com comportamentos marcadamente religiosos no contexto esportivo possam ter crenças religiosas mais sólidas.

- O esporte influencia consciente e inconscientemente o comportamento religioso das atletas pesquisadas, o que vai desde a alteração de rotinas, de práticas e ritos religiosos até mesmo o abandono deles. Mas fica claro que a relação é muitas vezes inconsciente.
- A crença em uma intervenção sobrenatural no esporte, seja em resultados, em situações específicas, nas derrotas ou vitórias não é consenso mesmo entre atletas que se dizem muito religiosos.
- Atletas ateus podem acreditar na díade sorte/azar e crer que de alguma forma ela interfere em resultados no esporte.
- A expressão religiosa em eventos esportivos é vista de forma diferente também entre atletas religiosos sendo apoiada e criticada ao mesmo tempo. Mas, quanto mais religioso o indivíduo mais tais expressões farão parte do seu cotidiano esportivo.
- As orientações religiosas difusas não possuem força suficiente para encantar e sobrenaturalizar o esporte de alto rendimento, que por sua vez se mantém cético ao cobrar esforço pessoal e coletivo dos indivíduos envolvidos eliminando a possibilidade de sorte e azar em seus resultados. Embora esta díade ainda permaneça presente no imaginário de atletas, neste caso específico, do indivíduo ateu.
- O esporte desempenha uma função secularizante na vida de atletas olímpicos, sobretudo ao limitar a participação em cultos e cerimônias religiosas regulares.
- As tendências de comportamentos das atletas, envolvidas com as orientações religiosas, são tão plurais quanto suas crenças, uma vez que a bricolagem de crenças e religiões é feita cada vez mais individual e menos coletivamente.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **O que é religião?** 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BAKER, W.J. "To Play or to Pray? The YMCA Question in the United Kingdom and the United States, 1850-1900." **International Journal of the History of Sport**, n. 11, v.1, p. 42-62, 1994.

BUHRMANN, H. G.; ZAUGG, M. K. Religion and superstition in the sport of basketball. **Journal of Sport Behavior**, 6, 146-157, 1983.

BURKE, L.M; KING, C. Ramadan fasting and the goals of sports nutrition around exercise. **Journal of Sports Sciences**, n. 30, Suppl 1, p. 21-31, 2012.

BRANDÃO, C.R. Catolicismo. Catolicismos? In: FAUSTINO, T; MENEZES, R. (orgs.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 89-109.

CAPLAN, L. *et al.* Religiosity after a diagnosis of cancer among older adults. **Journal of Religion, Spirituality & Aging**, v. 26, n. 4, p. 357–369, 2014.

CARIBÉ, A.C. *et al.* Religiosity and impulsivity in mental health: is there a relationship? **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 203, n.7, p. 551–554, 2015.

CARIBÉ, A.C. *et al.* Religiosity as a protective factor in suicidal behavior: a case-control study. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 200, n. 10 p. 863-867, 2012.

CARRICO, A.W. *et al.* A path model of the effects of spirituality on depressive symptoms and 24-h urinary-free cortisol in HIV-positive persons. **Journal of Psychosomatic Research**, v. 61, n. 1, p. 51-58, 2006.

CASANOVA, J. Rethinking secularization: a global comparative perspective. In: BEYER, P.; BEAMAN, L. **Religion, Globalization and Culture**. Leiden: Brill, 2007, p. 101-120.

CHAOUACHI, A. *et al.* The effects of Ramadan intermittent fasting on athletic performance: recommendations for the maintenance of physical fitness. **Journal of Sports Sciences**, n. 30 Suppl 1, p. 53-73, 2012.

CIPRIANI, R. **Manual de sociologia da religião**. São Paulo: Paulus, 2007.

COAKLEY, J. **Sports in society: issues and controversies**. 10th ed. New York, McGraw-Hill, 2009.

COMITÊ ORGANIZADOR DOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS RIO 2016. Disponível em: <https://www.rio2016.com/educacao/sites/default/files/midiateca/aulas/aula1_valores_educacionais_do_olimpismo_0.pdf>. Acesso em: 04 nov 2016.

COUBERTIN, P. **Ideário olímpico**: discursos y ensayos. Madrid: Instituto Nacional de Educacion Fisica, 1973.

COUBERTIN, P. **Pierre de Coubertin: 1863-1937: Olimpismo**: seleção de textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

COUSINEAU, P. **O ideal olímpico e o herói de cada dia**. São Paulo: Mercuryo, 2004.

DÖMÖTÖR, Z.; RUIZ-BARQUIN, R.; SZABO, A. Superstitious behavior in sport: A literature review. **Scandinavian Journal of Psychology**, 57, 368–382, 2016.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EDGEELL, P. A Cultural Sociology of Religion: New Directions. **Annual Review of Sociology**, n. 38, 2012, p. 247–265.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. 4ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ENGLER, S. Teoria da Religião Norte-americana: Alguns Debates Recentes. **Revista de Estudos da Religião**, n. 4, 2004, p. 27-42.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

FREITAS, S.M. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2.ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GARCIA, R. O olimpismo: um apelo à transcendência. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L. **Temas atuais XI em Educação Física e esportes**: Coletânea de trabalhos dos professores do Departamento de Esportes e Afins Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFGM. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2006.

GARNHAM, N. Both praying and playing: "Muscular Christianity" and the YMCA in North-East County Durham. **Journal of Social History**, p. 397-407, winter, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIUSSANI, L. **O senso religioso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

HALL, D.E. **Muscular Christianity**: embodying the victorian age. New York: Cambridge University Press, 2006.

HAMZEH, M; OLIVER, K.L. "Because I am Muslim, I cannot wear a swimsuit": Muslim girls negotiate participation opportunities for physical activity. **Res Q Exerc Sport**, Jun, n. 83, v.2, p. 330-9, 2012.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HERVIEU-LÉGER, D.; WILLAIME, J. Sociologia e religião: abordagens clássicas. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009.

HUBERT, H; MAUSS, M. Théorie Générale de La Magie. L'Année Sociologique, n. 7 (1902-1903), 1904. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k93916d/f6.item.r=%22religion%20modern%22>>.

HUMMER, R.A. *et al.* Religious involvement and U.S. adult mortality. **Demography**, v. 36, n. 2, p. 273-285, 1999.

IRONSON, G. *et al.* An increase in religiousness/spirituality occurs after HIV diagnosis and predicts slower disease progression over 4 years in people with HIV. **Journal of General Internal Medicine**, v.21, n.17, p. 62-68, 2006.

JACKSON, P.; DELEHANTY, H. **Cestas Sagradas**: lições espirituais de um guerreiro das quadras. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

JONA, I.N; OKOU, F.T. Sports and religion. **Asian Journal of Management Sciences and Education**, v. 2, n. 1, January, 46-54, 2013.

KOENIG, H.G. Religion and Medicine III: developing a theoretical model. **International Journal of Psychiatry Medicine**, v. 31, n. 2, p. 199-216, 2001.

KRÜGER, A. The Origins of Pierre de Coubertin's Religio Athletae. **OLYMPIKA: The International Journal of Olympic Studies**, v. II, 1993, p. 91-102.

LAWLER, K.A.; YONGER, J.W. Theobiology: an analysis of spirituality, cardiovascular responses, stress, mood, and physical health. **Journal of Religion Health**, v. 41, n. 4, p. 347-362, 2002.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A.M.C.; TEIXEIRA, J.J.V. **O discurso do sujeito coletivo**: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

LEITE, M.R. **A Actividade física no idoso na visão da religião**: estudo centrado no Cristianismo, Islamismo, Budismo e Taoismo. Porto: M. R. Leite. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2008.

LOVISOLO, H.; LACERDA, Y. Reencantando as Quadras: Basquete e Espiritualidade. In: **Peligro de gol. estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000, p. 233-247.

LUTGENDORF, S.K. *et al.* Religious participation, interleukin-6, and mortality in older adults. **Health Psychology**, v. 23, n. 25, p. 465-475, 2004.

MACALOON, J.J. Introduction: Muscular Christianity after 150 years. **The International Journal of the History of Sport**, v. 23, n. 5, p. 687-700, 2006.

MACHADO, R.P.T. **Esporte e religião no imaginário da Grécia antiga**. Dissertação de mestrado. Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, 2006.

MALINOWSKI, B. **Magia, ciência e religião**. Lisboa: Edições 70. 1988.

MARCIANO, R.C. Transtornos mentais e qualidade de vida em crianças e adolescentes com doença renal crônica e em seus cuidadores. Dissertação de Mestrado apresentada à faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

MARIANO, R. Usos e limites da teoria da escolha racional da religião. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, FFLCH-USP, v. 20, n. 2, 2008, p.41-66.

MARIZ, C.L.; GRACINO JR., P. As igrejas pentecostais no Censo de 2010. In: FAUSTINO, T; MENEZES, R. (orgs.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 161-174.

MASTERS, K.S. *et al.* Are there demonstrable effects of distant intercessory prayer? A meta-analytic review. **Annals of Behavioral Medicine**, v. 32, n. 1, p. 21-26, 2006.

MCCULLOUGH, M.E. *et al.* Religious involvement and mortality: a meta-analytic review. **Health Psychology**, v. 19, n. 3, p. 211-222, 2000.

MCKNIGHT, C.M.; JUILLERAT, S. Perceptions of clinical athletic trainers on the spiritual care of injured athletes. **Journal of Athletic Training**, v. 46, n. 3, p. 303-11, 2011.

MINAYO, M.C.S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v. 5, n. 7, p. 01-12, abril, 2017.

MODESTO, A.L. Religião, escola e os problemas da sociedade contemporânea. In: DAYRELL, J. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 2. reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MOREIRA-ALMEIDA, A.L. Espiritualidade e saúde: passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora. **Revista de Psiquiatria Clínica**. v. 34, s. 1, p. 3-4. 2007.

MOREIRA-ALMEIDA, A.L.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H.G. Religiousness and mental health: a review. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. 3, p. 242-50, 2006.

MORETTI, A.J. An Olympic Religion: Does the IOC Still Have Faith in the Olympic Games? In: SCHULTZ, B.; SHEFFER, M.L. **Sport and religions in the twenty-first century**. Maryland: Lexington Books, 2015, p. 67-84.

MORIN, E. **O método 5: a humanidade da humanidade**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NOVAES, R.R. Jovens sem religião: sinais de outros tempos. In: FAUSTINO, Teixeira; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 175-190.

NOVAES, R.R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença? In: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 263-290.

NYKVIST, M. Neo-olympismens religiösa sentiment: Pierre de Coubertins 'religio athletae' och den brittiska muskelkristendomen. **Religionsvetenskaplig interntidskrift**, 16, p. 1-4, 2014.

NYKVIST, M. Sport and Religion in the Twenty-First Century - Review. **Reading Religion**. 2016. Disponível em: < <http://readingreligion.org/books/sport-and-religion-twenty-first-century>>.

OMAN, D. *et al.* Religious attendance and cause of death over 31 years. **International Journal of Psychiatry in Medicine**, v. 32, p.69-89, 2002.

PAJEVIC, I.; HASANOVIC, M.; DELIC, A. The influence of religious moral beliefs on adolescents' mental stability. **Psychiatra Danub.** v. 19, n. 3, p. 173-83, 2007.

PANZINI, R.G.; BANDEIRA, D.R. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, s.1, p. 126-135, 2007.

PARRY, J. The religio athletae, Olympism and peace. In: PARRY, J., ROBINSON, S., WATSON, N.; NESTI, M. **Sport and Spirituality: An Introduction**. London: Routledge, 2007.

PEREZ, L.F. Apontamentos sobre juventude, religião e valores. In: PEREZ, L.F; TAVARES, F.; CAMURÇA, M.A; PEREIRA, A. **Ser jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, p. 99-123.

PIERUCCI, A.F. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010. In: FAUSTINO, T; MENEZES, R. (orgs.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 49-61.

POWELL, L.H *et al.* Religion and spirituality. Linkages to Physical Health. **American Psychologist**, v. 58, n. 1, p. 36-52, 2003.

PRANDI, J.R. Perto da magia, longe da política. In: **A realidade social das religiões no Brasil**: religião, sociedade e política. São Paulo: Universidade de São Paulo: HUCITEC, 1996, p. 93-105.

PUTNEY, C. **Muscular Christianity**: Manhood and Sports in Protestant America, 1880–1920. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

RAMOS, J.J. **Os exercícios físicos na história e na arte**: do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: IBRASA, 1982.

RIBEIRO, J.C. **Religiosidade jovem**: pesquisa entre universitários. São Paulo: Loyola: Olho d'Água, 2009.

ROBINSON, S. Sport and spirituality. In: PARRY, J., ROBINSON, S., WATSON, N.; NESTI, M. **Sport and Spirituality**: An Introduction. London: Routledge, 2007.

RODEK, J.; SEKULIC, D.; PASALIC, E. Can we consider religiousness as a protective factor against doping behavior in sport? **Journal of Religion and Health**, 48(4), 445–453, 2009.

ROESCH, H.E. Olympism and Religion. **Proceedings of the International Olympics Academy**, 19, 1979, p. 192-205.

RUBIO, K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, jan./mar., 2010.

SANCHES, S.M. **Resiliência e Prática Esportiva**. 2009. 305 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SANDRINI, M. **Religiosidade e educação no contexto da pós-modernidade**: da ambivalência da fixação e da flutuação à aporia do amor. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

SANTOS, A.R. *et al.* Associação entre prática religiosa e comportamentos de risco à saúde em adolescentes de Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 20, n. 3, p.284-296, 2015.

SARKAR, M; HILL, D. M; PARKER, A. Working with religious and spiritual athletes: Ethical considerations for sport psychologists. **Psychology of Sport and Exercise**, n. 15, v. 6, p. 580-587, 2014.

SCHULTZ, B.; SHEFFER, M.L. **Sport and religions in the twenty-first century**. Maryland: Lexington Books, 2015.

SHEFFER, M.L. Who's got game: America's new Religion. In: SCHULTZ, B.; SHEFFER, M.L. **Sport and religions in the twenty-first century**. Maryland: Lexington Books, p. 1-14, 2015.

SISASK, M. *et al.* Is religiosity a protective factor against attempted suicide: A cross-cultural case-control study. **Archives of Suicide Research**, v. 14, n. 1, p. 44-55, 2010.

SPITTLE, M.; DILLON, R. Mystical experience to measurable description: the relationship between spirituality and flow in Golf. **Facta Universitatis Series Physical Education and Sport**, v. 12, n. 1, p. 1-10, 2014.

STORCH, E.A. *et al.* Religiosity of elite college athletes. **The sport psychologist**, 15, 346-351, 2001.

STORCH, E.A. *et al.* Strength of Religious Faith: A Comparison of Intercollegiate Athletes and Non-Athletes. **Pastoral Psychology**, v. 52, n. 6, July, 485-489, 2004.

TAUNAY, T.C. *et al.* Validação da versão brasileira da escala de religiosidade de Duke (DUREL). **Revista de Psiquiatria Clínica**. v. 39, n. 4, p. 130-135, 2012.

TAYLOR, R.J.; CHATTERS, L.M.; JOE, S Religious involvement and suicidal behavior among African Americans and Black Caribbeans. **Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 199, n. 7, p.478-86, 2011.

TAYLOR, R.J.; CHATTERS, L.M.; NGUYEN, A.W. Religious participation and DSM IV major depressive disorder among Black Caribbeans in the United States. **Journal of Immigrant and Minority Health**, v.15, n. 5, p. 903-909, 2013.

TEIXEIRA, F. O Censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação. In. FAUSTINO, T; MENEZES, R. (orgs.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 17-35.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, agosto. 1999.

VAZ, H.C.L. **Filosofia e cultura**. (Escritos de filosofia III). São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VERNANT, J-P. **Entre mito e política**. São Paulo: EDUSP, 2001.

VOLDMAN, D. Definições e usos. In: FERREIRA, M.M; AMADO, J. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006, p. 33-42.

WATSON, N.J; WEIR, S; FRIEND, S. The Development of Muscular Christianity in Victorian Britain and Beyond. **Journal of Religion & Society**, 7, p. 1-21, 2005.

WIGGINS, M.S; HILLYER, S.J; BROWNING, C. Pilot study of Muslim women's perceptions on religion and sport. **Psychological Reports**, Jun, n. 96, (3 Pt 1), p. 787-90, 2005.

WU, A.; WANG, J.Y.; JIA, C.X. Religion and completed suicide: a Meta-Analysis. **PLoS One**. v. 10, n. 6, 2015.

ZENIC, N.; STIPIC, M.; SEKULIC, D. Religiousness as a factor of hesitation against doping behavior in college-age athletes. **Journal of Religion and Health**, 52(2), 386–396, 2013.

ZVAN, M. *et al.*. Gender- and Sport-Specific Associations Between Religiousness and Doping Behavior in High-Level Team Sports. **Journal of Religion and Health**. 1-13, 2016.

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL

1. DADOS DO INDIVÍDUO

Nome completo _____

Sexo

☐
☐

 Masculino
Feminino

RG _____

Data de nascimento _____

Endereço completo _____

CEP _____

Fone _____

e-mail _____

2. RESPONSÁVEL LEGAL

Nome completo _____

Natureza (grau de parentesco, tutor, curador, etc.) _____

Sexo

☐
☐

 Masculino
Feminino

RG _____

Data de nascimento _____

Endereço completo _____

CEP _____

Fone

e-mail

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. Título do Projeto de Pesquisa

ANÁLISE DA RELIGIOSIDADE NO ESPORTE: PERCEPÇÃO DE ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS

2. Pesquisador Responsável

ANTÔNIO CARLOS SIMÕES

3. Cargo/Função

PROFESSOR TITULAR DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DA USP

4. Avaliação do risco da pesquisa:

☒

RISCO MÍNIMO

☐

RISCO BAIXO

☐

RISCO MÉDIO

☐

RISCO MAIOR

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

5. Duração da Pesquisa

15 MESES

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO INDIVÍDUO OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, DE FORMA CLARA E SIMPLES, CONSIGNANDO:

1. Justificativa e os objetivos da pesquisa:

Você está sendo convidado a participar em uma pesquisa intitulada “ANÁLISE DA RELIGIOSIDADE NO ESPORTE: PERCEPÇÃO DE ATLETAS OLÍMPICOS BRASILEIROS”. Esta se faz importante na medida em que o esporte e a vivência esportiva de atletas profissionais brasileiros de alto nível podem ser influenciados por diferentes fatores, entre eles a religiosidade de diferentes maneiras. Além, é claro, do fato de que a religiosidade de atletas podem também sofrer influências oriundas da prática esportiva. Apesar de pouco estudadas cientificamente ainda, é preciso prestar atenção nas crenças e visões de mundo dos atletas e na forma como elas influenciam as maneiras de lidar com o esporte. Entender como se dão tais processos é de extrema importância para a forma como profissionais do esporte se relacionam com seus atletas, no respeito à individualidade e nas crenças tão importantes para a vida do atleta. Relações de confiança entre atletas e demais profissionais do esporte dificilmente serão construídas negligenciando aspectos tão vitais para a identidade do indivíduo como a religiosidade.

Este estudo tem como objetivo analisar como a religiosidade pode influenciar o esporte e as carreiras esportivas de atletas brasileiros, e especificamente, identificar as principais orientações religiosas e os níveis de religiosidade de atletas; investigar o papel da religiosidade na vivência das diferentes modalidades

esportivas e as relações com o sucesso e o fracasso, vitória e derrota no entendimento de atletas; examinar a ação do Esporte como agente secularizante na vida de atletas e a ação da religiosidade no “encantamento” do fenômeno esportivo.

2. Procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais;

Para que possamos realizar este estudo alguns procedimentos são necessários e, para isso, contamos com a sua participação. Não há nenhuma restrição para participar desta pesquisa. Você será entrevistado por um pesquisador devidamente orientado para fazer esta entrevista. A entrevista com base na sua história de vida e na história temática (neste caso com o tema específico da religiosidade no esporte como pano de fundo) possibilitará o relato oral sobre suas crenças, suas convicções, suas superstições, modalidades religiosas (crente, atea, agnóstica, etc.), sua espiritualidade, suas relações com o divino e de transcendência, suas participações religiosas institucionais, além de crenças e superstições relacionadas com o esporte de uma maneira geral e com sua modalidade específica, durante as competições, durante as provas, etc. Além disso, como estes aspectos religiosos e/ou espirituais de sua vida se relacionam com a sua carreira esportiva e possivelmente com toda a sua existência. Será elaborado um roteiro único, amplo e abrangente para ser utilizado em todas as entrevistas buscando garantir uma certa unidade dos documentos. A aplicação do roteiro nas entrevistas não se dará de forma rígida, uma vez que perguntas são suscitadas no decorrer do relato (FREITAS, 2006). A entrevista será gravada e/ou filmada e o que você disser será registrado para posterior estudo. Todos os dados da entrevista serão arquivados pelo período de quatro anos. Após passado este período os dados serão descartados, não podendo ser acessados por ninguém. O material gravado terá fins exclusivos desta pesquisa, não podendo ser utilizados para nenhum outro fim. Caso esta pesquisa venha a ser publicada alguns de seus dados pessoais poderão ser divulgados, visto que utilizaremos trechos de sua entrevista, bem como a identificação do esporte que pratica e a medalha ganha nos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro. Não há prejuízos na participação deste estudo visto que você não será examinado(a) por processos invasivos e pode se recusar a responder as perguntas, até mesmo desistindo de participar desta pesquisa, a qualquer instante. Caso tenha alguma dúvida ou problema você pode interromper a entrevista e questionar o entrevistador a qualquer instante. Você também pode se recusar a participar do estudo sem qualquer tipo de prejuízo. Esta pesquisa é dividida em etapas: 1 – Um pesquisador entrará em contato a respeito do interesse inicial e disponibilidade para a participação da pesquisa por meio de entrevista. Antes de qualquer procedimento de entrevista gravada, você assinará este termo de consentimento livre e esclarecido. 2 – Assim que você concordar em participar do estudo, você será entrevistado em dia e horário agendados de acordo com a sua disponibilidade. 3 – Os dados coletados serão analisados. 5 – Publicação dos resultados e das análises e discussões.

3. Desconfortos e riscos esperados;

O presente estudo se apoiará, essencialmente, na pesquisa qualitativa, cuja prática principal para a coleta de dados se dará pela aplicação de entrevistas semiestruturadas e, neste sentido, os desconfortos e risco são mínimos. Caso você se sinta desconfortável com alguma situação você pode desistir de participar do estudo a qualquer instante, mesmo após ter sido entrevistado.

Os procedimentos poderão ser interrompidos, no caso de alguma alteração fisiológica, que possa comprometer a sua saúde. O desconforto pode surgir pela sua relação com memórias passadas, pois experiências anteriores serão abordadas e/ou incômodo pela exposição de crenças religiosas particulares.

4. Benefícios que poderão ser obtidos;

Não há nenhum tipo de benefício financeiro para você em decorrência de sua participação na pesquisa, pois está sendo convidado a participar voluntariamente. No entanto, indiretamente você poderá ser beneficiado quando da sua contribuição com o esporte e com a sociedade de maneira geral, dividindo suas experiências com o esporte, a partir de sua religiosidade.

5. Procedimentos alternativos que possam ser vantajosos para o indivíduo.

Não se aplica.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA:

1. Caso aceite participar desta pesquisa você terá acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas;
2. Também terá liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência.

V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Antônio Carlos Simões. Escola de Educação Física e Esporte da USP, Departamento de Esporte. Av. Prof. Mello de Moraes, 65. Bairro Butantã. CEP. 05.508-900. São Paulo/SP. Brasil - Caixa-postal: 11493. Telefone: (11) 3091-3179.

Pesquisador: Doutorando Marcos Filipe Guimarães Pinheiro: Rua Deputado Feliciano Pena, 70, 203A. Bairro Santa Amélia. CEP. 31.560-110. Belo Horizonte/MG. Telefone: (31) 99291-0091.

Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da USP: Avenida Professor Mello Moraes, n.65. Cidade Universitária. CEP: 05508-030. São Paulo/SP. (11) 3091-3097.

Aprovação CAAE 68404217.3.0000.5391 e Parecer Consubstanciado número 2.110.387.

VI - OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

Não se aplica

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

Local: _____, Data: ____/____/____

assinatura do sujeito da pesquisa

ou responsável legal

assinatura do pesquisador

(carimbo ou nome legível)

Anexo B – Parecer Consubstanciado

USP - ESCOLA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA E ESPORTE DA
UNIVERSIDADE DE SÃO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Análise da religiosidade no esporte: a percepção de atletas brasileiros

Pesquisador: Antônio Carlos Simões

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 68404217.3.0000.5391

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.110.387

Apresentação do Projeto:

Trata-se de estudo qualitativo, do tipo descritivo exploratório, com atletas profissionais, visando compreender a presença e a influência da religiosidade em suas vidas e no desenvolvimento da carreira esportiva. Apresenta articulação teórica consistente ao cumprimento do objetivo proposto e trará benefícios para a área de conhecimento em tela.

Objetivo da Pesquisa:

Levantar e descrever a presença e a influência da religiosidade na vida de atletas profissionais brasileiros e no desenvolvimento de suas carreiras esportivas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O estudo envolve risco mínimo aos participantes e produzirá conhecimento sobre a presença e influência da religiosidade na vida dos atletas profissionais à luz da área de Educação Física.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo utiliza bibliografia pertinente e atualizada, proporcionando o desencadeamento de conceitos articulados com a análise empírica proposta. Produzirá conhecimento sobre aspectos psicossociais que podem influenciar a prática esportiva profissional e envolve risco mínimo aos participantes.

Endereço: Av. Profº Mello Moraes, 65

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-3097

Fax: (11)3812-4141

E-mail: cep39@usp.br

**USP - ESCOLA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA E ESPORTE DA
UNIVERSIDADE DE SÃO**

Continuação do Parecer: 2.110.387

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi redigido com linguagem acessível aos participantes do estudo e descreve de forma satisfatória os riscos e benefícios advindos da participação dos mesmos na coleta de dados para o estudo.

Recomendações:

O desenho do estudo e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) estão em consonância com os princípios e diretrizes éticas de pesquisa com seres humanos. Não foram constatadas pendências ou inadequações que impeçam a aprovação do protocolo de pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existe pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_914074.pdf	11/05/2017 16:16:14		Aceite
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoUSP_maio2017.docx	11/05/2017 16:14:41	Antônio Carlos Simões	Aceite
Recurso Anexado pelo Pesquisador	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA.docx	11/05/2017 16:09:52	Antônio Carlos Simões	Aceite
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	11/05/2017 16:07:10	Antônio Carlos Simões	Aceite
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	11/05/2017 16:06:00	Antônio Carlos Simões	Aceite

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Profº Mello Moraes, 65

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SÃO PAULO

Telefone: (11)3091-3097

Fax: (11)3812-4141

E-mail: cep39@usp.br

USP - ESCOLA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA E ESPORTE DA
UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 2.110.387

SAO PAULO, 09 de Junho de 2017

Assinado por:
Edilamar Menezes de Oliveira
(Coordenador)

Endereço: Av. Profº Mello Moraes, 65

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 05.508-030

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3091-3097

Fax: (11)3812-4141

E-mail: cep39@usp.br